

Secretaria de Educação Especial
Esplanada dos Ministérios
Bloco L, 6º andar - Gabinete
seesp@mec.gov.br - www.mec.gov.br



Saberes e práticas da inclusão

**Desenvolvendo competências
para o atendimento às necessidades
educacionais especiais de alunos com
altas habilidades / superdotação**

Presidente da República

Luiz Inácio Lula da Silva

Ministro da Educação

Fernando Haddad

Secretário Executivo

José Henrique Paim Fernandes

Secretária de Educação Especial

Claudia Pereira Dutra

Saberes e práticas da inclusão

**Desenvolvendo competências
para o atendimento às necessidades
educacionais especiais de alunos com
altas habilidades / superdotação**

Saberes e Práticas da Inclusão

Caderno do Coordenador / Formador de Grupo

Recomendações para a construção de escola inclusiva

Desenvolvendo Competências para o Atendimento às Necessidades
Educaçãoais Especiais de Alunos Surdos

Desenvolvendo Competências para o Atendimento às Necessidades
Educaçãoais Especiais de Alunos com Deficiência Física/neuro-motora

Desenvolvendo Competências para o Atendimento às Necessidades
Educaçãoais Especiais de Alunos com Altas Habilidades/Superdotação

Desenvolvendo Competências para o Atendimento às Necessidades
Educaçãoais Especiais de Alunos Cegos e de Alunos com Baixa Visão

Avaliação para Identificação das Necessidades Educaçãoais Especiais

FICHA TÉCNICA

Coordenação Geral
SEESP/MEC

Consultoria

Maria Salete Fábio Aranha

Revisão Técnica

Ângela M. Rodrigues Virgolim
Denise de Souza Fleith

Revisão de Texto

Maria de Fátima Cardoso Telles

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Saberes e práticas da inclusão : desenvolvendo competências para o atendimento às necessidades
educacionais especiais de alunos com altas habilidades/superdotação. [2. ed.] / coordenação
geral SEESP/MEC. - Brasília : MEC, Secretaria de Educação Especial, 2006.
143 p. (Série : Saberes e práticas da inclusão)

1. Competência pedagógica. 2. Educação dos superdotados 3. Adequação do currículo. I.
Brasil. Secretaria de Educação Especial.

CDU: 376.014.53
CDU 376.54

Prezado (a) Professor (a) ,

A Educação Especial, como uma modalidade de educação escolar que perpassa todas as etapas e níveis de ensino, está definida nas Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica que regulamenta a garantia do direito de acesso e permanência dos alunos com necessidades educacionais especiais e orienta para a inclusão em classes comuns do sistema regular de ensino.

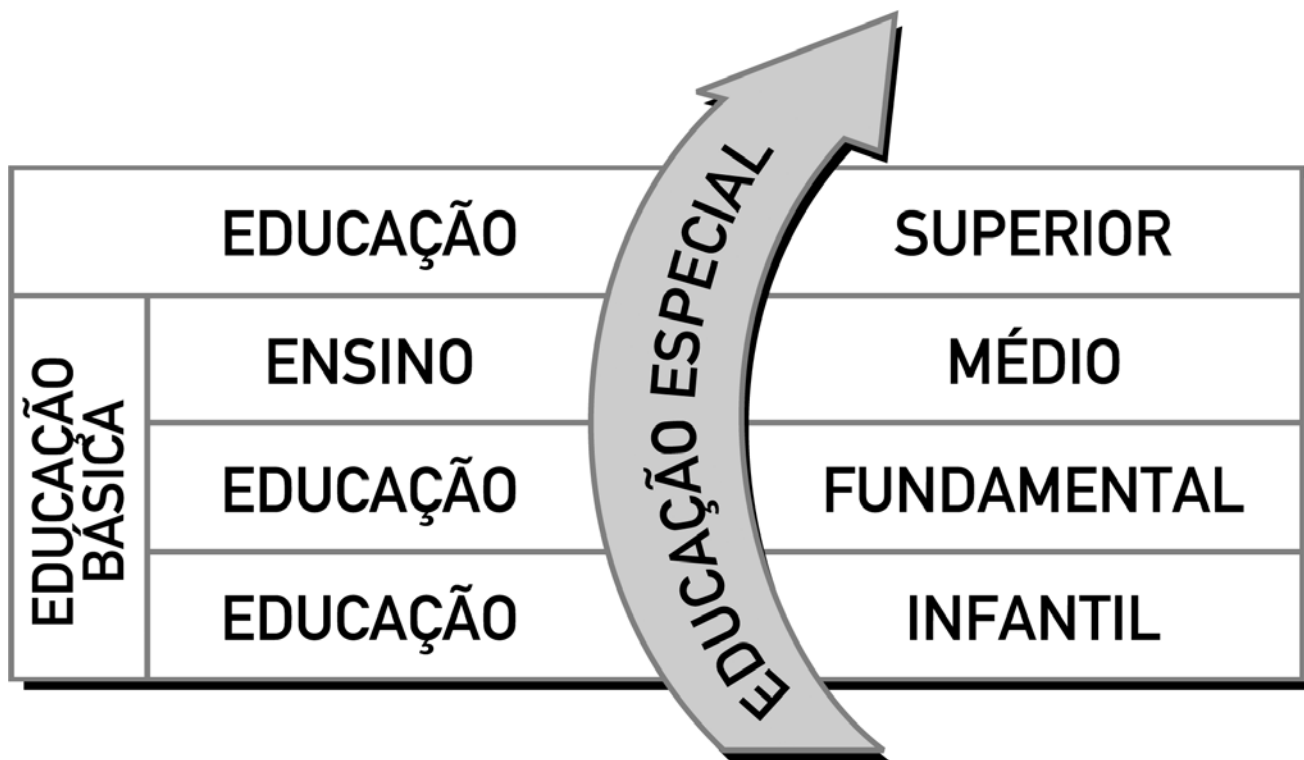
Considerando a importância da formação de professores e a necessidade de organização de sistemas educacionais inclusivos, para a concretização dos direitos dos alunos com necessidades educacionais especiais, a Secretaria de Educação Especial do MEC tem a satisfação de entregar-lhe a coleção “Saberes e Práticas da Inclusão”, que aborda as seguintes temáticas:

- Caderno do Coordenador e do Formador de Grupo.
- Recomendações para a construção de escolas inclusivas.
- Desenvolvendo competências para o atendimento às necessidades educacionais especiais de alunos surdos.
- Desenvolvendo competências para o atendimento às necessidades educacionais especiais de alunos com deficiência física/neuromotora.
- Desenvolvendo competências para o atendimento às necessidades educacionais especiais de alunos com altas habilidades/superdotação.
- Desenvolvendo competências para o atendimento às necessidades educacionais especiais de alunos cegos e de alunos com baixa visão.
- Avaliação para identificação das necessidades educacionais especiais.

Desejamos sucesso em seu trabalho.

“O quadro a seguir ilustra como se deve entender e ofertar os serviços de educação especial, como parte integrante do sistema educacional brasileiro, em todos os níveis de educação e ensino”.

(Parecer CNE/CEB Nº2/2001)



Introdução	7
1 Capacidades e Talentos: conhecendo a superdotação - I	9
2 Capacidade e Talentos: conhecendo a superdotação - II	17
3 Escola Inclusiva - I	37
4 Escola Inclusiva - II	45
5 Adequações Curriculares - I	57
6 Adequações Curriculares - II	65
7 Adequações Curriculares - III	75
8 Atendendo a Superdotação na Escola - I	81
9 Atendendo a Superdotação na Escola - II	85
10 Atendendo a Superdotação na Escola - III	95

11 Metodologias e Estratégias de Atendimento
Pedagógico na Área da Superdotação - I _____ **105**

12 Metodologias e Estratégias de Atendimento
Pedagógico na Área da Superdotação - II _____ **109**

13 Metodologias e Estratégias de Atendimento
Pedagógico na Área da Superdotação - III _____ **115**

14 Metodologias e Estratégias de Atendimento
Pedagógico na Área da Superdotação - IV _____ **117**

15 Metodologias e Estratégias de Atendimento
Pedagógico na Área da Superdotação - V _____ **127**



FINALIDADE

Favorecer condições para que os professores e especialistas em Educação desenvolvam melhor compreensão sobre superdotação e necessidades educacionais de alunos com altas habilidades.



EXPECTATIVAS DE APRENDIZAGEM

Ao final deste módulo, o professor deverá ser capaz de:

1. Discutir sobre os diferentes conceitos acerca da superdotação;
2. Identificar as características do aluno com superdotação, nos diferentes aspectos que o constituem;
3. Identificar possíveis necessidades educacionais especiais presentes em alunos com superdotação / altas habilidades;
4. Discutir sobre estratégias pedagógicas que possam responder a necessidades individuais do aluno com superdotação.



CONTEÚDO

- Conceituação da superdotação (expectativa 1)
- Características da superdotação (expectativa 2)
- Implicações da superdotação para a prática de ensino (expectativas 3 e 4)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALENCAR, E.M.L.S. e Fleith, D. S. Superdotados: *determinantes educação e ajustamento (2ª edição)*. São Paulo: EPU, 2001.

BRASIL. Programa de Capacitação de recursos humanos do ensino fundamental: superdotação e talento. Série Atualidades Pedagógicas. Vol. 1. Fascículo I. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 1999.

BRASIL. Subsídios para a organização e funcionamento de serviços em educação especial: Área de altas habilidades / superdotação. Série Diretrizes, n. 9. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 1995.

METTRAU, M.B. Inteligência: patrimônio social. Rio de Janeiro: Dunya Ed., 2000.

NOVAES, M.H. Características comportamentais do superdotado e suas implicações no contexto pedagógico – A criatividade no contexto educacional. Rio de Janeiro: PUC-RJ, 2002.

I. CAPACIDADES E TALENTOS: CONHECENDO A SUPERDOTAÇÃO – I



TEMPO PREVISTO
05 horas



FINALIDADE DO ENCONTRO
Favorecer, ao professor, referencial teórico para melhor compreensão da superdotação, no contexto educacional.



EXPECTATIVAS DE APRENDIZAGEM
Ao final deste encontro, o professor deverá ser capaz de:

- Identificar os indicadores da superdotação;
- Distinguir os diferentes tipos de superdotação existentes.



CONTEÚDO

- Superdotados / Altas habilidades e talentos, múltiplos termos para expressar o potencial superior.
- Conceitos e características da superdotação.



MATERIAL

• **Textos:**

BRASIL. *Programa de Capacitação de recursos humanos do ensino fundamental: superdotação e talento.* Série Atualidades Pedagógicas. Vol. 1. Fascículo 1. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 1999.

BRASIL. *Subsídios para a organização e funcionamento de serviços em educação especial: Área de altas habilidades / superdotação.* Série Diretrizes, n. 9. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 1995.

Brasil. *Superdotação e Talento*. Série Atualidades Pedagógicas, 7, Fita de vídeo, 16.44., 1999.

SEQÜÊNCIA DE ATIVIDADES

1. Dinâmica de Grupo (1 h)

Técnica: Tempestade de idéias

O grupo é convidado a sentar-se em círculo. O formador se coloca em uma posição de fácil acesso ao grupo, para poder registrar as idéias apresentadas, o mais fielmente possível.

Com o auxílio de um quadro ou mural seriado, o formador registra as idéias e concepções que forem sendo ditas a respeito da temática. É importante ressaltar que nesse momento os participantes exponham ordenadamente suas idéias principais, sem censura ou elaboração formal do pensamento. Podem ser ditas palavras chaves e / ou conceitos que sejam valorizados pelos professores acerca do tema.

Temática motivadora:

“O que você entende por superdotação e talento?”

Após o registro das contribuições, abre-se um momento de análise e discussão obre os elementos apresentados, de forma que o grupo procure produzir uma síntese conceitual a respeito do assunto.

Em seguida, o formador convida o grupo para refletir a respeito de algumas contribuições de pesquisadores da área.

O formador pode fazer a apresentação, em transparências, de contribuições de autores e especialistas para reflexão e conhecimento da terminologia comumente adotada ao se tratar da superdotação.

Atividade de enriquecimento da técnica: Criação de glossário para definição de termos usuais da área para professores, orientadores e familiares.

2. Apresentação e Análise de Filme (2 h)

Será apresentado o Filme denominado Superdotação e Talento, produzido pela SEESP e veiculado pela TV Escola, com a duração de 16' 44”.

A importância da formação específica para o professor trabalhar com a criança superdotada.



Após assistir ao filme, o formador solicita aos professores que formem um círculo. A seguir promove a análise do filme.

Os professores registrarão suas análises em seu caderno de notas para a discussão no momento seguinte.

Aspectos de análise do filme:

1. Elenco de características que caracterizam a precocidade de desenvolvimento e sua importância como indicativo de potencialidades a serem desenvolvidas.
2. Características do aluno superdotado.
3. Expressões da Superdotação e dos talentos.
4. Fatores genéticos e socioculturais que contribuem para a configuração da superdotação.

3. Leitura de Texto / Debate / Produção de texto (2 h)

O formador deverá solicitar aos participantes que formem grupos de quatro elementos para leitura do texto. Caracterização dos tipos de educandos com altas habilidades/ superdotados, (abaixo colocado), destacando os elementos essenciais que, na opinião do grupo, são relevantes e indicam: conceitos, tipos e características da superdotação.

Após a execução das tarefas acima, o grupo deverá retornar para a configuração de plenária, onde se deverá seguir o roteiro abaixo, para o debate coletivo.

Questões para debate:

1. Qual o papel da escola frente à diversidade?
2. Que contribuições o professor pode dar para a observação de características da superdotação?
3. O que o professor deve observar / considerar no aluno, no que se refere a superdotação?
4. Qual o papel do educador e da escola em relação ao potencial superior?
5. Quais as necessidades do educador no que se refere ao ensino para alunos com superdotação?

Após o término do debate, o grupo deverá elaborar um texto coletivo, contendo a sistematização de estratégias referentes ao compromisso do educador com esse alunado.

CARACTERIZAÇÃO DOS TIPOS DE EDUCANDOS COM ALTAS HABILIDADES / SUPERDOTAÇÃO

De modo geral, a superdotação se caracteriza pela elevada potencialidade de aptidões, talentos e habilidades, evidenciada no alto desempenho nas diversas áreas de atividade do educando e/ou a ser evidenciada no desenvolvimento da criança. Contudo, é preciso que haja constância de tais aptidões ao longo do tempo, além de expressivo nível de desempenho na área de superdotação. Registram-se, em muitos casos, a PRECOCIDADE do aparecimento das HABILIDADES e a resistência dos indivíduos aos obstáculos e frustrações existentes no seu desenvolvimento.

Crianças e jovens ainda estão em processo de desenvolvimento e muitas vezes, apesar de sua precocidade, não efetivam todo seu potencial. Nessas faixas etárias, geralmente, apenas começam a se evidenciar suas ALTAS HABILIDADES. Daí a necessidade de serem corretamente assistidas, no âmbito escolar, para que continuem a expressar comportamentos de superdotação.

CONCEITO DOS TERMOS ALUNOS COM ALTAS HABILIDADES / SUPERDOTADOS

A Política Nacional de Educação Especial (1994) define como portadores de altas habilidades / superdotados os educandos que apresentarem notável desempenho e elevada potencialidade em qualquer dos seguintes aspectos, isolados ou combinados: capacidade intelectual geral; aptidão acadêmica específica; pensamento criativo ou produtivo; capacidade de liderança; talento especial para artes e capacidade psicomotora.

Dos tipos mencionados, destacam-se os seguintes:

Tipo Intelectual – apresenta flexibilidade e fluência de pensamento, capacidade de pensamento abstrato para fazer associações, produção ideativa, rapidez do pensamento, compreensão e memória elevada, capacidade de resolver e lidar com problemas.

Tipo Acadêmico – evidencia aptidão acadêmica específica, atenção, concentração; rapidez de aprendizagem, boa memória, gosto e motivação pelas disciplinas acadêmicas de seu interesse; habilidade para avaliar, sintetizar e organizar o conhecimento; capacidade de produção acadêmica.

Tipo Criativo – relaciona-se às seguintes características: originalidade, imaginação, capacidade para resolver problemas de forma diferente e inovadora, sensibilidade para as situações ambientais, podendo reagir e produzir diferentemente e, até de modo extravagante; sentimento de desafio diante da desordem de fatos; facilidade de auto-expressão, fluência e flexibilidade.

Tipo Social – revela capacidade de liderança e caracteriza-se por demonstrar sensibilidade interpessoal, atitude cooperativa, sociabilidade expressiva, habilidade de trato com pessoas diversas e grupos para estabelecer relações sociais, percepção acurada das situações de grupo, capacidade para resolver situações sociais complexas, alto poder de persuasão e de influência no grupo.

Tipo Talento Especial – pode-se destacar tanto na área das artes plásticas, musicais, como dramáticas, literárias ou cênicas, evidenciando habilidades especiais para essas atividades e alto desempenho.

Tipo Psicomotor – destaca-se por apresentar habilidade e interesse pelas atividades psicomotoras, evidenciando desempenho fora do comum em velocidade, agilidade de movimentos, força, resistência, controle e coordenação motora.

Esses tipos são desse modo considerados nas classificações internacionais, podendo haver várias combinações entre eles e, inclusive, o aparecimento de outros tipos, ligados a outros talentos e habilidades.

Assim, em sala de aula, os alunos podem evidenciar maior facilidade para linguagem, para socialização, capacidade de conceituação expressiva ou desempenho escolar superior.

No desempenho lingüístico destacam-se os seguintes aspectos: raciocínio verbal e vocabulário superior à idade, nível de leitura acima da média do grupo, habilidades de comunicação e linguagem criativa.

A capacidade de conceituação inclui apreensão rápida da relação causa – efeito, observação acurada, domínio dos fatos e manipulação dos símbolos, além de um raciocínio incomum.

Na área da socialização, tais alunos apresentam facilidade de contato social, capacidade de liderança, relacionamento aberto e receptivo, além de sensibilidade aos sentimentos dos outros.

O desempenho escolar compreende o alto nível de produção intelectual, a motivação para aprendizagem, a existência de metas e objetivos acadêmicos definidos, a atenção prolongada e centrada nos temas de seu interesse, além da persistência dos esforços face às dificuldades inesperadas.

Entretanto, não se pressupõe que todos os alunos superdotados e/ou com altas habilidades apresentem todas essas características. Quando as apresentam, isso não se dá, necessariamente, em simultaneidade e no mesmo nível. O importante é que não se deve generalizar. Alunos podem ter desempenho expressivo em algumas áreas, médio ou baixo em outras, dependendo do tipo de alta habilidade/superdotação.

Por outro lado, há outros que, embora apresentem altas habilidades/superdotação, têm rendimento escolar inferior e merecem cuidados especiais, pois, freqüentemente, manifestam falta de interesse e motivação para os estudos acadêmicos e para a rotina escolar, podendo também apresentar dificuldades de ajustamento ao grupo de colegas, o que desencadeia problemas de aprendizagem e de adaptação escolar.

TRAÇOS COMUNS DO ALUNADO QUE APRESENTA ALTAS HABILIDADES / SUPERDOTAÇÃO

Embora seja um grupo altamente heterogêneo, é importante considerar que nem todos os alunos vão apresentar todas as características aqui listadas, sendo algumas mais típicas de uma área do que de outras, conforme ressaltam Alencar e Fleith (2001).

- Grande curiosidade a respeito de objetos, situações ou eventos, com envolvimento em muitos tipos de atividades exploratórias;
- Auto-iniciativa tendência a começar sozinho as atividades, a perseguir interesses individuais e a procurar direção própria;
- Originalidade de expressão oral e escrita, com produção constante de respostas diferentes e idéias não estereotipadas;
- Talento incomum para expressão em artes, como música, dança, teatro, desenho e outras;
- Habilidade para apresentar alternativas de soluções, com flexibilidade de pensamento;
- Abertura para realidade, busca de se manter a par do que o cerca, sagacidade e capacidade de observação;
- Capacidade de enriquecimento com situações-problema, de seleção de respostas, de busca de soluções para problemas difíceis ou complexos;

- Capacidade para usar o conhecimento e as informações, na busca de novas associações, combinando elementos, idéias e experiências de forma peculiar;
- Capacidade de julgamento e avaliação superiores, ponderação e busca de respostas lógicas, percepção de implicações e conseqüências, facilidade de decisão;
- Produção de idéias e respostas variadas, gosto pelo aperfeiçoamento das soluções encontradas;
- Gosto por correr risco em várias atividades;
- Habilidade em ver relações entre fatos, informações ou conceitos aparentemente não relacionados, e
- Aprendizado rápido, fácil e eficiente, especialmente no campo de sua habilidade e interesse.

Entre as características comportamentais dos alunos com altas habilidades / superdotação, pode-se ainda ser notado, em alguns casos:

- Necessidade de definição própria;
- Capacidade de desenvolver interesses ou habilidades específicas;
- Interesse no convívio com pessoas de nível intelectual similar;
- Resolução rápida de dificuldades pessoais;
- Aborrecimento fácil com a rotina;
- Busca de originalidade e autenticidade;
- Capacidade de redefinição e de extrapolação;
- Espírito crítico, capacidade de análise e síntese;
- Desejo pelo aperfeiçoamento pessoal, não aceitação de imperfeição no trabalho;
- Rejeição de autoridade excessiva;
- Fraco interesse por regulamentos e normas;
- Senso de humor altamente desenvolvido;
- Alta-exigência;
- Persistência em satisfazer seus interesses e questões;
- Sensibilidade às injustiças, tanto em nível pessoal como social;
- Gosto pela investigação e pela proposição de muitas perguntas;
- Comportamento irrequieto, perturbador, importuno;
- Descuido na escrita, deficiência na ortografia;
- Impaciência com detalhes e com aprendizagem que requer treinamento;
- Descuido no completar ou entregar tarefas quando desinteressado.

2. CAPACIDADE DE TALENTOS: CONHECENDO A SUPERDOTAÇÃO - II



TEMPO PREVISTO

05 horas



FINALIDADE DO ENCONTRO

Apresentar, ao professor, referencial teórico para melhor compreensão da superdotação, no contexto educacional.



EXPECTATIVAS DE APRENDIZAGEM

Ao final deste encontro, o professor deverá ser capaz de:

- Discutir sobre o papel que a escola desempenha no desenvolvimento de talentos.



CONTEÚDO

- Características comportamentais dos superdotados;
- O superdotado e a escola.



MATERIAL

• Textos:

Mettrau, M.B. *Inteligência: patrimônio social*. Rio de Janeiro: Dunya Ed., 2000.

Novaes, M.H. *Características comportamentais do superdotado e suas implicações no contexto pedagógico – A criatividade no contexto educacional*. Rio de Janeiro: PUC-RJ, 2002.

Palmeira Pereira, V.L. *Identificação da Superdotação na Escola, Família e Sociedade*. 2002.

SEQÜÊNCIA DE ATIVIDADES

1. Dinâmica de Grupo (2 h)

Técnica: Simpósio

O formador deverá distribuir, para cada participante, uma ficha que deverá ser numerada de 1 a 7.

Será, então, solicitado aos participantes que formem grupos, tendo como critério de agrupamento o número recebido.

O formador deverá em seguida definir, por sorteio, um tema específico para discussão e posterior apresentação de síntese, para cada grupo.

Assim, todos os grupos lerão o mesmo texto, a saber “A Identificação da Superdotação na Escola, Família e Sociedade” (Palmeira Pereira, 2002), abaixo apresentado, sendo que cada grupo focalizará uma temática específica para reflexão e discussão.

Temas para sorteio

1. O texto apresenta alguns desafios para a identificação da superdotação na escola. Quais são eles? Para o grupo, quais outras dificuldades poderão se apresentar no contexto escolar?
2. Como os professores geralmente “imaginam” ser os alunos superdotados? O grupo já pensou em algumas diferenças entre o aluno superdotado apontado no texto e suposições pessoais acerca das superdotação? Cite.
3. Como a autora trata o aspecto da participação da família no processo de identificação? Quais os cuidados que professores e equipes de identificação precisam ter em relação às informações prestadas pela família?
4. A autora aponta contribuições no aspecto social para que se possa processar a identificação da superdotação? Em caso afirmativo, para o grupo, como essas indicações podem ser coletadas e quais seriam os autores do processo?
5. O texto informa que o processo de identificação exige planejamento, observação e estrutura para que se produzam registros e coleta de dados. Como o grupo organizaria um processo de observação em uma escola de ensino fundamental?
6. Baseado no modelo de questionário apresentado, o grupo terá, como atividade, elaborar uma ficha de identificação preliminar para um grupo de crianças da educação infantil e/ou ensino fundamental. Que elementos poderiam ser úteis para a observação?

Terminada a exposição, cada relator deverá apresentar a síntese produzida por seu grupo, abrindo-se a possibilidade de esclarecimentos e debates com a plenária.

Após a apresentação de todos os grupos, o formador deverá pontuar a importância dos temas discutidos, fazendo uma revisão deles e coordenando a elaboração de uma síntese final.

IDENTIFICAÇÃO DA SUPERDOTAÇÃO NA ESCOLA, FAMÍLIA E SOCIEDADE

Um dos grandes desafios da educação é oferecer aos alunos oportunidades para o desenvolvimento pessoal e para a aprendizagem, em um contexto sociocultural. Este texto tem como objetivo esclarecer e orientar educadores no processo de identificação de alunos com superdotação na escola, na família e na sociedade.

Ao analisarmos a diversidade que constitui um grupo de pessoas, podemos ter uma visão do quanto é interessante a espécie humana. Não há uma só pessoa que não seja única no universo.

Entende-se por superdotação, neste artigo, os padrões de desempenho superior que uma pessoa possa apresentar, quando comparada a grupo de igual faixa etária e contexto social. Em geral, apresenta em conjunto com esse desempenho, algumas características especialmente definidas e observáveis, que podem ser notadas e acompanhadas em várias faixas etárias, e que apresentam necessidades educacionais especiais, determinando procedimentos pedagógicos diferenciados para essa pessoa.

Estudos estatísticos indicam que aproximadamente 3 a 5% da população apresentam potencial acima da média estimada, em diversos contextos sociais. A respeito desse grupo em particular, devemos focalizar, especialmente, estratégias de interações positivas que favoreçam o seu desenvolvimento.

Em geral, na escola, os alunos com superdotação apresentam um comportamento caracterizado pela curiosidade, fluência de idéias, desempenhos superiores em uma ou mais áreas, grande motivação pela aprendizagem, facilidade para a abstração, percepção, relacionamento de um tema específico a um contexto amplo, estilos particulares para a aprendizagem e uma busca constante para atingir alvos e metas mais distantes.

Uma das questões que envolvem grande reflexão sobre a superdotação tem sido o processo de identificação deste aluno, uma vez que demanda investimentos necessários para o desenvolvimento das expressões e talentos em áreas, que podem ser específicas, como o canto, por exemplo, ou a um conjunto de áreas como: criatividade, aptidões acadêmicas e capacidade intelectual.

Muitos educadores ainda imaginam que a superdotação pode ser identificada quando um aluno se destaca em uma ou várias áreas, e tem desempenho muito elevado em atividades curriculares; quando apresenta adequação e ajustamento socioemocional, habilidade psicomotora especialmente desenvolvida e um estilo de grande realizador. Esse perfil, embora possa ser encontrado, não representa todo o universo da superdotação.

Na grande maioria das vezes, são encontrados alunos curiosos, ativos em procurar respostas para suas dúvidas e questionamentos, que apresentam expressões originais, que evidenciam um desempenho superior em uma ou algumas áreas de conhecimento e possivelmente um desenvolvimento atípico para sua faixa etária.

Em sala de aula, o professor tem condições de conviver com muitos alunos, em um ambiente que permite a observação sistemática, prolongada e qualitativa das expressões de habilidades, desempenhos e aptidões. É possível a análise dos resultados apresentados por seus alunos, de seus processos de aprendizagem e da qualidade das suas relações sociais.

Com informações adequadas, o professor se torna um profissional de grande importância para a identificação de alunos superdotados e o responsável pelas adaptações curriculares que permitem ao aluno aprendizagens significativas na escola.

Um dos desafios da educação de alunos superdotados está em oportunizar a essas pessoas a harmonização de suas áreas de desenvolvimento e performances, bem como o estímulo e aperfeiçoamento de suas potencialidades.

Nesse contexto, a educação desses alunos se pauta em um olhar diferenciado do professor quanto aos processos de ensino e de aprendizagem, a identificação de necessidades educacionais específicas, a estruturação de currículos e atividades que atendam às necessidades dos alunos e a relação de procedimentos qualitativos de avaliação que cada caso requer.

A identificação de alunos com superdotação, na escola, deve assim, se basear no programa a ser implementado para o atendimento de suas necessidades, a utilização de várias fontes de coleta de dados (entrevistas, observações, sondagens do rendimento e desempenho escolar, análise de produções e outros), no conhecimento das características específicas desse aluno e das diferentes fases de desenvolvimento pelas quais as pessoas passam em cada faixa etária.

Observa-se que tais alunos, quando percebidos por seus professores, revelam:

- Aprendizagem com instrução mínima;
- Persistência e concentração;
- Alto grau de energia;
- Interesses específicos;
- Estilo próprio para resolver situações problemas;
- Curiosidade acentuada.

A família contribui com o processo de identificação, ao apresentar algumas características particulares de seu / sua filho(a), observado(a) durante o processo de desenvolvimento. Há que se observar algumas questões em relação ao desempenho que é exigido por alguns pais, que estimulam excessivamente seu filho para que este possa apresentar indicadores de superdotação.

Quando alguns sinais começam a ser percebido pela família, a escola e/ou professor devem observar a criança atentamente e realizar um acompanhamento permanente. Se é precoce, a criança deve ser estimulada adequadamente para desenvolver seu potencial e continuar a apresentar comportamentos de superdotação.

Segundo Winner (1998), a maioria dos pais percebe, antes que a criança atinja cinco anos, pelo menos alguns destes sinais:

- Atenção e memória de reconhecimento: reconhecem seus cuidadores, desde cedo, apresentam sinais de vigilância e duração de atenção longa;
- Preferência por novidades: preferir novos arranjos visuais em detrimento dos anteriores e perceber novidades;
- Desenvolvimento físico precoce: sentar, engatinhar e caminhar vários meses antes que o esperado;
- Linguagem oral: falar cedo, apresentar grande vocabulário e estoque de conhecimento verbal;
- Super-reatividade: reações intensas a ruído, dor e frustração.

De modo geral, é na convivência com outras pessoas que aspectos únicos e específicos de determinado aluno são observados, refletindo questões internas e externas do relacionamento social.

Pela qualidade das observações e contribuições dos vários segmentos – família, escola e grupos sociais – é possível traçar o perfil da superdotação. Quando as características se mantêm em caráter permanente e constante, é que se evidencia, de maneira mais consistente, o potencial.

É tarefa da escola trabalhar tais potencialidades para que não haja perda de interesse da criança em continuar a apresentar seus talentos e habilidades.

Então, a identificação de superdotados exige planejamento, observação e estrutura para que se produzam registros e coletas de dados. Uma vez identificados, torna-se necessário encaminhá-los para um serviço de atendimento que promova as ações de que necessitam. A escola deve apresentar propostas que atendam as suas particularidades, seja na classe comum ou em programas específicos de enriquecimento em salas de recursos.

O que observar:

- Alto desempenho em uma ou várias áreas;
- Fluência verbal e/ ou vocabulário extenso;
- Envolvimento ou foco de atenção direcionado a alguma atividade em especial;
- Desempenho elevado qualitativamente nas atividades escolares;
- Qualidade das relações sociais do aluno, em diversas situações;
- Curiosidade acentuada;
- Facilidade para a aprendizagem;
- Originalidade na resolução de problemas ou na formulação de respostas;
- Atitudes comportamentais de excesso para a produção ou planejamento;
- Habilidades específicas de destaque (áreas: artes plásticas, musicais, artes cênicas e psicomotora, de liderança, etc.)
- Senso de humor;
- Baixo limiar de frustração;
- Senso crítico;
- Defesa de suas idéias e ponto de vista;
- Impaciência com atividades rotineiras e repetitivas;
- Perfeccionismo;
- Dispersão ou desatenção;
- Resistência em seguir regras;
- Desenvolvimento superior atípico em relação a pessoas de igual faixa etária
- Originalidade e idéias inusitadas e diferentes.

As características apresentadas podem ser observadas em várias situações e em diferentes amplitudes. Alguns alunos apresentam de forma mais consistente algumas destas características enquanto outros podem apresentar muitas delas. O registro das características observadas, e a frequência com que estas são observadas, pode ser quantificado por meio de escalas de avaliação, elaboradas pelos próprios educadores e seus sistemas de ensino.

As escalas de avaliação são instrumentos úteis para que o professor selecione desempenhos que considera superiores a todos os seus alunos e então identifique quais alunos consistentemente manifestam características específicas da superdotação. Um exemplo de questionário de sondagem é apresentado a seguir. Atender à diversidade é a proposta da educação atual, voltada para o respeito às diferenças e particularidades humanas. Oferecer ao aluno oportunidades de desenvolver seu potencial pleno e de acordo com suas potencialidades é o desafio da escola, que voltada para uma educação para todos, exige uma ação pedagógica transformadora, com metodologias mais abrangentes às necessidades e interesses, como alternativa de se propor a oferecer aprendizagens não centradas no professor, mas significativas para o aluno, respeitando as suas particularidades.

MODELO DE SONDAÇÃO INICIAL PARA A IDENTIFICAÇÃO DA SUPERDOTAÇÃO

Questionário preliminar de triagem de superdotados

Características Gerais:

Nome do aluno: _____

Data de nascimento: _____

Escola de origem: _____

Professor: _____

Série: _____ Turma: _____

Instruções: Observe seu aluno, em várias situações, e assinale com um .x. apenas quando ele demonstrar a característica mencionada no item.

1. () Aprende com rapidez e facilidade;
2. () Gosta de idéias novas;
3. () Tem vocabulário extenso para sua idade;
4. () Diz coisas com muita graça e humor;
5. () É muito impaciente;
6. () É bom desenhista;
7. () Preocupa-se com o sentimento dos outros;
8. () Gosta de adivinhações e problemas;
9. () Sempre pergunta : - Por que...?;
10. () Adora imitar e apelidar os outros;
11. () Tem boa memória;
12. () Diz as verdades sem inibições;
13. () Quer sempre aprofundar-se nos assuntos;
14. () É bastante original em suas perguntas e respostas;

15. () Tem facilidade para mostrar o que sente;
16. () Tem sempre uma idéia diferente e aproveitável;
17. () É sempre procurado pelos colegas;
18. () Faz perguntas provocativas;
19. () Gosta de ler;
20. () Fala facilmente com os outros;
21. () Defende suas idéias com pronta e lógica argumentação;
22. () Gosta de recitar, escrever poesias e estórias;
23. () Gosta de fazer coleções;
24. () É criativo;
25. () Tem ótimo senso crítico;
26. () Aceita e propõe desafios;
27. () Gosta de representar papéis;
28. () É difícil ser enganado pelos outros;
29. () Como aluno é as vezes, perturbador;
30. () Participa de tudo que o rodeia;
31. () É um dos mais admirados na sala;
32. () Revolta-se com controle excessivo;
33. () Prefere atividades novas às rotineiras;
34. () Gosta de atividades intelectuais;
35. () Tem habilidades artísticas;
36. () Aborrece-se com programa rotineiro;
37. () É persistente no que faz e gosta;
38. () Tem sempre idéias e soluções.

INDICADORES PARA OBSERVAÇÃO EM SALA DE AULA

Centro para Desenvolvimento do Potencial e Talento (CEDET) - Lavras/MG.

Indique em cada item os dois alunos de sua turma, menino ou menina, que, na sua opinião, apresentam as seguintes características:

1. Os melhores da turma nas áreas de linguagem, comunicação e expressão;
2. Os melhores nas áreas de matemática e ciências;
3. Os melhores nas áreas de arte e educação artística;
4. Os melhores em atividades extracurriculares;
5. Mais verbais falantes e conversadores;
6. Mais curiosos, interessados, perguntadores;
7. Mais participantes e presentes em tudo, dentro e fora da sala de aula;
8. Mais críticos com os outros e consigo próprios;
9. Memorizam, aprendem e fixam com facilidade;

10. Mais persistentes, compromissados, chegam ao fim do que fazem;
11. Mais independentes, iniciam o próprio trabalho e fazem sozinhos;
12. Entediados, desinteressados, mas não necessariamente atrasados;
13. Mais originais e criativos;
14. Mais sensíveis aos outros e bondosos para com os colegas;
15. Preocupados com o bem-estar dos outros;
16. Mais seguro e confiante em si;
17. Mais ativos, perspicazes, observadores;
18. Mais capazes de pensar e tirar conclusões;
19. Mais simpáticos e queridos pelos colegas;
20. Mais solitários e ignorados;
21. Mais levados, engraçados, arteiros;
22. Mais inteligentes e fluentes;
23. Com melhor desempenho em esportes e exercícios físicos;
24. Mais habilidosos em atividades manuais e motoras;
25. Mais rápidos em seu raciocínio, dando respostas inesperadas e pertinentes;
26. Capazes de liderar e passar energia própria para animar o grupo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. *Diretrizes gerais de atendimento educacional aos alunos portadores de altas habilidades/ superdotação e talentos.* Série Diretrizes, 10. Brasília: MEC/SEESP, 1995.

GÜENTHER, Z.C. *Desenvolver capacidades e talentos. Um conceito de inclusão.* Petrópolis: Ed. Vozes, 2000.

GÜENTHER, Z.C. *Educando os mais capazes.* São Paulo: EPU, 2000.

SANTOS, O. de B. *Superdotados. Quem são? Onde estão?* São Paulo: Ed. Pioneira, 1988.

WINNER, Ellen. *Crianças superdotadas: mitos e realidades.* Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

2. Leitura e Debate (2 h)

Primeiramente, o formador escreverá no quadro/ lousa ou em um painel dois tópicos, sobre os quais os professores deverão desenvolver reflexão crítica. Para tanto, pode-se planejar um período de **30 minutos**.

Reflexão

- **Qual a vantagem, para os superdotados, serem reconhecidos e identificados?**
- **Como as expectativas sociais podem contribuir para/ou dificultar a expressão das habilidades da superdotação?**

Após a reflexão, o grupo fará a leitura do texto “A Representação Social da Inteligência e os portadores de altas habilidades” de autoria de Marcy B. Mettrau (1 h).

O formador reorganiza o grupo para um debate acerca dos pontos de vista refletidos anteriormente e as conclusões do texto, buscando formular conceitos ou idéias a respeito da superdotação (30 min.).

A REPRESENTAÇÃO SOCIAL DA INTELIGÊNCIA E OS ALUNOS COM ALTAS HABILIDADES

Desejo, inicialmente, chamar atenção sobre o tema e fazer um deslocamento de algo que parece ser individual para algo que é social, *isto é*, sai da *individualidade* e passa à coletividade.

Conseguimos *perceber a inteligência* de alguém quando tal pessoa está em ação. Assim sendo, a inteligência deixa de ser vista, somente como uma *entidade abstrata* e isolada para ser vista, apreciada e entendida em sua forma dinâmica, isto é, em ação junto ao outro ou outros que compõem o meio social. Esta inteligência se consubstancia, para os demais, através dos chamados comportamentos inteligentes (Sternberg, 1922). Há, portanto, vários tipos de comportamentos inteligentes e não vários tipos de inteligência. Além de refletirmos sobre isso, é importante caminharmos para outra questão: como se forma, no grupo social, e em cada pessoa, este conceito, ou seja, qual seria a representação social da inteligência, ainda que tal conceito não seja, necessariamente, o mesmo aceito pelos pesquisadores e estudiosos, incluindo, portanto o chamado conceito popular, isto é, aquele visto pelos não-especialistas.

Representação Social da Inteligência

Em recente pesquisa (Mettrau, 1995), foram questionados cinco itens sobre a temática da inteligência, envolvendo professores tanto em Portugal quanto no Brasil (Rio de Janeiro). Alguns resultados são, verdadeiramente, surpreendentes, e, dentre estes, consideraremos apenas duas das cinco questões apreciadas neste estudo.

- 1^a) O que é, para você, inteligência?
- 2^a) Que características apresenta um aluno inteligente?

Nos resultados, podemos observar, tanto em Portugal quanto no Brasil, que não há coincidência entre o conceito de inteligência e as características do aluno inteligente (35 % dos respondentes). Se tal discrepância aparece no grupo de profissionais e nas demais pessoas de uma maneira geral? Abordaremos a questão sucintamente.

No que tange especialmente ao professor, esta diferença no conceito de inteligência e na operacionalização do conceito (quando se refere especialmente às características de um aluno inteligente) pode ser muito comprometedor e prejudicial. Prejudicial porque, dentre outras razões, aquele que consegue passar por uma escola o faz numa boa quantidade de horas e de anos, crescendo, portanto, a ouvir chamarem-no de pouco inteligente; nada inteligente; muito inteligente; etc, classificações estas usadas no cotidiano da prática pedagógica, sem pretensão de agredir ou magoar os alunos, mas, na grande maioria dos casos, o fazendo, o que pode deixar marcas profundas e duradouras. Por outro lado, tais alunos, quando ingressam nas escolas, já passaram outros tantos anos no seu grupo familiar e de vizinhança, onde, muitas vezes, também escutam classificações ao seu respeito: você é mais inteligente do que seu irmão; é menos inteligente do que (pai, mãe, irmãos, amigos) entre outras opiniões e afirmações.

Estas opiniões vão circulando, de modo informal, e também nos meios informais, fazendo com que o indivíduo forme uma idéia a respeito de sua inteligência com base naquilo que ouve de outros, muitas vezes adultos de significativa importância no campo afetivo para ele (familiares, pais, etc.)... Vai se formando um residual de crenças em tais afirmações que caracterizarão exatamente, a Representação Social da Inteligência, objeto de nossa reflexão.

Percebe-se, nitidamente, por meio desta pequena explanação, o quanto e como a questão da inteligência caminha do indivíduo para o coletivo, o fazendo, algumas vezes, de forma positiva, outras de forma negativa. Aqueles que se vêem

reforçados, encorajados e admirados pelos seus comportamentos inteligentes sentem-se com mais valor social. Em contrapartida, temos o desvalorizado, o não admirado, que poderá acreditar nestas impressões emitidas a seu respeito e guardar ou omitir futuros outros comportamentos inteligentes e produções com o receio de que os mesmos não sejam aceitos e elogiados, uma vez que, ao longo de sua história de vida, não se sentia inteligente nem era percebido como inteligente.

A *representação social* é, portanto, a verbalização que o indivíduo tem do mundo que o cerca. Tal verbalização caracteriza-se por um comportamento observável e registrável, sendo o seu produto, concomitantemente, individual e social (Mettrau, 1995). As representações sociais realmente existem e organizam-se em ocasiões e lugares onde as pessoas se encontram e se comunicam informalmente, tais como: meios de transporte, locais de culto, reuniões de trabalho, na escola, salas de espera, corredores e praças, entre outros, e, segundo Moscovici, seria, então, uma explicitação psicológica da origem de determinada forma de pensamento social. (Moscovici, 1984)

Relação entre Representação Social, Inteligência e Alunos com Altas Habilidades

Somente na década de 80 é que o conceito científico de representação social passa a circular com fluidez nos meios acadêmicos, e novos estudos trarão, ainda, contribuições interessantes para este campo que é tão recente. Entretanto, examinar qualquer questão à luz do que se pensa que seja e do que realmente é sempre pode trazer surpresas tanto para o campo das ciências quanto para o campo do senso comum.

De modo geral, os conhecimentos que a maioria das pessoas possui e emite sobre os superdotados, hoje chamados de alunos com altas habilidades (Diretrizes nº9 e nº10, MEC,1995), estão ligados à construção de saberes sociais, cujo caráter é simbólico, imaginativo e afetivo e tem sua base na realidade social. Surgem, exatamente, quando as pessoas se encontram para falar, argumentar, discutir o cotidiano ou quando se expõem ou ficam expostas às instituições, às ruas, aos meios de comunicação social e aos canais informais de comunicação.

As representações sociais manifestam-se em palavras sentimentos e condutas, e não são, necessariamente, conscientes ou intencionais, pois são estruturas cognitivo-afetivas. (Jodelet, 1989) Podemos ressaltar que apresentar alguma superioridade intelectual não significa ter capacidade para resolver sempre

bem os problemas pessoais, sociais ou afetivos (Mettrau, 1995). Algumas destas pessoas apresentam um desempenho emocional aquém do seu desempenho intelectual (acadêmico ou não) e funcionam no cotidiano com áreas, idades e performances totalmente diferentes entre si, ou seja, seu desempenho social, emocional e/ou intelectual do dia-a-dia, este funcionamento peculiar causa grande confusão na maioria das pessoas por total ou parcial desconhecimento correto sobre o assunto. Além disto, estas pessoas apresentam também uma gama variada de interesses, diferentes habilidades, em muitas áreas do conhecimento, do saber ou do fazer. Por outro lado, todos somos atores ativos em nossa sociedade e damos contribuições necessárias e valiosas, mas tem cabido aos superdotados as grandes, médias e pequenas mudanças e descobertas do conhecimento da humanidade (Mettrau, 1986 / 1950), tornando-se, portanto, valiosos colaboradores para o aperfeiçoamento do saber ou do fazer social.

Examinemos, a luz da Teoria da Representação Social, os alunos com Altas Habilidades com o respaldo de anos de trabalho, leituras especializadas, estudos e pesquisas ao longo de dez anos ininterruptos neste campo junto a essas pessoas, suas famílias e grupos.

Pensamos, juntamente com Almeida (1994), Sternberg (1988), Gardner (1995) e inúmeros outros autores, que a inteligência não é somente uma propriedade individual, mas um processo racional entre o indivíduo e seus companheiros que constroem e organizam, juntos, as suas ações sobre o meio ambiente (Mettrau, 1995).

É previsível, portanto, que variações culturais existirão no tratamento e na discussão desta temática, pois há relação entre inteligência e aprendizagem cultural – social ou acadêmica - e que “o aprendizado humano pressupõe uma natureza social especial e um processo por meio do qual as crianças penetram na vida intelectual daqueles que as cercam” (Vygotsky, 1989). Façamos extensão destas afirmativas ao campo de estudo relativo aos alunos com altas habilidades e às inúmeras discordâncias e confusões conceituais existentes sobre tais pessoas, suas características e seu funcionamento diferenciado no cotidiano diário.

Ao longo de anos, em vários grupos culturais, em diferentes momentos históricos-sociais, temos ouvido falar, de forma muitas vezes deformada e deturpada sobre os alunos com altas habilidades. Ora eles são aqueles eficientes demais e que não precisam de orientação; ora são os que criticam demais; ora são os que só ficam lendo e estudando; ora são os que sempre sabem tudo; ora são aqueles que incomodam com sua curiosidade excessiva; ora são aqueles que sabem que sabem bem alguma coisa, mas não sabem outras coisas; ora são aqueles de comportamento esquisito ou que atrapalham na escola porque vão à frente, etc.

Enfim, há uma série de equívocos e controvérsias sobre tal assunto. Falaremos destas pessoas sob a conceituação do professor e pesquisador Renzulli, cujo conceito é de fácil entendimento tanto para pais e professores quanto para outros profissionais interessados (apud Mate, 1994). Este pesquisador apresenta-nos um diagrama chamado Modelo dos Anéis, onde se tem três círculos ou anéis, em cuja interseção estariam os alunos com altas habilidades. Os superdotados seriam somente aqueles que estão na interseção dos três círculos. Outros que compõem a interseção de dois círculos apresentariam inteligência superior; traço criativo; talento ou capacidade acima da média em algumas áreas que mesmo combinadas duas a duas, não caracterizam um superdotado ou aluno com altas habilidades.

Conceituar e caracterizar essa pessoa são tarefas bastante difíceis, pois os talentos, além de complexos, são múltiplos (Taylor, 1976). A literatura especializada é rica quanto às citações de diferentes autores e, dentre eles, ressaltaremos a concepção proposta por Renzulli.

- Habilidades acima da média: seriam os comportamentos observados, relatados ou demonstrados que confirmariam a expressão de traços consistentemente superiores em qualquer campo do saber ou do fazer.
- Assim, tais traços apareceriam com frequência e duração no repertório dos comportamentos de uma pessoa, de tal forma que seriam percebidos em repetidas situações e mantidos ao longo de períodos de tempo.
- Criatividade: seriam os comportamentos visíveis por meio da demonstração de traços criativos no fazer ou no pensar, expressos em diferentes linguagens tais como: falada, gestual, plástica, teatral, matemática, musical, filosófica ou outras (Mettrau, 1995). Necessário se torna ressaltar que a criatividade está relacionada com processos internos complexos de cada pessoa e não, necessariamente, com produtos. Este processo criativo pode, portanto, referir-se a: perguntas e respostas provocativas e inovadoras e soluções novas para problemas antigos (Mettrau, 1986). A criatividade assim entendida apresenta intensidades e níveis diferenciados:
- nível expressivo (descoberta de novas formas de expressão);
- nível produtivo (ampliação da técnica de execução predominância da qualidade sobre a forma e o conteúdo final);
- nível inventivo (invenção e capacidade de descobrir novas realidades);
- nível inovativo (máximo poder criador; é menos freqüente, visto que poucas o atingem; implica originalidade);
- nível emergente (refere-se a princípios novos e não, apenas a modificações).
- Envolvimento com a tarefa: seriam aqueles comportamentos observáveis por meio de expressivo nível de interesse, motivação e empenho pessoal nas tarefas que realiza.

Resta ainda um comentário importante sobre a metacognição e as funções metacognitivas neste campo de estudos. O termo metacognição foi criado em 1995 por Flavell, que o define como o conhecimento e a consciência do sujeito sobre seus próprios processos cognitivos. Nas pessoas com altas habilidades, os processos metacognitivos desenvolvem-se em idades mais precoces, contrastando fortemente com a maioria das crianças. Isto quer dizer que as crianças superdotadas têm maior consciência sobre seus processos cognitivos e, talvez, por esta razão, tenham maior facilidade para adquirir novos conceitos e habilidades em contraste com as demais crianças que não sabem explicar como elaboram uma solução ou problema independentemente de já terem ou não aprendido a fazê-lo (Mate, 1994).

Conclusão:

As altas habilidades ou superdotação não são, como muitos ainda pensam, um dom, mas sim características e comportamentos que podem e devem ser aperfeiçoados na interação com o mundo e que se apresentam numa variedade grande de combinatórias. Para os indivíduos que apresentam tais características, nem sempre tem sido fácil mostrar ou demonstrar suas habilidades diferenciadas, pois há uma tendência social à conservação dos comportamentos e ainda não se prioriza a inovação na medida desejada necessária. Entretanto, é sabido que há necessidade de novos produtos, idéias, ações, etc, para o caminhar do mundo. Portanto, estas pessoas são valiosas tanto quanto todas as demais pessoas, e não podemos ignorá-las nem esquecer-las, sendo necessário ofertar instrumentos e oportunidades a todos e também a estes sujeitos com altas habilidades para cumprir nosso papel social na importante área educacional.

Segundo dados psicométricos, os alunos com altas habilidades estão contidos em uma faixa de 1% a 10% de qualquer população, independentemente de etnia, origem ou situação socioeconômica. Deve haver uma preocupação constante com este segmento da população a fim de que não seja subaproveitado e deixe de dar sua contribuição social à coletividade e a si próprio, não compartilhando suas habilidades e talentos com todos.

Preocupa-nos, sobremaneira, os superdotados dos meios sociocultural e econômico desprivilegiados. Os que são pobres têm as idéias, mas não têm escola, instrumentos para se realizar e ofertá-las ao seu grupo social. Podem assim, assumir um comportamento mais agressivo ou rebelde quando têm o não reconhecimento social de suas potencialidades, e conseqüentemente o mau aproveitamento delas pelo próprio grupo social; como já dizia o psicólogo Maslow, o ser humano precisa e deseja o reconhecimento social (Maslow apud Mettrau, 1950). Propomos, assim que se amplie conhecimento teórico acerca

deste agrupamento nos diferentes campos do saber acadêmico e, em especial, na Pedagogia, Psicologia e Medicina, bem como se amplie também, e conjuntamente com este corpo teórico, um corpo prático de conhecimentos através de Programas Especiais para pessoas com altas habilidades (estudantes ou não, idosos ou jovens, a fim de assegurar a esta minoria a garantia de atendimento conforme estabelece a LDB 9394/96 e a Resolução do CNE n.º 02/2001 que institui as Diretrizes Nacionais para Educação Especial na Educação Básica).

Quer queiramos ou não, somos sujeitos do processo social e a ele estamos sujeitos também. Portanto, temos ações a realizar em muitos campos, especialmente na área educacional sabidamente ineficiente e insuficiente tanto qualitativa quanto quantitativamente em nosso país. O atual momento educacional, de uma maneira geral, não vem atendendo bem nem a todos nem a alguns. Ainda que não se possa generalizar, o alunado e o professorado não caminham no sentido da mudança. Entretanto, as mudanças são cada vez maiores e mais rápidas em todos os campos do saber, das ciências, da religião, etc. Contrariamente a esta realidade, e por inúmeras razões que não serão aqui analisadas, o sistema Educacional vem sendo levado a um quadro reprodutivo e de baixa qualidade no que se refere à informação e a formação.

Métodos e profissionais excessivamente tradicionais e pouco inovadores teimam em não acompanhar a aceleração que a era da comunicação nos vem trazendo e nos vem mostrando. As inovações, quando aparecem, ficam muito mais do discurso do que de uma prática experimental, ou seja, aquela que vem acompanhada de dados e registros. Tal resultado deixa desconcertado o mundo do trabalho que atende a demandas cada vez mais específicas e atualizadas, criando uma dicotomia entre o mundo do aprender e o mundo do exercer e do ser.

Os talentosos, os criativos e os que apresentam altas habilidades podem dar contribuições excepcionais e especiais neste momento social, também excepcional e especial. O Brasil já é conhecido por suas riquezas naturais que são muitas e talvez por isto mesmo faça pouco uso e investimento em seus recursos humanos, preciosos também. Fingir que eles não existem é uma forma de mentir e de não ter que se ocupar nem se preocupar com tal questão. Os alunos talentosos ou com habilidades especiais devem ser orientados e encorajados no uso, reconhecimento e compartilhamento com todo o grupo social.

Acreditamos em oportunidades para todos, desejamos contribuir para o resgate da educação básica e desejamos preservar as múltiplas expressões de

nossa cultura, escrevendo a memória brasileira com todos os brasileiros, especialmente com aqueles que demonstrem excepcionais talentos, inteligência e criatividade, pois eles existem em todas as etnias, classes e camadas sociais, nos mais variados campos. É uma obrigação social cuidar deles.

Concluindo: falar, escrever ou programar algo para superdotados revela a certeza de estarmos nos dirigindo a uma minoria ou, para muitos, ainda desinformados, talvez uma elite. Esta não é uma verdade. Levantamos as seguintes questões: não devemos pensar nas minorias? É democrático ignorá-las porque numericamente e estatisticamente não atingem a faixa considerada ideal para os resultados de Ibope e pesquisas de opinião pública? Esta visão não é científica nem humanista da questão, pois tais pessoas existem ainda que, numericamente, em menor quantidade. Este é, portanto, um questionamento ético, filosófico, sociológico, psicológico e socioeducacional para pensarmos seriamente se entendemos e tratamos a inteligência como Patrimônio Social, isto é, algo que pertence a todos e a todos deve servir e atender. Afinal, qual a importância de ser reconhecer o talento de um superdotado ou de uma pessoa com altas habilidades? Evitar que ele se perca, pois não devemos desperdiçar nada, quanto mais talento.

3. Leitura e discussão de texto (1 h)

Em seguida, o formador deverá solicitar aos professores que façam a leitura individual do texto inserido a seguir, procurando identificar, em si mesmo, quais as necessidades que possuem, para que compreendam, com amplitude, a questão da superdotação.

Após a leitura do texto, cada professor deverá escrever, em folha de papel, uma palavra que retrate exatamente essa sua necessidade acadêmica, ou seja, os desafios que ainda tem que superar para viabilizar a educação de alunos com superdotação.

CARACTERÍSTICAS COMPORTAMENTAIS DO SUPERDOTADO E SUAS IMPLICAÇÕES NO CONTEXTO PEDAGÓGICO A CRIATIVIDADE NO CONTEXTO EDUCACIONAL

Todos sabemos que no mundo atual, talentos e altas habilidades poderão trazer expressivo aporte ao bem-estar comum e ao progresso das nações desde que os superdotados e os talentosos tenham suas necessidades especiais atendidas, por meio de recursos institucionais adequados, oportunidades de formação acadêmica e profissional, a fim de enfrentarem os desafios de globalização, massificação e tecnologia numa sociedade plural, complexa e contraditória.

As diversas terminologias utilizadas para definir tais alunos apresentam nuances de diferenciação, porém o que, no momento, importa é minimizar as restrições educativas advindas de preconceitos e estereótipos sociais que ocorrem devido ao fantasma de um falso elitismo e de uma segregação possível. Suas características comportamentais variam, mesmo porque cada um apresenta perfil diferenciado, de pensar, de aprender, de agir e de desenvolver seu potencial.

Entretanto, há um elenco de características consideradas universalmente, tais como: curiosidade e vivacidade mental, motivação interna, persistência na área de seu talento, facilidade de compreensão e percepção da realidade, capacidade de resolver problemas, energia, senso de humor, habilidade em assumir riscos, sensibilidade, pensamento original e divergente, conduta criativa. Nem todos apresentam as mesmas, nem na mesma intensidade e sistematização dos comportamentos.

Por sua vez, cada tipo de talento e superdotação tem suas próprias características, por exemplo, aquela voltada para a liderança apresenta aguçado senso de grupo, capacidade de envolvimento e cooperação grupal, dinamismo social e assim por diante, que variarão caso a superdotação seja para a área acadêmica, artística, psicomotora e demais.

É consenso entre os especialistas recomendarem nas propostas curriculares o estímulo para a abertura e o questionamento da realidade, o manejo dos erros, as habilidades interativas entre os conhecimentos e o meio ambiente, valorizando sempre as capacidades criativas.

J. Renzulli (2001) propõe que também não estejam ausentes: otimismo, coragem, convicções morais, sensibilidade, intuição, capacidade de empatia, preocupação e percepção do outro, espírito solidário, alertando os educadores para o seu compromisso com a construção de um mundo melhor, mais justo e mais humano.

Por meio da vivência real de um currículo pleno, enriquecido e adequado, pode-se testar a eficiência dos objetos e eficácia dos recursos e estratégias utilizados, levando sempre em conta as especificidades dos diversos contextos socioculturais, muito diferentes em nosso país.

Na formulação de novas propostas de ensino, dois aspectos são relevantes:

- a amplitude e a seqüência prevista na articulação entre os conteúdos construídos; e
- o processo de vivência e das práticas pedagógicas.

Segundo o Modelo de Currículo Paralelo, proposto por C. Tomlinson e S. Kaplan na 14^a Conferência Internacional para Superdotados, realizada em Barcelona de 31/07 a 04/08/001, foram consideradas as mudanças ocorridas no conceito de inteligência e de superdotação. Propõem um triplo currículo: aquele das conexões, o da prática e o da identidade.

No currículo relativo às conexões, o professor articula conhecimentos, conteúdos-foco, conectando o que o aluno já aprendeu com o que lhe falta aprender.

No currículo relativo à prática, o professor dá ênfase ao aproveitamento das informações, visualizando ferramentas e estratégias para alcançar as metas propostas.

No currículo relativo à identidade, a preocupação maior do professor é levar o aluno a pensar por si mesmo, rever seus propósitos, descobrir com quais conteúdos e idéias das disciplinas que mais se identifica, quais suas dificuldades e potencialidades.

Tais aspectos correm paralelos nesse currículo que é contínuo e flexível e trabalha com habilidades e dificuldades, respeitando sempre estilos pessoais, os diversos níveis de maturidade intelectual das funções cognitivas e afetivas, aspirando padrões de excelência a serem conquistados tanto pelos alunos como pelos professores.

A qualificação e a preparação desses educadores para a implantação de tais propostas é fator importante e decisivo para o sucesso, uma vez que devem participar intensamente dessa proposta desafiadora e inovadora.

3. ESCOLA INCLUSIVA - I



TEMPO PREVISTO

05 horas



FINALIDADE DO ENCONTRO

Estimular professores e especialistas do Ensino Fundamental à reflexão temática sobre a educação inclusiva, no que diz respeito ao sistema educacional, e mais especificamente, ao professor, nas situações de ensino e de aprendizagem em classes regulares, com alunos que apresentam superdotação.



EXPECTATIVAS DE APRENDIZAGEM

Ao final deste encontro, o professor deverá ser capaz de:

- Identificar os aspectos que caracterizam uma escola inclusiva;
- Descrever possíveis necessidades educacionais especiais do aluno superdotado, no contexto escolar.



CONTEÚDO

- Entendendo a inclusão;
- A escola regular e o superdotado.



MATERIAL

- Folhas brancas;
- Etiquetas auto-adesivas;
- Pincéis atômicos coloridos;
- **Texto:** Carvalho, R.E. Removendo barreiras na prática pedagógica em sala de aula. Removendo Barreiras para Aprendizagem. Rio de Janeiro: Ed. Mediação, 2000.

SEQÜÊNCIA DE ATIVIDADES

1. Dinâmica de Grupo (1 h)

Técnica: “Rótulos”

Organizando a atividade:

Deverá ser providenciado previamente, para cada grupo, um jogo de sete etiquetas, com a inscrição dos diferentes rótulos.

- Sou engraçado - ria.
- Sou tímido - ajude-me.
- Sou surdo - utilize língua de sinais.
- Sou mentiroso - desconfie.
- Sou criativo - ouça-me.
- Sou poderoso - bajule-me.
- Sou pouco inteligente - ignore-me.

O formador dividirá o grupo em subgrupos de até sete integrantes e afixará, na testa de cada participante, o rótulo pessoal, sem que o participante o leia, e sem que seus colegas o informem sobre seu conteúdo.

Com os rótulos presos à testa, os membros do grupo devem discutir uma situação problema qualquer, proposto pelo coordenador, sendo que o grupo deverá respeitar, para as interações, o rótulo que cada um apresenta.

Como é de se esperar, a discussão terá características particulares que serão analisadas posteriormente. Após dez minutos, os rótulos serão retirados e o grupo discutirá a temática novamente sem a rotulação.

Após dez minutos da nova discussão, será aberta a integração dos subgrupos onde serão pontuados os seguintes aspectos:

1. Análise da situação pessoal frente ao rótulo adquirido;
2. Conclusões que se chegou no grupo com rótulos e sem os rótulos acerca da temática solicitada;
3. Reflexão acerca dos fatores que levam as pessoas a rotularem outras e as repercussões que essa prática causa no ambiente escolar.

2. Leitura e discussão sobre texto (2 h 30 min.)

As salas de aulas inclusivas partem de pressupostos que todas as crianças podem fazer parte da vida escolar e social. Valoriza a diversidade humana e contempla as diferentes alternativas para a efetivação do processo de aprendizagem.

Para esta atividade, solicite que os professores participantes se distribuam em grupos de até quatro pessoas, para leitura e discussão sobre o texto abaixo inserido.

Cada grupo deverá elaborar um resumo comentado sobre o texto, respondendo às seguintes questões:

1. Podemos considerar que o aluno superdotado já se encontra inserido no processo escolar?
2. Quais os argumentos que defendem sua posição?
3. Enumere seis argumentos relevantes da escola inclusiva com respeito a superdotação.

Após a apresentação dos resumos, os professores, em plenária, deverão refletir sobre sua prática pedagógica, à luz do conteúdo aprendido.

REMOVENDO BARREIRAS NA PRÁTICA PEDAGÓGICA EM SALA DE AULA

Rosita Edler Carvalho

A eliminação dos obstáculos arquitetônicos ambientais existentes na escola depende do grau de conscientização dos gestores frente ao significado desses obstáculos e das atitudes decorrentes, para sua superação. Certamente a vontade política é um dado relevante, seja para captar recursos, seja para usar os existentes e disponíveis com esse fim.

Mas, em sala de aula, muitas barreiras podem ser enfrentadas e superadas graças à criatividade e à vontade do professor que se percebe como profissional da aprendizagem em vez de ser o tradicional profissional de ensino (Demo, 1997). Enquanto uns valorizam as metodologias, outros colocam sua energia em torno dos alunos, os aprendizes. Enquanto aquele é o professor que transmite conhecimentos, este é o educador preocupado com a pessoa de seu aluno. Com muita propriedade Sanches e Romeu (1996:69) afirmam que:

O professor requer uma série de estratégias organizativas e metodológicas em sala de aula. Estratégias capazes de guiar sua intervenção desde processos reflexivos, que facilitem a construção de uma escola onde se favoreça a aprendizagem dos alunos como uma reinterpretção do conhecimento e não como uma mera transmissão da cultura.

O favorecimento da aprendizagem de qualquer aluno implica, para o educador, saber o que é o processo de aprendizagem e como ele se dá. Igualmente é importante conhecer sobre o processo de desenvolvimento humano em suas diversas facetas examinando suas relações com a aprendizagem. E mais, contextualizar toda essa bagagem teórica.

Educadores que se identificam como profissionais da aprendizagem transformam suas salas de aula em espaços prazerosos onde, tanto eles como os alunos são cúmplices de uma aventura que é o aprender, o aprender a aprender e o aprender a pensar. Neste caso o “clima” das atividades propicia ações comunicativas entre esses e seus professores.

As necessidades educacionais diferem de aluno para aluno. Terão dimensões e matizes diferentes, segundo as oportunidades educacionais oferecidas e os recursos e características das escolas. (Blanco, 1998:56).

Dentre as inúmeras mudanças que se espera sejam adotadas para a remoção das barreiras para a aprendizagem em sala de aula, a preleção (aula expositiva, centrada no educador) deverá ser substituída por estratégias mais participativas, como o trabalho em grupo, favorecedores das trocas de experiências e da cooperação entre seus integrantes.

Com propriedade Ainscow (1997:16) afirma que o mais importante recurso em sala de aula é o próprio aluno:

Em cada sala, os alunos representam uma fonte rica de experiências, de inspiração, de desafio e de apoio que, se for utilizada, pode insuflar uma imensa energia adicional às tarefas e atividades em curso. No entanto, tudo isto depende da capacidade do professor em aproveitar essa energia. (...) os alunos têm a capacidade para contribuir para a própria aprendizagem.(...) a aprendizagem é, em grande medida, um processo social.

Tornar a aprendizagem interessante e útil é uma das formas de remover obstáculos. O professor, para melhor conhecer os interesses de seus alunos, precisa estimular a sua própria escuta criando, diariamente, um tempo de ouvir os alunos reconhecendo, em suas falas, o que lhes serve como motivação, bem como conhecendo a “bagagem” que trazem para a escola.

Recentemente, estivemos todos mobilizados (querendo ou não) com a Copa do Mundo. Além desse torneio, outros têm ocorrido ainda que em menores. O

futebol representa um importante centro de interesses para os alunos, servindo como tema a ser explorado de modo interdisciplinar:

- O número de jogadores em campo, os que ficam na reserva, o número de jogadores para a marcação, os critérios de combinação dos times para as oitavas-de-final, etc.etc.servem para estudos em matemática;
- As contusões sofridas por jogadores podem ser exploradas como fonte de interesse para conhecer os sistemas nervosos, musculares...e para tipos de tratamentos;
- A localização dos estádios onde se realizam as partidas, excelentes para o despertar o interesse por Geografia, História...
- Predizer acontecimentos para 2002, em termos do penta ainda não conquistado, como assunto para inspirar recordações em grupo ou individualmente...

A criatividade do professor somada à sua convicção de que a aprendizagem é possível para todos os alunos e de que ninguém pode estabelecer limites do outro, certamente contribuirão para remover os obstáculos que tantos e tantos alunos tem enfrentado no seu processo de aprendizagem. A arrumação das carteiras, a decoração das carteiras, a decoração da sala com os trabalhos dos próprios alunos; a organização de visitas, o uso de revistas, jornais e outros meios de comunicação impressa servem como fontes de interesse e de participação dos alunos nas atividades propostas.

A flexibilidade é outro fator que contribui para a remoção das barreiras de aprendizagem. Traduz-se pela capacidade do professor de modificar planos e atividades à medida que as reações dos alunos vão oferecendo novas pistas.

Por exemplo: um professor está preparado para ensinar a metamorfose da lagarta, em borboleta. Ao mencionar que nascerá uma borboleta a partir daquela lagarta, a criança, inesperadamente, comenta que sua mãe vai ter um bebê naquela semana e que já sabe que será de tal sexo. Suponhamos que os colegas, imediatamente, se interessem por tal assunto, em detrimento do que lhes havia planejado a professora. Se ela insistir em ensinar metamorfose, desconsiderando o interesse da turma, vai criar algumas resistências e muita desatenção. Mais adequado será, pois, ser flexível e aproveitar o interesse dos alunos sobre o bebê e a partir daí trabalhar, por exemplo, a sexualidade e reprodução humana, como objetos do ensino – aprendizagem para, em outro momento, chegar às borboletas...

Inúmeros são os exemplos que podem ilustrar a prática pedagógica centrada na aprendizagem e que passa a ter caráter preventivo contra possíveis obstáculos, gerados pelo desinteresse ou pela falta de pré - requisitos pelos alunos.

No âmbito da escola, em termos gerais, também erguem-se inúmeras barreiras, incluindo a "solidão" em que trabalha a maioria dos professores. Com esta observação vem o alerta para a importância do trabalho em equipe, de modo que seja institucionalizado um espaço, no qual se estude aprendizagem e desenvolvimento humanos, além de analisar casos de alunos que apresentam características mais específicas, dentre outros temas.

Para remover barreiras para a aprendizagem é preciso sacudir as estruturas tradicionais sobre as quais nossa escola está assentada. A lógica da transmissão deve ser substituída por uma outra lógica, está centrada na aprendizagem e em tudo que possa facilitá-la.

Pretende-se uma escola aberta a diversidade, consciente de suas funções sociopolíticas, ao lado das pedagógicas, uma escola sintonizada com os valores democráticos. Mais importante do que conceber a escola como transmissora de conteúdos é concebê-la como o espaço privilegiado de formação e de exercício da cidadania. Como a escola também é o espaço dos escritos há que, nela, favorecer a apropriação e a construção de conhecimentos com reflexão crítica. A pesquisa na educação é outra das formas de remover barreiras à aprendizagem. Pesquisa feita pelos alunos, como forma de redescoberta e pelo professor que deve observar e registrar dados para, depois de avaliados, servirem para a formulação de teorias oriundas da prática!

E, para encerrar, um breve comentário acerca da Declaração Mundial sobre Educação para Todos, aprovada na Conferência Mundial sobre Educação para Todos/Satisfação das Necessidades Básicas de Aprendizagem, ocorrida em 5 a 9 de março de 1990, em Jomtien, Tailândia. É animador constatar que houve a preocupação com as necessidades básicas de aprendizagem de todas as crianças. Porém, o que consta da Declaração como satisfação das necessidades básicas de aprendizagem traduz-se tanto pelos "instrumentos essenciais para a aprendizagem (como leitura, a escrita, a expressão oral, o cálculo, a solução de problemas), quanto pelos conteúdos básicos da aprendizagem, isto é: conhecimentos, habilidades, valores e atitudes".

Sem descaracterizar a importância desse enfoque, a pretensão é alertar para as necessidades básicas para a aprendizagem o que implica a análise das condições de todos os atores que participam da organização e implantação do processo educacional escolar.

Não se trata de uma simples substituição de preposições ou de exagero lingüístico. As necessidades básicas de aprender (às vezes mecanicamente e sem reflexão) precisam ser cotejadas com as necessidades básicas para aprender,

estas menos centradas em conteúdos e mais voltadas para o contexto em que a aprendizagem ocorre, tanto mais fadada ao sucesso quanto melhor for a qualidade das respostas educativas das escolas.

3. Auto-reflexão (1 h 30 min.)

O formador deverá, neste momento, favorecer a reflexão do professor sobre sua própria prática pedagógica, através da apresentação das questões abaixo relacionadas.

Deverá estimular o professor a manter como parâmetro suas ações de ensino, na sala de aula, concedendo um período de tempo para que cada professor registre suas reflexões em folha de papel.

Cada professor deverá, então, à medida que for refletindo e analisando sua prática pedagógica, no que se refere ao tema contido em cada questão, produzir um texto, que será apresentado à plenária, no final da atividade. Não será necessário que todos os professores apresentem publicamente o seu texto, mas o coordenador deverá incentivar que o maior número de professores o façam.

No final da atividade, todos deverão entregar o texto produzido ao formador.

1. Há diferença de estratégias, conteúdos ou dinâmica de trabalho?
2. Aquilo que ensino é o ideal para todos os meus alunos?
3. Percebi tendências ou habilidades especiais em algum de meus alunos?
4. Quando foi percebida essa característica?
5. Como desenvolvo o trabalho pedagógico junto a minha turma?

4. ESCOLA INCLUSIVA - II



TEMPO PREVISTO

05 horas



FINALIDADE DO ENCONTRO

Estimular professores e especialistas do Ensino Fundamental, a reflexão temática sobre a educação inclusiva, no que diz respeito ao sistema educacional, e mais especificamente, ao professor, nas situações de ensino e de aprendizagem em classes regulares, com alunos que apresentam altas habilidades/ superdotação.



EXPECTATIVAS DE APRENDIZAGEM

Ao final deste encontro, o professor deverá ser capaz de:

- Descrever alternativas pedagógicas viáveis para o atendimento às necessidades educacionais especiais presentes na superdotação.



CONTEÚDO

- A atenção pedagógica ao aluno superdotado na classe regular.



MATERIAL

- Folhas brancas;
- Etiquetas auto-adesivas;
- Pincéis atômicos coloridos;
- **Texto: Freeman, J. e Guenther, Z.** Na classe regular heterogênea. Educando os mais capazes: idéias e ações comprovadas. São Paulo: EPU, 2000.
- **Vídeo. TV Escola, MEC.** Iguais, porém tão diferentes..., Área Escola / Educação, com duração de 19`34`

SEQÜÊNCIA DE ATIVIDADES

1. Leitura e discussão de texto (2 h 30 min.)

O formador deverá, primeiramente, solicitar aos professores que leiam o texto abaixo inserido, individual e silenciosamente. Deverá solicitar que nesta atividade, cada professor anote os aspectos que entendeu de maior relevância para posterior reflexão. Para o desenvolvimento deste momento da atividade, o coordenador deverá estipular um período máximo de **30 min.**



Após terminada esta tarefa, o formador deverá dividir os participantes em grupos, de no máximo seis pessoas. Há que se ressaltar que, na eventualidade do grupo de participantes ultrapassar o número de dezoito pessoas, o coordenador deverá atribuir um mesmo tema para mais de um grupo. O importante é manter o grupo num número de seis pessoas, já que este agrupamento otimiza a possibilidade de aproveitamento da atividade de reflexão.

Cada grupo receberá um tema, sobre o qual deverá desenvolver a discussão. Nesta atividade, cada professor deverá compartilhar com os demais membros do grupo, as reflexões que fez sobre sua prática pedagógica, durante a leitura silenciosa.

Cada grupo fará um levantamento com seus participantes sobre as experiências ou observações, vivenciadas pelo professor em sua prática pedagógica, que contribuam para a reflexão sobre o tema que lhe coube.

Os temas a serem distribuídos aos diferentes grupos são:

- 1. Classes de capacidades mistas;**
- 2. Tédio;**
- 3. Talento não realizado, baixo desempenho e mediocrização.**

Após a discussão, o grupo deverá propor alternativas de superação para as dificuldades abordadas nos textos, considerando as adaptações ou estratégias que otimizem o convívio escolar dos alunos com características de superdotação, talento ou potencial superior.

Ao final da atividade cada grupo deverá apresentar sua temática, reflexões e propostas de alternativas à plenária. Deverá ser previsto tempo necessário para outras contribuições complementares aos grupos ouvintes.

NA CLASSE REGULAR HETEROGÊNEA

Classes de capacidades mistas

Numa concepção pedagógica ideal, em turmas de alunos com vários graus de capacidade, o ensino deveria explorar um mesmo tema ou assunto, em níveis diversos de amplitude e profundidade, mas a maioria dos professores tem uma tendência natural a sintonizar o nível das aulas pela faixa de capacidade média do grupo.

Uma criança mais inteligente, esperando que a turma chegue ao nível em que ela já estava, até mesmo antes do ensinamento escolar, e esperar que os outros aprendam aquilo que já sabe, pode ter que matar tempo, por horas e horas, a cada dia, todos os dias.

Também se deve considerar que, na realidade, existem provavelmente poucas classes de capacidade mista, na escola regular atual. Em 1994, na Inglaterra, menos de 1% das escolas tinham classes totalmente heterogêneas para todas as matérias, com exceção, geralmente, das aulas de arte, música e educação física (Benn e Chitty, 1996).

A sala de aula comum é um lugar bastante estruturado, promovendo atividades para as quais a professora tenta atrelar a anuência do grupo de alunos, com o objetivo de melhorar o nível conhecimento e habilidades básicas para todos. Mas, pelo fato de ser único, todo o potencial e os recursos para enriquecimento que a criança bem-dotada pode trazer para uma turma de alunos, podem ser perdidos pela conformidade. Mais grave ainda é a possibilidade da criança perder sua individualidade, suas características únicas, e esforçar-se para ser igual às outras.

Alunos bem-dotados quase sempre se sentem menos confortáveis do que os outros em um ambiente com estruturas rígidas de ensino, provendo para um grau de envolvimento do aluno muito limitado, e geralmente predeterminado, como acontece em uma sala de aula regular (Freeman, 1991). Sternberg e Lubart (1995) descobriram que, como resultado de pressão para ser o melhor aluno da escola, crianças de alto Q.I. e nível alto de desempenho, geralmente apresentavam problemas consideráveis em produzir idéias originais e “inteligentes”.

Mais de duzentos adolescentes em um programa de verão, em Yale, foram agrupados por resultados dos testes da “Teoria Triádica da Inteligência”, de

em Sternberg, em “altamente analíticos”, “altamente criativos” e “altamente práticos”. Cada grupo foi comparado com um grupo de bem-dotados (capacidade geral), igualmente alto nas três áreas, e um grupo de controle de alunos com capacidade apenas acima da média. Todos esses jovens frequentaram um curso de psicologia de nível universitário, ao final do qual foram avaliados em capacidade de lembrar e analisar, e no uso criativo e prático das novas informações adquiridas no curso.

Os altamente analíticos., isto é, aqueles que freqüentemente haviam sido identificados como bem-dotados por escores em testes de Q. I. tiveram os piores resultados de todos os grupos nos testes de criatividade. Os autores concluem que esses alunos raramente foram chamados a fazer um esforço criativo, e tinham aprendido a agir em conformidade com as expectativas de serem bons acadêmicos., usando, preferencialmente, a memória para tirar notas altas nos exames.

Também um estudo sobre os vencedores de prêmios nas artes e ciências, nos EUA, mostrou que inteligência muito alta não é sempre essencial para conseguir resultados destacados, e que a memória simples é muito mais útil (Walberg, 1995).

Portanto, parece que assim como a memória pode ser positivamente utilizada em trabalho criativo, também pode ser “abusada”, para se conseguir alta nota nos exames escolares.

Tédio

Uma criança com uma mente rápida e curiosa pode ter que suportar muito tédio em uma sala de aula regular. Na América, Feldhusen e Kroll (1991) perguntaram a crianças de escola primária sobre suas atitudes em relação a escola. As respostas ao questionário de 227(duzentos e vinte sete) crianças bem-dotadas (identificadas por Q.I.), foram comparadas com as respostas de um grupo de controle aleatório de 226 (duzentos e vinte seis) crianças. Embora os bem-dotados comumente tenham começado na escola com atitudes positivas, eles mais freqüentemente reclamaram de tédio, quase sempre por falta de desafio apropriado.

Numa outra pesquisa americana parecida, 871(oitocentos e setenta e um) alunos academicamente talentosos, identificados por Q. I. e notas escolares nos diversos níveis de escolarização, foram questionados se encontrava desafio nas aulas (Gallagher et al., 1997). Eles respondem que somente nas aulas de matemática e nas aulas especiais para bem-dotados. Esses pesquisadores

também citam evidência (p.132) da ausência de ensino diferenciado nas escolas americanas regulares.

Guenther (1979), estudando 32 (trinta e dois) adolescentes bem-dotados frequentando escolas públicas em Minas Gerais, observou como as meninas aparentemente aprendem intencionalmente a gastar mais tempo do que precisam ao fazer tarefas escolares, escrevendo devagar, enfeitando as letras e o texto, o que a professora às vezes elogia como “capricho”. Os meninos não encham tempo de tédio com essas estratégias, a não ser aqueles que parecem ser considerados “bem-comportados” em sala de aula.

Aprender a tolerar o tédio, para qualquer criança pode se tornar um hábito mal adaptativo e desmoralizante, ou seja, abaixa a energia geral, e leva ao desencanto para com a aprendizagem. Para aliviar essa experiência desagradável, os jovens podem escapar pelo devaneio e “sonhar acordado”, ou intencionalmente provocar desordem na sala (Freeman, 1992).

Ou ainda, quando constantemente trabalhando com tarefas demasiadamente fáceis, os mais capazes tentam criar seus próprios desafios, tal como testar, ou mesmo quebrar, as regras estabelecidas (Kanevsky, 1994). Também podem cometer erros de aprendizagem, seja por não prestar atenção suficiente, ou para aliviar o tédio.

Um problema maior para aqueles que acham as tarefas de aprendizagem muito fáceis, é que podem não chegar a desenvolver a disciplina necessária para estudar, e ir levando as tarefas escolares pelo que lembram das aulas, pagando depois o preço quando encontrarem trabalho escolar mais difícil, nos níveis mais elevados.

Um considerável número de crianças bem-dotadas no Brasil, que até a 4ª série tiravam as melhores notas, e não tinham a menor dificuldade com as tarefas escolares, ao passar para a 5ª série, por falta de hábitos de trabalho e pela atitude geral de considerar que “tudo na escola é fácil”, perdem-se na organização curricular, que passa a ser por disciplinas, demonstram-se incapazes de se organizar para trabalho independente e não raro apresentam desnecessariamente baixo rendimento escolar acompanhado de perda de interesse pelos estudos, o que acaba levando a repetir, desnecessariamente, a 5ª série.

Uma manobra mais elaborada, criada pelas crianças para lidar com o tédio, é o “problema em três tempos”, que Freeman (1991) identificou via autodescrições. Para evitar o aborrecimento de ter que ouvir muitas repetições dos professores, os alunos que absorvem a informação da primeira vez, desenvolvem uma técnica de “desligar” para a segunda e terceira, depois “ligar” outra vez quando vier algo novo, o que envolve considerável habilidade mental, em várias áreas do funcionamento psicológico.

Porém, até que essa técnica seja aperfeiçoada, eles perdem muitas partes das aulas, e os professores por isso subestimam sua capacidade. Isto é compreensivelmente um dado confuso para o professor, pois a criança parece ser inteligente, mas mesmo assim não está aprendendo.

Como todo hábito, esse também tende a persistir, especialmente se começar muito cedo; alguns alunos mais inteligentes da amostra de Freeman não ouviam com atenção o que os outros estavam dizendo porque, segundo alegaram, eram freqüentemente distraídos por pensamentos mais elevados.

Talento não realizado – baixo desempenho e mediocrização

Devido à rapidez e estilo de aprendizagem, as vivências escolares para os alunos mais capazes e bem-dotados quase sempre são diferentes daquelas experienciadas pelas outras crianças. Na tentativa de conseguir amigos e de se “misturar” melhor com os outros em um grupo comum, os mais capazes podem dissimular e esconder sua excepcionalidade.

Butler-Por (1993) revendo e avaliando vinte anos de classes especiais para bem-dotados, em escolas regulares de Israel, verificou que quando as expectativas do professor não são altas, o subdesempenho em crianças potencialmente mais capazes vem disfarçado sob a forma de trabalho escolar medíocre, ou levemente acima da média. Esse autor achou também que a razão mais generalizada para o desempenho de nível baixo era falta de provisão adequada para a aprendizagem.

Emerick (1992) identificou seis fatores que podem aliviar as situações de desempenho baixo na escola.

Revertendo o desempenho escolar de bem-dotado não produtivo

1. Encorajar interesses fora do âmbito escolar.
2. Trabalhar em colaboração com a família.
3. Coordenar objetivos diversos, associados com sucesso escolar.
4. Melhorar o ensino, o currículo e a atuação da escola.

5. Prover orientação ao professor.
6. Prover aconselhamento ao aluno visando aperfeiçoamento pessoal.

Problemas emocionais, bem como provisão inadequada de materiais e de oportunidades de aprendizagem podem contribuir para o baixo desempenho de qualquer criança, o que pode ser exacerbado por incompatibilidade entre os estilos de aprendizagem (da criança), e de ensino (o professor).

West (1991) examinou histórias de vida de dez famosos pensadores visuais, incluindo Einstein, Edson e Churchill todos com baixo desempenho na escola. Ele apresentou pesquisa na área de desenvolvimento neurológico, mostrando a ligação entre talento visual e dificuldade verbal, chegando à conclusão que os talentosos de estilo visual podem encontrar maiores problema de aprendizagem numa sala de aula regular, onde o ensino é linear (um fato seguindo o outro, numa ordem especificada).

Embora o estudo não indique como essas crianças podem superar essas dificuldades, ele sugere algumas linhas de orientação para que os professores reconheçam a situação.

Algumas indicações de problemas de aprendizagem em pensadores talentosos visuais:

1. Má apresentação do trabalho, e senso de tempo deficiente - possivelmente super compensado por sistematização e organização.
2. Devaneio excessivo (sonhar acordado).
3. Dificuldade com aritmética, mas não com geometria, estatística, e matemática avançada.
4. Dificuldades no discurso, hesitação, desenvolvimento lento.
5. Algumas vezes, coordenação motora deficiente.
6. Desajeitado e sem tato nas relações humanas, mas algumas vezes com capacidade excepcional de consciência social.
7. Dificuldade em memorização de informação dada em rotina, como, por exemplo, tabuadas de multiplicação, mas memória superior para áreas em que tem interesse.
8. Dificuldade em aprender língua estrangeira, especialmente em sala de aula, mas, algumas vezes, uma capacidade excepcional na própria língua.
9. Pode ser superativo, distraído, sem atenção, desligado, vivendo “no seu próprio mundo”.

Em uma revisão de muitos autores nos EUA, Deslile (1992), de acordo com Butler-Por (1993), concluiu que todo subdesempenho é um comportamento

aprendido, o qual é sempre amarrado ao autoconceito do indivíduo, e, portanto cada caso tem que ser julgado individualmente. Deslile faz uma diferenciação útil entre subdesempenho e falta de produção, ambos podendo apresentar o mesmo grau de baixo rendimento e as mesmas baixas notas escolares:

Subdesempenho, são crianças com desempenho inferior a sua capacidade, geralmente com problemas emocionais e baixo autoconceito. Aham extremamente difícil mudar o próprio comportamento por si mesmas e podem melhorar com aconselhamento e assistência.

Baixa-produção alunos que simplesmente não produzem, mas que são psicologicamente fortes e confiantes nas suas capacidades. Eles escolhem não se submeter, e provavelmente são bem-sucedidos à sua própria maneira, por exemplo, em uma gangue de rua, ou deixando passar o tempo até ter que sair da escola e poder escolher uma área de produção no domínio não acadêmico, por exemplo, no comércio.

As seguintes indicações de subdesenvolvimento são derivadas de várias fontes (Treffinger e Feldhusen, 1996; Feuerstein e Tannenbaum, 1993; Renzulli, 1995; Hany, 1996).

Alguns sinais de subdesempenho em crianças potencialmente muito capazes:

1. Entediado e inquieto.
2. Verbalmente fluente, mas fraco na linguagem escrita.
3. Prefere amizade com crianças mais velhas e com adultos.
4. Excessivamente autocrítico, ansioso, podendo se sentir rejeitado na família.
5. Hostil para com a autoridade.
6. Pensamento rápido.
7. Não sabe como estudar, ou como aprender as matérias escolares.
8. Aspirações muito baixas em vista das aptidões.
9. Não define seus próprios objetivos, e depende do professor para tomar decisões.
10. Não planeja, não pensa numa dimensão de tempo(nem mesmo em futuro próximo).
11. Fraco desempenho em testes e exames, mas faz perguntas inquisitivas e criativas.
12. Pensa em termos abstratos.
13. Geralmente gosta de brincadeiras com palavras.
14. Trabalho de alto nível vai se deteriorando com o tempo.

Algumas sugestões para ajudar crianças em situação de subdesempenho:

1. Confirmar o valor próprio, por meio de elogios, mesmo por realizações pequenas.
2. Revisão diária do progresso alcançado.
3. Envolver o aluno em decisões sobre a própria Educação, por exemplo, estabelecendo as próprias metas de aprendizagem, e assim aumentando a motivação para aprender.
4. Tornar o material relevante para os interesses próprios da criança.
5. Levá-lo a monitorar crianças menores, nas áreas em que elas são mais capacitadas.
6. Ter um mentor na área de seus próprios interesses.
7. Encarregar o aluno de avaliar o próprio trabalho, e dar-se uma nota, antes de entregar a tarefa ao professor.
8. Aceitar, respeitar a criança sem impor condições emocionais.

2. Apresentação de Filme e Reflexão (1 hora)

O formador deverá apresentar aos participantes o filme em VT, denominado “Iguais, porém tão diferentes...”, produzido pela TV Escola - Escola / Educação, com a duração de 19’ 34”.

O argumento do filme é o seguinte: Ao eleger o saber acadêmico como única forma de conhecimento, a escola cria a falsa imagem do saber prático, naturalmente adquirido, e estabelece uma padronização imprópria para o ensino.

3. Reflexão

O formador deverá lhes apresentar a questão abaixo, como elemento norteador para a reflexão crítica:

O que significa, para o professor, a inserção do aluno superdotado no contexto de uma escola ou de uma classe inclusiva?

4. Leitura e discussão texto (1h 30 min.)

O formador deverá solicitar aos participantes que façam a leitura e a análise do texto abaixo inserido, individualmente, assinalando as palavras chaves nele contidas.

Em seguida, deverá orientar os participantes a refletirem sobre os aspectos que assinalaram no texto, encaminhando para uma síntese do conteúdo abordado nas diferentes atividades desenvolvidas neste módulo.

Nesta reflexão, recomenda-se que se privilegie a análise da educação atualmente oferecida à pessoa com superdotação, na atualidade, acrescentando ao processo, as seguintes questões:

1. Quais aspectos devem ser enfatizados na educação do superdotado na visão dos professores participantes do curso?
2. Quais ações favorecem as relações e expressões de alunos com superdotação e podem ser desenvolvidas no ambiente escolar?

O PROFESSOR NOS DIAS DE HOJE. PRESENTE E O FUTURO. QUE PROFESSOR FORMAR E O QUE OFERECER AOS ALUNOS COM ALTAS HABILIDADES

Aqueles que se vêm reforçados, encorajados e admirados pelos seus comportamentos inteligentes sentem-se com mais valor social. Pensamos, juntamente com Almeida (1994), Sternberg e Williams (1998), Gardner(1995), (Mettrau, 2000) e inúmeros outros autores, que a inteligência não é somente uma propriedade individual, mas um processo relacional entre o indivíduo e os seus companheiros que constroem e organizam, juntos, as suas ações sobre o meio ambiente (Mettrau, 1995).

Os comportamentos ou manifestações inteligentes em seus aspectos: cognitivos, criativos e afetivos estarão sempre presentes na produção de qualquer pessoa e também na dos portadores de altas habilidades, seja esta produção intelectual, propriamente dita, artística, científica, tecnológica, educacional ou outra.

O criar, o conhecer e o sentir são as diferentes expressões da inteligência de variadas maneiras e formas porque ele é capaz de criar (criação), perceber e reconhecer o que cria (cognição), e sentir emoções acerca de... (Mettrau, 1995).

Assim, o que distinguiria os talentos não seria, necessariamente, a sua rapidez na execução, mas o manejo correto de descoberta (insight), para a solução das tarefas. A criatividade e a motivação são incluídas na expressão geral da inteligência, uma vez que ela não é percebida como um atributo unidimensional e sim em múltiplas óticas e direções que se diferenciam não só de um grupo para outro, como também de pessoa a pessoa (Mettrau, 1995).

A Escola pode propor atividades usuais, interessantes e desafiadoras para perceber os talentosos e os portadores de altas habilidades baseadas na observação, comparação, resumo, classificação, interpretação, crítica,

suposição, imaginação, obtenção e organização de dados, hipóteses, aplicação de fatos e princípios a novas situações, decisões, planejamento de situações e codificação. As possibilidades acima indicadas pertencem às sugestões metodológicas de Raths e outros (1977). Podem ser utilizadas da Educação Básica por meio de tarefas e ações interessantes, lúdicas e prazerosas com apoio de textos de jornal, revistas, temas televisivos, filmes, etc.

Estas situações tanto poderão ser oferecidas pelo mediador / dinamizador ou professor quanto poderão ser criadas pelos alunos vivendo um verdadeiro laboratório de flexibilidade pensamento onde o vínculo afetivo será a prioridade.

Após a realização de todas ou algumas das propostas agrupadas far-se-á sempre uma avaliação dirigida para os estilos de aprendizagem, isto é: como realizaram as tarefas; o que mais gostaram ou não; que aspectos foram mais fáceis ou mais difíceis. Cada um externará seu pensamento demonstrando as várias maneiras e caminhos de aprender para lidar melhor com as diferenças.

Sugere-se, ainda, a ampla utilização de histórias, contos, mitos, poemas, músicas e jogos para uma revisão e análise desses novos usos. Finalmente relembro a importância do brincar (Mettrau, 1996) e a extensa gama de possibilidades que o jogo oferece em todas as idades. Há enorme variedade deles no mercado, variando em objetivos, idades e preços; devem, portanto, fazer parte rotineira de qualquer classe.

É muito interessante a confecção artesanal de brinquedos e jogos ampliando e modificando suas formas e regras. Estas são formas de agir que levam a organização das formas de pensar e de aprender. É a hora de usar o “mesão” ou o chão da sala de aula.

Finalizando o professor dedicado à questão de ensinar a todos e também aos alunos com altas habilidades deve lembrar-se que não existe só o funcionamento cognitivo, mas, também, o afetivo e o criativo, todos em interação social dinâmica e contínua numa sala de aula.

É pela via da sensibilidade (afetividade) que melhor e mais profundamente podemos atingir os alunos com altas habilidades, pois, usualmente, eles já demonstram uma cognição expandida.

Após vinte anos de trabalhos e pesquisas ininterruptos com eles e suas famílias penso poder afirmar que a afetividade e a sensibilidade deles são e o elo mais forte e mais difícil de serem atingidos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ALMEIDA, L. S., *Inteligência: Definições e Medidas*. CIDINE (Centro de Investigação, Difusão e Intervenção Educacional). Portugal, Aveiro: 1994.

ALMEIDA, L. S. O brinquedo, a criança, e a educação: reflexões. Ver a Educação. Belém: Editora Universitária UFPA, V. 1, n° 2, 1995.

MARQUES, A. S. Ensinar a Pensar. Uma metodologia lógico-criativa para nós professores e alunos cidadãos. Rio de Janeiro: Ed. UERJ. 1998.

METTRAU, M.B. Nos bastidores da inteligência. Rio de Janeiro. EdUERJ, 1995.

METTRAU, M. (Org. e Aut.) *Inteligência: Patrimônio Social*. Rio de Janeiro: Dunya Ed., 2000.

GARDNER, H. *Inteligências Múltiplas: a teoria na prática*. Porto Alegre: ArtMed, 1995.

RATHS, L. E. et. Al. *Ensinar a Pensar: teoria e aplicação*. 2a. Edição. São Paulo: EPU, 1977.

STERNBERG, R. J. Williams, W. M. *Intelligence, instruction and assessment*. New Jersey, USA: Lawrence Erlbaum Associates. 1998.

5. ADEQUAÇÕES CURRICULARES - I



TEMPO PREVISTO

04 horas



FINALIDADE DO ENCONTRO

Promover condições para que os professores e especialistas da Educação se familiarizem com os conteúdos do documento – Saberes e Práticas da Inclusão.



EXPECTATIVAS DE APRENDIZAGEM

Ao final deste encontro, o professor deverá ser capaz de:

- Compreender que o atendimento às diferenças na escola implica flexibilidade das práticas educativas e adequações curriculares.



CONTEÚDO

- Currículo Escolar;
- Adequações Curriculares.



MATERIAL

• Textos:

BRASIL. *Adaptações Curriculares*. Brasília: MEC/SEF/SEESP, 1999.

BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais*. Brasília: MEC/SEF/SEESP, vol. 1, 1997.

Stainback, S. e Stainback, W. *Premissas básicas do currículo escolar. Inclusão: guia para educadores*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

SEQÜÊNCIA DE ATIVIDADES

1. Leitura e discussão de texto (1 h)

- O formador deverá dividir os participantes em quatro grupos. Cada grupo deverá receber **uma** das quatro questões abaixo, para discussão, após a leitura do texto.
- Que aspectos os professores devem levar em conta, ao propor atividades em sala de aula?
- Qual deverá ser a finalidade da educação para alunos com superdotação?
- Qual a importância dos diferentes aspectos do currículo, no processo de aprendizagem?
- Como favorecer a flexibilização do currículo na prática pedagógica?



PREMISSAS BÁSICAS DO CURRÍCULO ESCOLAR

Há muito tempo o currículo tem sido encarado e implementado a partir da perspectiva de que as turmas de educação regular têm um conjunto padronizado de exigências acadêmicas ou de fragmentos de conhecimento e habilidades que todo aluno deve aprender para terminar com sucesso o seu curso. Tal visão baseia-se na suposição de que há áreas de conhecimento ou informação pré-definidas que, quando aprendidas em seqüência, resultam em sucesso na vida após a escola (Poplin & Stone, 1992). É esse conjunto de informações seqüenciadas que tem sido entendido por muitas escolas como “o currículo”. Esse currículo seqüenciado e padronizado é freqüentemente transmitido por meio de aulas ministradas pelo professor, nas quais os alunos lêem livros didáticos e preenchem folhas de atividades para aprender e exercitar os termos, conceitos e habilidades essenciais à matéria. Na maioria dos casos, se uma criança não consegue aprender o conteúdo proposto por meio desse tipo de abordagem, ela falhou, e, em alguns casos, é excluída das turmas de educação regular.

Felizmente, para o movimento da escola inclusiva, tal visão do currículo está sendo cada vez mais rejeitada por professores progressistas do ensino regular (Smith, 1986). Eis algumas razões pelas quais tal visão está se transformando:

- O crescente reconhecimento de que em uma sociedade complexa, dinâmica e que se modifica tão rapidamente não há mais (se é que algum dia houve) um corpo de informações único, distinto e estático que vá resultar no sucesso dos alunos na vida adulta. Em vez disso, emergiu uma abordagem mais produtiva, que é ensinar aos alunos o processo de aprendizagem - um processo que envolve aprender a aprender, ou tornar-se apto para discernir o que é preciso para adaptar e tornar-se proficiente

em uma nova situação, além de “como” e “onde” ir para localizar a informação necessária.

- A **falta de adequação à diversidade**, inerente às experiências passadas e à velocidade de aprendizagem, aos estilos e aos interesses de todos os alunos. Essa diversidade existe não apenas entre os alunos que têm sido rotulados como de risco, bem dotados / talentosos, ou com retardo mental, mas também entre a média dos alunos.
- A **ênfase no currículo pré-definido**, mais voltada para o próprio currículo do que para a criança. Atualmente, há uma tendência de partir da criança de construir o currículo em torno de suas experiências, percepções e conhecimento atual, mantendo sempre em mente o que as pessoas em geral precisam saber para viver vidas felizes e produtivas.
- A **percepção de muitos alunos de que o currículo tradicional é tedioso, desinteressante e sem propósito** (Smith, 1986). Os currículos padronizados de modo geral não se desenvolvem a partir da vida e do mundo que cerca os alunos, nem têm nada a ver com eles.
- A **falta de capacitação dos indivíduos diretamente envolvidos no processo de aprendizagem**. Um currículo padronizado é muitas vezes pré-definido por indivíduos, tais como consultores das secretarias de educação e especialistas em currículo que compilam, por exemplo, leituras básicas e livros didáticos de matemática e história. O conhecimento e a experiência dos professores e dos alunos envolvidos na situação de ensino com relação ao significado dos materiais e as melhores maneiras de aprender com esses materiais são freqüentemente desconsiderados.

Diante dessas falhas de um currículo rígido padronizado, maior atenção e aceitação estão sendo dadas a uma perspectiva mais holística e construtiva da aprendizagem. Há vários elementos comuns na perspectiva holística:

- O reconhecimento do aluno como o centro da aprendizagem (Lipsky & Gardner, 1992). A perspectiva holística começa com o aluno e é construída a partir de suas potencialidades (o que o aluno já sabe) para facilitar a aprendizagem e o sucesso escolar.
- A ênfase reduzida em remediar os déficits e as deficiências. Estes são tratados à medida que os alunos se animam com aprendizagem e se envolvem em projetos e atividades significativos.
- O reconhecimento de que: 1. o conteúdo do currículo deve levar em conta a natureza dinâmica das necessidades dos alunos para serem bem-sucedidos na vida e no trabalho em uma comunidade (daí o enfoque em aprender a aprender); e 2. para a informação ser aprendida, usada e lembrada ela deve ser significativa e fazer sentido para quem a está aprendendo (daí o enfoque em se levar em conta as experiências, o interesse e o nível de entendimento do aluno).

- O professor como mediador dos alunos que estão ativamente envolvidos no processo de aprendizagem de informações, em vez de transmissor de um currículo padronizado (Smith, 1986). O professor pode ensinar ou compartilhar seu conhecimento com alunos por meio de mini-aulas ou de outros meios, mas seu enfoque primordial é apoiar e estimular os alunos a envolverem-se ativamente em sua própria aprendizagem.
- A ênfase em atividades e projetos significativos da vida real. Por exemplo, leitura e discussão de livros e histórias interessantes, em vez de concentrar-se em fragmentos isolados das habilidades de leitura (p. ex; os ditongos). Manter um diário ou um jornal, e escrever cartas, memorandos, histórias, livros e editoriais para o jornal constituem outras atividades de interesse. Há pouco enfoque na prática de habilidades como pontuação, uso de letras maiúsculas ou identificação de substantivo e verbo isoladamente; essas habilidades são aprendidas no contexto das atividades reais da escrita.
- O encorajamento de todas as crianças a ler (ou ouvir ou discutir) histórias ou informações do interesse delas e em seus níveis de capacidade individual, e escrever (ou comunicar de alguma outra maneira) informações importantes para elas. Essa perspectiva não defende um currículo rígido, estrito, predeterminado e padronizado que todas as crianças da mesma idade devem dominar ao mesmo tempo, independentemente de suas origens individuais, características de aprendizagem, interesses e experiências.
- O movimento contra ensinar aos alunos habilidades isoladas em ambientes isolados e a favor de sua aprendizagem por meio do envolvimento em projetos e atividades significativas, da vida real, enquanto eles interagem e cooperam uns com o outro (p. ex., ver Smith, 1986, sobre o conceito dos clubes de aprendizagem).

Um exemplo dessa mudança de perspectiva está ilustrado em um intercâmbio que ocorreu entre uma professora de música do ensino médio e um mediador da inclusão, enquanto colaboravam para determinar o que um novo aluno da 7ª série, que havia sido rotulado como não-verbal, autista e com retardo mental, poderia desfrutar na aula de música. Nessa classe, a professora envolvia as crianças em ouvir música, ler sobre os princípios básicos da música, aprender a tocar vários instrumentos musicais e compor suas próprias peças. Ou seja, ela proporciona ao máximo o envolvimento em projetos e atividades reais de música. Embora houvesse algumas aulas tradicionais e leituras de livros didáticos, o enfoque era a criança gostar e envolver-se ativamente nas atividades musicais, enquanto aprendia sobre a música como ela é criada. **O intercâmbio inicial entre a professora e o mediador da inclusão ocorreu como resultado da pergunta da professora: “o que devo ensinar a este aluno?”**. Quando lhe foi perguntado o que ela queria que as outras crianças aprendessem, ela disse que era gostar da música

e do seu vocabulário, como as escalas e as notas. Quando lhe foi perguntado se todos precisavam dominar todo o conteúdo para passar de ano, a professora de início respondeu que sim, mas depois reconsiderou sua resposta e replicou ser esperado que os alunos, individualmente, aprendessem quantidades variadas. Alguns alunos entravam na turma com considerável conhecimento e apreciação da música por meio de suas experiências com aulas de piano e outras lições de música, enquanto outros alunos não tinham a menor familiaridade com a matéria.

Depois de muito discutirem, os dois professores concordaram que se poderia esperar que todos os alunos, inclusive o novo aluno, adquirissem vários graus de apreciação e envolvimento com a música e o domínio dos termos e dos conceitos. Entretanto, concordaram que o domínio do currículo ou do conteúdo ensinado na turma não era o objetivo fundamental. Em vez disso, o currículo de música (como outras áreas curriculares, como história ou ciências) simplesmente proporcionava um meio para os alunos melhor compreenderem, apreciarem, adaptarem-se e usarem ao máximo a sua capacidade para o que está disponível no mundo que os cerca (nesse caso, a música), para viverem uma vida satisfatória e produtiva como membros da sua comunidade. Em uma turma desse tipo, a professora usa o currículo para desafiar cada um a conseguir o máximo possível. Sob uma perspectiva holística, construtivista, todas as crianças estão envolvidas no processo de aprender o máximo que puderem de uma determinada matéria; a quantidade e exatamente o que elas aprendem depende de suas origens, interesses e habilidades. **A partir dessa perspectiva, todos os alunos podem tirar proveito das oportunidades de aprendizagem oferecidas na sala de aula, e o propósito do currículo não é definir alguns alunos como bem-sucedidos e outros como fracassados.**

2. Dinâmica de Grupo (1h)

Técnica: Atravessando o rio

O formador deverá demarcar, no chão da sala de aula, com fita adesiva, as margens de um rio, criando um espaço entre elas, de forma a simbolizar o rio. Deverá informar aos participantes que neste rio existem piranhas como elemento de risco. Deverá garantir que o espaço entre as margens seja largo, de forma a criar um grau maior de dificuldade para sua travessia. Entretanto, não deverá ser tão largo, a ponto de impedir o alcance do objetivo de atravessá-lo.

Para atravessar o rio, os participantes deverão respeitar três regras:

1. Cada pessoa deverá criar uma alternativa diferenciada para a travessia. Não será permitida a repetição da mesma estratégia.

2. A medida que a travessia for realizada, o participante que conseguiu atravessar poderá retornar para a margem inicial, de forma a poder ajudar os demais elementos, **desde que a estratégia não seja uma que já tenha sido utilizada**. O grupo pode auxiliar criando novas estratégias.
3. Todos devem atravessar o rio. Ninguém pode ficar para trás. Nenhum membro do grupo deverá deixar de efetuar a travessia.

O professor formador, então, deverá assinalar o início da atividade.

Após sua execução, deverá identificar, com o grupo, pontos de reflexão a respeito das alternativas, estratégias e sensações que foram marcantes durante a realização da tarefa.

- Quais foram as estratégias adotadas?
- Quem tomou a liderança do grupo?
- Qual o elemento se destacou em agilidade, estratégia, motivação entre outros?
- Quem ficou à espera de uma solução?
- Qual o sentimento que envolveu cada participante? E o grupo?
- Quais estratégias inusitadas, diferentes, complexas foram observadas?

3. Tempestade de idéias (2 horas)

Tema: O que é currículo?

O formador deverá iniciar a atividade solicitando aos participantes que apresentem, rápida e despreocupadamente, as idéias que lhes surgem quando se menciona a palavra Currículo.

À medida que os participantes vão lançando as idéias, o coordenador deverá ir registrando, no quadro, as palavras-chaves que caracterizam as falas.

Baseando-se, então, nas concepções de currículo apresentadas pelos participantes, o formador deverá, em seguida, discutir sobre os diferentes significados que a palavra veio representar.

Tomando, então, como pontos de referência os significados acima identificados, os participantes deverão fazer a leitura individual, do texto abaixo inserido.

Durante a leitura, deverão assinalar, no texto, os aspectos relevantes.

Para finalizar a atividade, os professores, agora reorganizados em pequenos grupos, deverão discutir sobre o conteúdo do texto, os aspectos assinalados por cada um, em contraposição às reflexões feitas por ocasião da discussão sobre a concepção de currículo.

6. ADEQUAÇÕES CURRICULARES - II



TEMPO PREVISTO

03 horas



FINALIDADE DO ENCONTRO

Favorecer condições para que os professores e especialistas da Educação se familiarizem com os conteúdos do documento Saberes e Práticas da Inclusão.



EXPECTATIVAS DE APRENDIZAGEM

Ao final deste encontro, o professor deverá ser capaz de:

- Descrever os diferentes níveis de adaptações curriculares possíveis de ser desenvolvidas na escola regular.



CONTEÚDO

- Níveis de adaptações curriculares.



MATERIAL

- **Texto:**

Brasil. Currículo Escolar. Adaptações Curriculares. Brasília: MEC/SEF/SEESP, 1999.



Seqüência de atividades

1. Leitura e discussão de texto (30 min.)

O formador deverá solicitar aos participantes a leitura individual do texto abaixo inserido.

CURRÍCULO ESCOLAR

A aprendizagem escolar está diretamente vinculada ao currículo, organizado para orientar, dentre outros, os diversos níveis de ensino e as ações docentes.

O conceito de currículo é difícil de estabelecer, em face dos diversos ângulos envolvidos. É central para a escola e associa-se à própria identidade da instituição escolar, à sua organização e funcionamento e ao papel que exerce - ou deveria exercer - a partir das aspirações e expectativas da sociedade e da cultura em que se insere.

Contém as experiências, bem como a sua planificação no âmbito da escola, colocada à disposição dos alunos visando a potencializar o seu desenvolvimento integral, a sua aprendizagem e a capacidade de conviver de forma produtiva e construtiva na sociedade.

Essas experiências representam, em sentido mais amplo, o que o currículo exprime e buscam concretizar as intenções dos sistemas educacionais e o plano cultural que eles personalizam (no âmbito das instituições escolares) como modelo ideal de escola defendido pela sociedade.

Nessa concepção, o currículo é construído a partir do projeto pedagógico da escola e viabiliza a sua operacionalização, orientando as atividades educativas, as formas de executá-las e definindo suas finalidades. Assim, pode ser visto como um guia sugerido sobre o que, quando e como ensinar; o que, como e quando avaliar.

A concepção de currículo inclui, portanto, desde os aspectos básicos que envolvem os fundamentos filosóficos e sociopolíticos da educação até os marcos teóricos e referenciais técnicos e tecnológicos que a concretizam na sala de aula. Relaciona princípios e operacionalização, teoria e prática, planejamento e ação.

Essas noções de projeto pedagógico da escola e de concepção curricular estão intimamente ligadas à educação para todos que se almeja conquistar.

Em última instância, viabilizam a sua concretização. O projeto pedagógico tem um caráter político e cultural e reflete os interesses, as aspirações, as dúvidas e as expectativas da comunidade escolar. Devem encontrar reflexo na cultura escolar e na expressão dessa cultura, ou seja, no currículo.

A escola para todos requer uma dinamicidade curricular que permita ajustar o fazer pedagógico às necessidades dos alunos.

Ver as necessidades especiais dos alunos atendidas no âmbito da escola regular requer que os sistemas educacionais modifiquem, não apenas as suas atitudes e expectativas em relação a esses alunos, mas, também, que se organizem para constituir uma real escola para todos, que dê conta dessas especificidades.

O projeto pedagógico da escola, como ponto de referência para definir a prática escolar, deve orientar a operacionalização do currículo, como um recurso para promover o desenvolvimento e a aprendizagem dos alunos, considerando-se os seguintes aspectos:

- a atitude favorável da escola para diversificar e flexibilizar o processo de ensino-aprendizagem, de modo a atender às diferenças individuais dos alunos;
- a identificação das necessidades educacionais especiais para justificar a priorização de recursos e meios favoráveis à sua educação;
- a adoção de currículos abertos e propostas curriculares diversificadas, em lugar de uma concepção uniforme e homogeneizadora de currículo;
- a flexibilidade quanto à organização e ao funcionamento da escola, para atender à demanda diversificada dos alunos;
- a possibilidade de incluir professores especializados, serviços de apoio e outros, não convencionais, para favorecer o processo educacional.

Essa concepção coloca em destaque a adequação curricular como um elemento dinâmico da educação para todos e a sua viabilização para os alunos com necessidades educacionais especiais: não se fixar no que de especial possa ter a educação dos alunos, mas flexibilizar a prática educacional para atender a todos e propiciar seu progresso em função de suas possibilidades e diferenças individuais.

Pensar em adequação curricular significa considerar o cotidiano das escolas, levando-se em conta as necessidades e capacidades dos seus alunos e os valores que orientam a prática pedagógica. Para os alunos que apresentam necessidades educacionais especiais essas questões têm um significado particularmente importante.

2. Disputa de idéias (40 min.)

O formador deverá dividir o grupo de participantes em dois times. Um deles deverá defender o conteúdo do texto lido. O outro, deverá desqualificar o conteúdo desse texto, de forma que a cada defesa corresponda uma ou mais desqualificações.

Não se deverá permitir a repetição de argumentos, seja a favor, seja contrário ao conteúdo. Assim, todas as manifestações deverão ser inéditas. Caberá ao coordenador assumir o papel de mediador da discussão, solicitando que os argumentos sejam apresentados com muita rapidez, e interrompendo a argumentação após 20 segundos. Não deverá de forma alguma permitir falas mais longas do que isso, para estimular o pensamento rápido e a manifestação mais espontânea das idéias.

Após 15 minutos, os grupos deverão trocar de papéis, de forma que aqueles que defenderam o conteúdo do texto, passarão a desqualificá-lo, e os que assim o fizeram inicialmente, passarão a defendê-lo.

Da mesma forma, não se aceitará argumento já utilizado anteriormente.

Ao final da atividade, o coordenador deverá mediar a realização de uma síntese crítica ao conteúdo trabalhado.

3. Leitura do texto (50 min.)

O formador deverá solicitar, agora, que os participantes se dividam em grupos de até cinco pessoas, para leitura e discussão sobre o texto abaixo.

ADAPTAÇÕES CURRICULARES

As adaptações curriculares constituem possibilidades educacionais para atuar frente às condições de aprendizagem dos alunos com altas habilidades/superdotação. Pressupõem que se realize a adequação para enriquecimento ou aprofundamento do currículo regular, quando necessário, para torná-lo apropriado às peculiaridades dos alunos. Não se trata de um novo currículo, mas de um currículo dinâmico, alterável, passível de ampliação, para que atenda realmente a todos os educandos. Nessas circunstâncias, as adequações curriculares implicam planejamento pedagógico e ações docentes fundamentadas em critérios que definem:

- o que o aluno deve aprender;
- como e quando aprender;
- que formas de organização do ensino são mais eficientes para o processo de aprendizagem;
- como e quando avaliar o aluno.

Para que alunos com altas habilidades/superdotação possam participar integralmente em um ambiente rico de oportunidades educacionais com resultados favoráveis, alguns aspectos precisam ser considerados, destacando-se entre eles:

- a preparação e a dedicação da equipe da escola;
- o apoio adequado e recursos especializados, quando forem necessários;
- as adequações curriculares e de acesso ao currículo.

As adequações curriculares visam atender às necessidades educacionais dos alunos com altas habilidades/superdotação, objetivando estabelecer uma relação harmônica entre essas necessidades e a programação curricular. Estão focalizadas, portanto, na interação entre as necessidades do educando e as respostas educacionais a serem propiciadas.

Devem ser destinadas aos que necessitam serviços e/ou situações especiais de educação, realizando-se, preferencialmente, em ambiente menos restritivo e pelo menor período de tempo, de modo a favorecer a promoção do aluno a formas cada vez mais comuns de ensino.

As necessidades especiais revelam que tipos de ajuda, diferentes dos usuais, são requeridos, de modo a cumprir as finalidades da educação. As respostas a essas necessidades devem estar previstas e respaldadas no projeto pedagógico da escola, não por meio de um currículo novo, mas, da adequação progressiva do regular, buscando garantir que os alunos participem de uma programação tão normal quanto possível, mas considere as especificidades que as suas necessidades possam requerer.

O currículo, nessa visão, é um instrumento útil, uma ferramenta que pode ser alterada para beneficiar o desenvolvimento pessoal e social dos alunos, resultando em alterações que podem ser de maior ou menor expressividade. A maior parte das adequações curriculares realizadas na escola é considerada menos significativa, porque se constituem modificações menores no currículo regular e são facilmente realizadas pelo professor no planejamento normal das atividades docentes e constituem pequenos ajustes dentro do contexto normal de sala de aula.

O Quadro I especifica alguns aspectos desses tipos de adequação. São importantes como medidas preventivas, levando o aluno a aprender os conteúdos curriculares de maneira mais ajustada às suas condições individuais, para prosseguir na sua carreira acadêmica, evitando-se seu afastamento da escola regular.

QUADRO I

Adequações não Significativas (de Pequeno Porte) do Currículo

Organizativas

Organização de agrupamentos

Organização didática

Organização do espaço

Relativas aos objetivos e conteúdos

Priorização de áreas ou unidades de conteúdos

Priorização de tipos de conteúdos

Priorização de objetivos

Seqüenciação

Ampliação ou aprofundamento de conteúdos

Avaliativas

Adequação de técnicas e instrumentos

Nos procedimentos didáticos e nas atividades

Modificação de procedimentos

Introdução de atividades alternativas às previstas

Introdução de atividades complementares às previstas

Modificação do nível de complexidade das atividades

Ampliação de componentes curriculares

Seqüenciação de tarefas

Elaboração de planos de ação individual

Seleção dos materiais previstos

Na temporalidade

Modificação da temporalidade para determinados objetivos e conteúdos previstos

Fonte: Manjón, op. cit., 1995, p. 89

As **adequações organizativas** têm um caráter facilitador do processo de ensino-aprendizagem e dizem respeito:

- ao tipo de agrupamento de alunos para a realização das atividades de ensino-aprendizagem;

- à organização didática da aula - propõe conteúdos e objetivos de interesse do aluno ou diversificados, para atender às suas necessidades especiais, bem como disposição física de mobiliários, de materiais didáticos e de espaço disponíveis para trabalhos diversos;
- à organização dos períodos definidos para o desenvolvimento das atividades previstas - propõe previsão de tempo diversificada para desenvolver os diferentes elementos do currículo na sala de aula.

As **adequações relativas aos objetivos e conteúdos** dizem respeito:

- à priorização de áreas ou unidades de conteúdos que garantam funcionalidade e que sejam essenciais e instrumentais para as aprendizagens posteriores. Ex: habilidades de leitura e escrita, cálculos etc.;
- à priorização de objetivos que enfatizam capacidades e habilidades básicas de atenção, participação e adaptabilidade do aluno. Ex: desenvolvimento de habilidades sociais, de trabalho em equipe, de persistência na tarefa etc.;
- à seqüenciação pormenorizada de conteúdos que requeiram processos gradativos de menor à maior complexidade das tarefas, atendendo à seqüência de passos, à ordenação da aprendizagem etc.;
- à ampliação de conteúdos relevantes para dar enfoque mais intensivo e prolongado a conteúdos considerados básicos e essenciais no currículo.

As **adequações avaliativas** dizem respeito à adaptação de técnicas e instrumentos que possibilitam verificar o aprofundamento e enriquecimento curricular.

As **adequações nos procedimentos didáticos e nas atividades de ensino-aprendizagem** referem-se ao como ensinar os componentes curriculares. Dizem respeito:

- à alteração nos métodos definidos para o ensino dos conteúdos curriculares;
- à introdução de atividades complementares que requeiram habilidades diferentes ou a fixação e consolidação de conhecimentos já ministrados – utilizadas para apoiar o aluno, oferecer oportunidades de prática suplementar ou aprofundamento. São facilitadas pelos trabalhos diversificados, que se realizam no mesmo segmento temporal;
- à introdução de atividades prévias que preparam o aluno para novas aprendizagens;
- à introdução de atividades alternativas além das planejadas para a turma, enquanto os demais colegas realizam outras atividades. É indicada nas atividades mais complexas que exigem uma seqüenciação de tarefas;

- à alteração do nível de abstração de uma atividade oferecendo recursos de apoio, sejam visuais, auditivos, gráficos, materiais manipulativos etc;
- à alteração do nível de complexidade das atividades;
- à alteração na seleção de materiais e adaptação de materiais, como por exemplo, o uso de calculadoras científicas.

As **adequações na temporalidade** dizem respeito:

- à alteração no tempo previsto para a realização das atividades ou conteúdos;
- ao avanço/ aceleração.

Muitas vezes, há necessidade de adotar adequações significativas do currículo para atender às necessidades especiais dos alunos, e não se solucionarem com medidas curriculares menos significativas. De um modo geral constituem estratégias necessárias quando os alunos apresentam altas habilidades/superdotação, demonstrando:

- diferença entre a sua competência curricular e a de seus colegas;
- discrepância entre as suas necessidades e as demandas de atividades proporcionadas pela escola;
- necessidade de maior complexidade curricular.

O que se almeja é a busca de soluções para as necessidades específicas o aluno e, não, o fracasso na viabilização do processo de ensino-aprendizagem. As demandas escolares precisam ser ajustadas, para favorecer a inclusão do aluno. É importante observar que as adequações focalizam as capacidades, o potencial, a zona de desenvolvimento proximal (nos termos de Vygotsky).

O Quadro II especifica alguns aspectos das adequações curriculares significativas.

QUADRO II
Adequações Curriculares Significativas (de Grande Porte)
Elementos curriculares modalidades adaptativas
Objetivos
Enriquecimento de objetivos básicos
Introdução de objetivos específicos, complementares, suplementares e/ou alternativos
Conteúdos
Introdução de conteúdos específicos, complementares, suplementares e/ou alternativos;

Avaliação

Introdução de critérios específicos de avaliação de desempenho para o processo de avanço/aceleração.

Modificação de critérios de promoção, tendo em vista o processo de avanço/aceleração.

Temporalidade

Redução de um ano de permanência do aluno na mesma série ou no ciclo.

Fonte: Manjón, op. cit., 1995, p. 89

As **adequações relativas aos objetivos** sugerem decisões que modificam significativamente o planejamento, adotando uma ou mais das seguintes alternativas:

- Enriquecimento de objetivos básicos;
- Introdução de objetivos específicos, complementares, suplementares e/ou alternativos - não previstos para os demais alunos, mas acrescentados na programação pedagógica para suplementar necessidades específicas.

As **adequações relativas aos conteúdos** incidem sobre conteúdos básicos e essenciais do currículo e requerem uma avaliação criteriosa para serem adotados. Dizem respeito:

- à introdução de novos conteúdos não-previstos para os demais alunos, mas essenciais para alguns, em particular;
- ampliação, aprofundamento e enriquecimento de conteúdos.

As **adequações relativas à metodologia** são consideradas significativas quando implicam uma modificação expressiva no planejamento e na atuação docente. Dizem respeito:

- à introdução de metodologias muito específicas para atender às necessidades particulares do aluno. De um modo geral, são orientados por professor especializado;
- às alterações nos procedimentos didáticos usualmente adotados pelo professor;
- à organização significativamente diferenciada da sala de aula para atender às necessidades específicas do aluno;
- à criação e organização de salas de recursos;
- à introdução de recursos suplementares para enriquecimento do currículo.

As **adequações significativas na avaliação** estão vinculadas:

- às alterações nos objetivos e conteúdos que foram acrescentados;

- à introdução de critérios específicos de avaliação de desempenho e de promoção tendo em vista o processo de avanço/aceleração.

As **adequações significativas na temporalidade** referem-se ao ajuste temporal possível para que o aluno adquira conhecimentos e habilidades que estão ao seu alcance, mas que dependem do ritmo próprio. Desse modo, elas requerem uma criteriosa avaliação do aluno e do contexto escolar e familiar, porque podem resultar em uma redução significativa do tempo de escolarização do aluno, ou seja, em sua aceleração.

4. Discussão dirigida sobre o texto (1 h)

O formador deverá solicitar aos participantes que discutam sobre o texto já lido.

Como roteiro para a discussão, o formador deverá apresentar as seguintes questões:

1. O professor já conhecia a possibilidade de se efetivar adequações no currículo escolar?
2. Como o professor se sente frente a essa possibilidade?
3. Quais os aspectos a serem considerados na necessidade de se promover uma adequação curricular?
4. Qual a importância das diferentes alternativas curriculares no processo de aprendizagem do aluno com altas habilidades/superdotação?
5. Que medidas concretas devem ser efetivadas para se garantir uma adequação curricular que responda as necessidades do aluno superdotado?

Após o término da discussão, o formador deverá solicitar aos participantes que apresentem, em plenária, as sínteses produzidas em cada grupo.

7. ADEQUAÇÕES CURRICULARES - III



TEMPO PREVISTO

02 horas



FINALIDADE DO ENCONTRO

Favorecer condições para que os professores e especialistas da Educação se familiarizem com os conteúdos do documento Saberes e Práticas da Inclusão.



EXPECTATIVAS DE APRENDIZAGEM

Ao final deste encontro, o professor deverá ser capaz de:

- Formular propostas de trabalho escolar flexível, de forma a atender aos objetivos gerais do ensino fundamental e o respeito às necessidades educativas de alunos com superdotação.



CONTEÚDO

- Adequações de Acesso ao Currículo para Alunos Superdotados.



MATERIAL

• **Texto:**

Brasil. Adaptações Curriculares. Estratégias para a educação de alunos com necessidades educacionais especiais. Brasília: MEC/SEF/SEESP, 1999, p. 40-52 e p. 57-59.

Material:

Folhas de papel pardo;
Pincéis atômicos coloridos;
Fita crepe;
Folhas brancas.

SEQÜÊNCIA DE ATIVIDADES

1. Leitura e discussão sobre o texto (30 min.)

O formador solicitará aos participantes que se dividam em grupos de até cinco participantes, para a leitura e discussão sobre o texto abaixo.



NÍVEIS DE ADEQUAÇÕES CURRICULARES

As adequações curriculares não devem ser entendidas como um processo exclusivamente individual, ou uma decisão que envolve apenas o professor e o aluno. Realizam-se em três níveis:

- No âmbito do projeto pedagógico (currículo escolar);
- No currículo desenvolvido na sala de aula;
- No nível individual.

Adequações no Nível do Projeto Pedagógico (Currículo Escolar)

As adequações nesse nível referem-se a medidas de ajuste do currículo em geral, que nem sempre precisam resultar em adequações individualizadas.

Essas ações visam flexibilizar o currículo, para que ele possa ser desenvolvido na sala de aula e atender às necessidades especiais de alguns alunos.

As adequações curriculares no nível do projeto pedagógico devem focalizar, principalmente, a organização escolar e os serviços de apoio. Elas devem propiciar condições estruturais para que possam ocorrer no nível da sala de aula, e no nível individual, caso seja necessária uma programação específica para o aluno.

Essas medidas podem se concretizar nas seguintes situações ilustrativas:

- A escola flexibiliza os critérios e os procedimentos pedagógicos, levando em conta a diversidade dos seus alunos;
- O contexto escolar permite discussões e propicia medidas diferenciadas metodológicas e de avaliação e promoção, que contemplam as diferenças individuais dos alunos;
- A escola favorece e estimula a diversificação de técnicas, procedimentos e estratégias de ensino, de modo que ajuste o processo de ensino e aprendizagem às características, potencialidades e capacidades dos alunos;
- A comunidade escolar realiza avaliações do contexto que interferem no processo pedagógico;

- A escola assume a responsabilidade na identificação e avaliação diagnóstica dos alunos que apresentam necessidades educacionais especiais, com o apoio dos setores do sistema e outras articulações;
- A escola elabora documentos informativos mais complexos e elucidativos;
- A escola define objetivos gerais, levando em conta a diversidade dos alunos;
- O currículo escolar flexibiliza a priorização, a seqüenciação e a eliminação de objetivos específicos, para atender às diferenças individuais.

As decisões curriculares devem envolver a equipe da escola, para realizar a avaliação, a identificação das necessidades especiais e providenciar o apoio correspondente para o professor e o aluno. Devem reduzir ao mínimo, transferir as responsabilidades de atendimento para profissionais, fora do âmbito escolar, ou exigir recursos externos à escola.

Além da classificação, por níveis, as medidas podem se distinguir em duas categorias: adequações de acesso ao currículo e nos elementos curriculares.

2. Elaboração de propostas, em pequenos grupos (30 min.)

Após a leitura, o formador deverá distribuir, para cada grupo, materiais de suporte (folhas de papel pardo e pincéis atômicos), e solicitar que se elaborem três propostas que contemplem processos de adequação curricular, para alunos superdotados.

Tais propostas deverão ser apresentadas em plenária, onde será discutido o seu nível de aplicabilidade. O grupo que elaborou a temática deverá, após ouvir as discussões, apresentar ou confirmar esse nível de aplicabilidade.

3. Leitura e discussão sobre texto (30 min.)

O formador deverá solicitar aos participantes que se dividam em grupos de até cinco pessoas, para a leitura e a discussão sobre o texto abaixo, assinalando cinco palavras, em cada texto. As palavras a serem assinaladas deverão ser aquelas que, no entender do grupo, são chaves para a avaliação e o ensino de alunos que apresentam necessidades educacionais especiais.

ADEQUAÇÕES DE ACESSO AO CURRÍCULO

Correspondem ao conjunto de modificações nos elementos físicos e materiais do ensino, bem como aos recursos pessoais do professor, quanto ao seu preparo para trabalhar com os alunos. São definidas como alterações ou recursos espaciais, materiais ou de comunicação, que venham a facilitar, aos alunos com necessidades educacionais especiais, o desenvolvimento do currículo escolar.

As seguintes medidas constituem adequações de acesso ao currículo:

- Criar condições físicas, ambientais e materiais para o aluno na sua unidade escolar de atendimento;
- Propiciar os melhores níveis de comunicação e de interação com as pessoas com as quais convive na comunidade escolar;
- Favorecer a participação nas atividades escolares;
- Propiciar o mobiliário específico necessário;
- Fornecer ou atuar para a aquisição dos equipamentos e recursos materiais específicos necessários;
- Adequar materiais de uso comum, em sala de aula;
- Adotar sistemas de comunicação alternativos para os alunos superdotados impedidos de comunicação oral (no processo de ensino e aprendizagem, e na avaliação);

Sugestões que favorecem o acesso ao currículo:

- Agrupar os alunos de uma maneira que facilite a realização de atividades em grupo, e incentive a comunicação e as relações interpessoais;
- Propiciar ambientes com adequada luminosidade, sonoridade e movimentação;
- Encorajar, estimular e reforçar a comunicação, a participação, o sucesso, a iniciativa e o desempenho do aluno;
- Adequar materiais escritos de uso comum: destacar alguns aspectos que necessitam ser apreendidos com cores, desenhos, traços; cobrir partes que podem desviar a atenção do aluno; incluir desenhos, gráficos, que ajudem na compreensão; destacar imagens; modificar conteúdos de material escrito, de modo a torná-lo mais acessível à compreensão, etc.
- Providenciar a adequação de instrumentos de avaliação e de ensino e aprendizagem;
- Favorecer o processo comunicativo entre o aluno e o professor, aluno e aluno, aluno e adultos;
- Providenciar softwares educativos específicos;
- Despertar a motivação, a atenção e o interesse do aluno;
- Apoiar o uso dos materiais de ensino e aprendizagem, de uso comum;
- Atuar para eliminar sentimentos de inferioridade, menos valia e fracasso.

Para alunos com superdotação

- Evitar sentimentos de superioridade, rejeição dos demais colegas, sentimentos de isolamento, etc.;
- Desenvolver atividades de pesquisa que estimulem a persistência na tarefa e o engajamento em atividades cooperativas;
- Disponibilizar materiais, equipamentos e mobiliários que facilitem os trabalhos educativos;
- Promover ambientes favoráveis de aprendizagem, como: ateliê, laboratórios, bibliotecas, etc.
- Disponibilizar materiais escritos de modo a estimular a criatividade: lâminas, pôsteres, murais; inclusão de figuras, gráficos, imagens, etc..

4. Plenária (30 min.)

Após esta etapa, o formador solicita a cada grupo que apresente suas palavras chaves, anotando-as em um quadro para discussão crítica posterior.

Após o registro de todas as contribuições dos grupos, eleger-se-á as dez palavras que na opinião da plenária se constituirão pontos relevantes para a reflexão sobre sua prática pedagógica, na área da superdotação.

O coordenador deverá eleger um secretário que registrará as dez palavras escolhidas, as quais constituirão texto a ser viabilizado a cada professor.

8. ATENDENDO A SUPERDOTAÇÃO NA ESCOLA - I



TEMPO PREVISTO

4 horas



FINALIDADE DO ENCONTRO

Promover condições para que os professores do ensino fundamental conheçam algumas alternativas de atendimento às necessidades dos alunos com superdotação, no ambiente escolar.



EXPECTATIVAS DE APRENDIZAGEM

Ao final deste módulo o professor deverá ser capaz de:

- Discutir a dimensão do desenvolvimento de capacidades e talentos na escola;
- Definir atitudes de interação positiva que favoreçam as relações entre professor e aluno superdotado.



CONTEÚDO

- O superdotado e a escola.



MATERIAL

- Folhas de papel pardo;
- Pincel atômico nas cores preta, azul, verde e vermelha, para cada grupo de trabalho;
- Fita adesiva;
- Quadro de Giz;
- Folhas brancas.

Texto:

Brasil. Vantagens do atendimento educacional. Programa de capacitação de recursos humanos do ensino fundamental: superdotação e talento. Vol. 2. Brasília: MEC/SEESP. 1999.

**SEQÜÊNCIA DE ATIVIDADES****1. Dinâmica de Grupo (1h 30 min.)**

Teia de aranha: A teia de aranha é uma técnica de grupo que permite estruturar e reestruturar idéias através de diagramas.

Os participantes deverão se subdividir em grupos de até oito pessoas, recebendo, para a atividade, papel pardo e pincéis atômicos.

Primeiramente, o formador deverá dar ao grupo uma palavra, que funcionará como tema gerador.

Deverá, então, solicitar dos grupos que registrem essa palavra no centro da folha de papel pardo. A partir dela, os participantes deverão desenhar linhas em direção vertical, horizontal e diagonal como se fossem teias de aranha, e nelas escrever as idéias geradas pela palavra-tema.

Quanto maior o número de idéias, maior o número de palavras acrescentadas à teia. À medida que mais palavras forem sendo adicionadas à teia, os participantes podem estabelecer novas conexões, criando novos vetores (linhas) e registrando novas idéias.

Após o tempo definido pelo coordenador, solicita-se aos participantes que assinalem em cor vermelha as idéias das quais o grupo mais gostou, em azul as consideradas mais fáceis para serem implementadas, e em verde, as mais econômicas.

Os participantes deverão, então, retornar à configuração de plenária, onde apresentarão e analisarão a produção de cada grupo.

2. Tempestade de idéias (30 min.)

Novamente na configuração de pequenos grupos, os participantes deverão compartilhar seu pensar acerca das questões abaixo apresentadas, enquanto o coordenador escreve, na lousa, o conteúdo relevante de cada fala.

- Qual é o papel da escola no contexto social brasileiro?
- Quais as expectativas da sociedade em torno da educação?



- O que se espera que o aluno aprenda?
- Qual é o papel da comunidade no contexto escolar?

3. Leitura e discussão sobre o texto (1 h)

Os participantes deverão ler o texto abaixo apresentado, e responder, em pequenos grupos, à seguinte questão: “Quais os desafios que a superdotação implica à escola e seus educadores no contexto atual?”

VANTAGENS DO ATENDIMENTO EDUCACIONAL

A previsão de inteligências atuando positivamente para o bem comum é uma das expectativas que justificam a implantação de serviços educacionais ao superdotado.

Em um mundo informatizado, de rápidas mudanças e ambigüidades de valores, o futuro se volta ao ser humano. Ao valor de suas produções, as alternativas e às inovações que conseguir implementar.

O mundo necessita de respostas às crescentes necessidades das mais variadas áreas. Cabe ao potencial humano desenvolver técnicas de superação de crises, de reorganizações de algumas estruturas e a criação de elementos adaptativos. A educação para o superdotado é um investimento social, uma vez que, se esse talento for estimulado e desenvolvido produtivamente gerará muitas contribuições em benefícios da sociedade e do bem “comum”. O fato de levantar a hipótese de possíveis talentos na escola, faz com que a comunidade escolar se motive a conhecer um pouco mais sobre as diferenças individuais, respeito a ritmos diferenciados de aprendizagem, mobilidade curricular e avaliação compartilhada.

Todo o investimento aplicado na educação do superdotado trará benefícios de reciprocidade para a escola, o aluno e a família. Se bem atendido, o superdotado passará a conhecer sua natureza, potencialidade, limitações e habilidades.

A previsão na oferta de contatos sociais entre pessoas com superdotação também é um aspecto de vantagem, pois, o ser humano necessita filiar-se com seus pares. Nas salas de atendimento é desenvolvido o trabalho com grupos de alunos superdotados em que são favorecidas trocas de experiências e relacionamentos saudáveis.

Por todos os fatores abordados e pela possibilidade de permitir às famílias uma relação mais estreita entre diferentes experiências nas discussões de tópicos de interesse em encontros de pais, percebe-se quão vantajoso pode ser, investir no talento e em potenciais superiores na escola.

4. Plenária (1 h)

Em seguida, os grupos deverão retornar à configuração de plenária, onde apresentarão as respostas construídas para a questão. O coordenador deverá, então, contrapor o conteúdo dessas respostas com o produzido durante a tempestade de idéias, anteriormente desenvolvida.

9. ATENDENDO A SUPERDOTAÇÃO NA ESCOLA - II



TEMPO PREVISTO

04 horas



FINALIDADE DO ENCONTRO

Promover condições para que os professores do ensino fundamental se familiarizem com algumas alternativas de atendimento às necessidades educacionais especiais dos alunos com superdotação, no ambiente escolar.



EXPECTATIVAS DE APRENDIZAGEM

Ao final do módulo o formador deverá ser capaz de:

- Identificar alternativas operacionais de apoio ao aluno na área.
- Conhecer estratégias que promovem a aprendizagem com o aluno superdotado inserido no ambiente regular de ensino e em salas de recursos.



CONTEÚDO

- Tipos de atendimento na área da superdotação:
 - Atendimento em salas regulares
 - Atendimento em salas de recursos
 - Acompanhamento psicopedagógico
- Organização de serviços:
 - Educação Infantil
 - Ensino Fundamental
 - Ensino Médio



MATERIAL

- Folhas de papel pardo;
- Pincel atômico nas cores preta, azul, verde e vermelha para cada grupo de trabalho;

- Fita adesiva;
- Quadro de Giz;
- Folhas brancas.

Textos:

Brasil. Serviços de Atendimento ao Superdotado e Talentoso. *Programa de capacitação de recursos humanos do ensino fundamental: superdotação e talento*, Vol. 2. Brasília: MEC/SEESP, 1999.

Brasil. Modalidades de Atendimento. *Subsídios para Organização e Funcionamento de Serviços de Educação Especial*. Brasília: MEC/SEESP/UNESCO, Vol. 9, 1995.

SEQÜÊNCIA DE ATIVIDADES

1. Leitura Individual e produção de texto (1 h)

Primeiramente, os participantes do encontro deverão ler, individualmente, o texto abaixo apresentado, redigindo um texto pessoal, contendo um máximo de 03 páginas, e abordando os seguintes aspectos:

- Uma análise comentada sobre os serviços de atendimento;
- As similaridades e distinções observadas entre as ofertas de atendimento, ao aluno superdotado, nos diferentes níveis da educação;
- Uma apresentação crítica de possíveis iniciativas a serem implementadas em sua realidade regional; e
- Sua expectativa de efetiva implantação de serviço de atendimento pedagógico à superdotação, em sua área de atuação.



2. Apresentação das reflexões, em plenária (1 h)

Os participantes deverão apresentar, para o grande grupo, as idéias principais que constituíram seu texto.

O formador deverá fazer o papel de mediador da discussão, tendo como questões norteadoras as abaixo apresentadas:

- Quais os serviços mais eficazes, menos dispendiosos, quais os que se adaptam a realidade regional do participante?
- Quais as expectativas de implantação dos serviços em sua comunidade?

SERVIÇOS DE ATENDIMENTO AO SUPERDOTADO E TALENTOSO: REQUISITOS BÁSICOS

EDUCAÇÃO BÁSICA

Educação Infantil - Atendimento à criança de nascimento aos seis anos.

A Educação Infantil abrange o atendimento em creche, para crianças de nascimento aos três anos, e a pré-escola, para crianças de quatro a seis anos. Seu objetivo é propiciar o desenvolvimento das crianças por meio da aplicação de técnicas de estimulação por uma equipe de professores, com a participação da família.

É importante que as crianças superdotadas sejam atendidas desde cedo, visto que apresentam, muitas vezes, desenvolvimento mais rápido na área da linguagem, da motricidade e da cognição, evidenciando habilidades especiais/superdotação, que devem ser estimuladas.

Atendimento em Creche (do nascimento aos três anos)

Os ambientes destinados ao desenvolvimento da criança do nascimento aos três anos devem ser espaçosos e localizados em andar térreo, para favorecer o contato com a natureza. A sala deve permitir o atendimento individualizado ou em pequenos grupos. Outras dependências deverão ser previstas, como cozinha, despensa, lavabo e lactário. Sempre que possível, o ambiente deverá dispor de visor para observação de atividades com a criança, e de local para atendimento à mãe ou responsável.

O mobiliário deverá seguir as especificações gerais para o atendimento em creche, podendo ser utilizados biombo, portas sanfonadas ou outros recursos que garantam a flexibilidade de ambiente físico. Esteiras e colchonetes são recomendáveis, para o desenvolvimento de atividades psicomotoras.

Os programas devem ser individuais, adequados às necessidades e características de cada criança, devendo desenvolver-se em uma atmosfera de calor humano e com a participação de familiares.

O material didático escolar deverá ser de fácil manipulação, atraente, lavável, resistente e econômico. Recomenda-se o uso de material disponível na região, incluindo-se o aproveitamento de sucata. Na área sensório-perceptiva, podem ser utilizados apitos, móveis, formas coloridas; na área motora, cubos de

cores, jogos de armar, objetos de tamanhos e cores diferentes, livros de gravuras, jogos e brinquedos, bonecas e bichos. Na área de comunicação, recomendam-se caixotes que permitam a montagem de túneis e colchonetes visando favorecer a integração social, bem como as atividades lúdico-criativas e os jogos dramáticos que desenvolvam a criatividade.

Os recursos didáticos deverão ser adequados às características das crianças. Os programas podem ser organizados em maternidades, em creches e no lar, contando com a colaboração dos pais, principalmente da mãe, respeitando-se sempre o nível de maturidade da criança. Nessa etapa de seu desenvolvimento, a criança superdotada/talentosa não deverá ser forçada a desenvolvimento precoce, mesmo porque ainda não tem, muitas vezes, evidenciadas as áreas de seus talentos e aptidões. O importante é que a criança se sinta segura e motivada para explorar o meio ambiente.

Atendimento na Pré – escola (quatro a seis anos)

Essa modalidade de atendimento é realizada por meio de programas baseados em experiências globais, espontâneas, naturais e ativas, de acordo com as etapas de desenvolvimento da criança. Esse atendimento integra o sistema de educação e tem por objetivo iniciar o processo de escolarização da criança.

Com relação aos aspectos físicos dos ambientes de educação, o mobiliário e o equipamento devem favorecer o enriquecimento das atividades de estimulação.

O registro do desempenho da criança é importante, visando a avaliação de seu desenvolvimento dentro dos programas. Para isso podem ser utilizados registros fotográficos, filmados ou gravados.

Na pré-escola, o atendimento individualizado ou em pequenos grupos prosseguirá para a criança superdotada/talentosa, estimulando-se as áreas que necessitam de maior reforço e dando-se ênfase ao desenvolvimento das atividades de competência da vida social, por meio do trabalho em grupo e da recreação. Os grupos, nesse caso, não poderão ter mais de seis crianças.

O atendimento será feito por professores com formação básica no magistério e que participem de cursos de especialização na área de Educação Especial e da Educação Infantil.

O currículo e material didático escolar poderão ser os mesmos utilizados nos programas do ensino regular, com ênfase nas áreas de dotação e talento, como música, desenho ou atividades motoras.

Convém destacar que, nessa etapa de escolarização, o educando deverá ser atendido de modo global, pois o mais importante é atendê-lo como ser humano e promover seu desenvolvimento sensorial, psicomotor, social, emocional e cognitivo.

Ensino Fundamental

O Ensino Fundamental se destina, em caráter obrigatório e gratuito, a todos os alunos, inclusive aos que a ela não tiveram acesso na idade própria, e tem por objetivo o desenvolvimento global do educando.

A fase da alfabetização merece cuidados especiais, uma vez que o fato do aluno ser superdotado/talentoso não garante que ela tenha um bom desempenho no processo de alfabetização. A não adequação da criança superdotada/talentosa às classes de alfabetização poderá desencadear, mais tarde, sérios problemas em seu processo de aprendizagem escolar, originando dificuldades de adequação do aluno à sala de aula.

Uma alfabetização bem sistematizada, ao contrário, irá garantir ao superdotado/talentoso a possibilidade de escolarizar-se bem e de desenvolver seus talentos e habilidades para o futuro.

O aluno poderá ser atendido individualmente ou em grupo, de acordo com suas habilidades e talentos específicos, em programas de enriquecimento e/ou aprofundamento, podendo-se até combinar estratégias de ensino variadas e diferenciadas.

Propostas curriculares enriquecidas e/ou aprofundadas poderão ser utilizadas pelo professor de classe comum, uma vez que apresentam alternativas variadas de manejo de classe e de conteúdos, além de oferecerem técnicas diversas de ensino.

Pela observação das características do aluno superdotado/talentoso, o professor de classe comum poderá ajudá-lo atendendo a sua curiosidade, respeitando seus interesses na aprendizagem e, sobretudo, estimulando seu desenvolvimento e seu processo acadêmico.

O docente poderá receber orientação técnica de professor especializado, que acompanhará o trabalho proposto.

Os currículos e programas dos alunos superdotados/talentosos são os mesmos das escolas comuns, obedecendo às prescrições da Lei de Diretrizes e Bases da Educação com as necessárias adequações e com os programas de enriquecimento/aprofundamento.

Ensino Médio e Educação Tecnológica, Formação de Magistério e Educação de Jovens e Adultos.

Os alunos superdotados/talentosos irão desenvolver seus estudos de acordo com o nível de suas potencialidades e condições oferecidas pelos sistemas de ensino.

Esses alunos serão atendidos nas escolas comuns com os mesmos programas e currículos dos demais educandos, podendo esses programas ser enriquecidos ou aprofundados ou ainda ser adotadas outras alternativas de atendimento já mencionadas.

É importante viabilizarem-se a orientação escolar e vocacional nesse nível, uma vez que ela pode indicar cursos e tipos de formação que melhor atendam ao tipo de dotação e às características e capacidades do educando.

Dada a multiplicidade de interesses e aptidões, pode ocorrer que os superdotados/talentosos enfrentem problemas na escolha de sua profissão e tenham dificuldades na integração ao mercado de trabalho, problemas e dificuldades causadas por sua necessidade de autonomia e de liberdade de ação pessoal, bem como por seu sentimento de independência profissional. Os jovens e adultos poderão se utilizar da modalidade aceleração de forma a compactar sua escolaridade.

3. Leitura e Reflexão individual (30 min.)

Os participantes deverão ler, individualmente, o texto abaixo apresentado.

MODALIDADES DE ATENDIMENTO

As diferentes modalidades de atendimento descritas abaixo são alternativas de procedimentos didáticos específicos, adequadas às necessidades educacionais da população alvo. As diversas modalidades implicam espaços físicos, recursos humanos e materiais diferenciados.

Escola Comum

Os superdotados/talentosos deverão ser atendidos como todo aluno, na escola comum, nos diversos níveis de escolaridade, em turmas não muito numerosas, a fim de facilitar o atendimento a suas diferenças individuais bem como sua integração escolar, aproveitando-se o currículo e material didático existente.

De acordo com suas potencialidades, esses educandos podem ser atendidos nas seguintes modalidades: classe comum, sala de recursos e ensino itinerante.

Classe Comum

Esse atendimento exige atividades de apoio paralelo ou combinado, a fim de garantir que o educando mantenha seu interesse e motivação, podendo o professor receber orientação técnico-pedagógica de docentes especializados, no que se refere à adoção de métodos e processos didáticos especiais.

Abaixo encontram-se sugestões a serem consideradas na prática pedagógica:

- Procurar, juntamente com os alunos, encontrar tópicos de interesse como ponto de partida. Em seguida, ajudar os alunos a dimensioná-los em assunto. O tópico relativo ao sistema solar global, por exemplo, é muito amplo, mas o estudo de um planeta como Marte pode ser mais apropriado;
- Assegurar que a pesquisa desafie a imaginação e a intuição dos alunos e que realmente amplie sua capacidade de pensar, escrever, ler e descobrir;
- Estimular a frequência dos alunos a bibliotecas públicas ou particulares;
- Insistir na exigência de altos padrões de aproveitamento em todas as matérias por parte dos alunos, e não permitir mera cópia de material, por exemplo, das enciclopédias;
- Deixar cada aluno trabalhar segundo seu próprio nível e ritmo, na medida do possível;
- Enfatizar a importância de diversos pequenos relatórios da pesquisa, que são preferíveis a um longo relatório, especialmente se o aluno ainda não desempenha bem esse trabalho;
- Impedir que seus programas de enriquecimento e aprofundamento degenerem em uma atividade vaga e desorganizada: quanto mais se planejar e se ajudar o aluno a definir seus objetivos, maior será seu rendimento escolar;
- Levar, tanto quanto possível, o projeto do aluno a um planejamento cooperativo entre os colegas e estimular atividades que propiciem liderança, treinamento e experiência para reforçar a responsabilidade social;
- Valorizar os projetos que desenvolvam habilidades relacionadas à investigação independente, à iniciativa, à originalidade e ao trabalho criativo.

Sala de Recursos

A sala de recursos é uma das modalidades utilizadas para atender aos alunos superdotados/talentosos em horário diferente ao da classe comum. Trata-se de um local especial, com professor especializado e com programa

de atividades específicas, a qual tem por objetivos o aprofundamento e o enriquecimento do processo de ensino-aprendizagem e a criação de oportunidades para trabalhos independentes e para investigação nas áreas das habilidades e talentos.

A utilização da Sala de Recursos pressupõe espaço adequado às atividades programadas. É possível aproveitar-se, para essa atividade, qualquer local ocioso da escola, porque a sala de recursos difere, em seu aspecto físico, de uma sala de aula comum, tão somente no que se refere aos equipamentos a serem postos em disponibilidade, como computador, gravador, projetor de slides, projetor de filmes, aparelho de vídeo, material de laboratório de ciências, se for o caso, e demais recursos audiovisuais.

O atendimento poderá ser individual ou em pequenos grupos, variando de um a cinco o número de alunos de diferentes séries por professor, sendo que seu cronograma irá variar de acordo com as condições e necessidades de cada educando e na dependência da equipe de professores disponível.

Esse atendimento requer o planejamento conjunto, entre o professor da sala de recursos e o próprio educando, a avaliação periódica e sistemática da programação e a observação de critérios adequados para a composição dos grupos, com interesses comuns, habilidades, níveis de aprendizagem e outros. O pessoal técnico (supervisor, orientador, diretor e demais pessoas da equipe técnico-administrativa) deverá receber informação periódica sobre os programas que estão sendo desenvolvidos nessa modalidade de atendimento.

Ensino com Professor Itinerante

O serviço de itinerância do professor, no caso de atendimento ao aluno superdotado e talentoso, é o trabalho educativo desenvolvido por professor especializado e/ou supervisor, individualmente ou em equipe, junto ao(s) professor (es) do Ensino Regular, orientando-os quanto aos procedimentos psicopedagógico mais adequados àqueles alunos identificados e que integram o programa de atendimento complementar diferenciado.

A itinerância, nesses casos, permite e assegura a compatibilidade e a unidade da ação pedagógica dos dois processos educativos em relação a esses alunos.

É realizado na escola comum e é especialmente recomendado em regiões e escolas em que haja carência de atendimento educacional, como, por exemplo, em zonas rurais.

O atendimento deve ser realizado, no mínimo, duas vezes por semana, a fim de não ser prejudicada a continuidade da orientação especializada, sugerindo-se o intercâmbio de informações técnicas entre o professor itinerante e os responsáveis pelo acompanhamento na escola. O(s) professor (es) da classe comum te(ê)m assim a orientação técnico-pedagógica de um especialista, que deverá acompanhar e avaliar os programas a serem desenvolvidos.

4. Atividade prática em pequenos grupos (50 min.)

Os professores serão divididos em oito grupos. Cada grupo receberá o nome de uma expressão de superdotação (intelectual, acadêmica, liderança, criativa ou talento plástico/cênico/musical ou psicomotor).

O grupo deverá criar uma atividade aplicável em sala comum e outra em sala de recursos, que contemple o contexto escolar e potencial do aluno superdotado, respeitando-se o tipo de superdotação indicada para o grupo.

5. Plenária (40 min.)

As apresentações das contribuições dos subgrupos e avaliação da atividade serão comentadas pelo coordenador.

10. ATENDENDO A SUPERDOTAÇÃO NA ESCOLA - III



TEMPO PREVISTO

04 horas



FINALIDADE DO ENCONTRO

Promover condições para que os professores do ensino fundamental se familiarizem com algumas alternativas de atendimento às necessidades dos alunos com superdotação, no ambiente escolar.



EXPECTATIVAS DE APRENDIZAGEM

Ao final do módulo o professor deverá ser capaz de:

- Discutir sobre a dimensão do desenvolvimento de capacidades e talentos, na escola;
- Definir atitudes de interação positiva que favoreçam as relações entre professor e aluno superdotado;
- Elaborar propostas pedagógicas que favoreçam o estímulo e o aproveitamento de habilidades nas diversas expressões da superdotação.



CONTEÚDO

- Alternativas educacionais para dinamização da educação de alunos superdotados.



MATERIAL

- Folhas de cartolina branca;
- Pincel atômico nas cores preta, azul, verde e vermelha para cada grupo de trabalho;
- Fita adesiva;
- Folhas brancas;
- Revistas;
- Cola branca;
- Tesouras.

• **Textos:**

BRASIL. *Programa de capacitação de recursos humanos do ensino fundamental: superdotação e talento*, Vol. 2. Brasília: MEC/SEESP, 1999.

BRASIL. *Subsídios para Organização e Funcionamento de Serviços de Educação Especial*. Vol. 9. Brasília: MEC/SEESP/UNESCO, 1995.

Palmeira, V.L.P. *Dinâmica da Sala de Recursos*. Brasília, 2002. Dellou, C. *Questões sociais e emocionais na superdotação/ Dificuldades e ajustamento escolar/ Família e Escola: Perspectivas na educação de Alunos superdotados*. Rio de Janeiro, 2002.

SEQÜÊNCIA DE ATIVIDADES

1. Leitura individual (45 min.)

Os participantes deverão ler, individualmente, o texto abaixo apresentado, refletindo sobre seu conteúdo, à luz de sua realidade profissional.

DINÂMICA DA SALA DE RECURSOS

Vera Lucia Palmeira Pereira

Consistindo em um espaço de atendimento a necessidades educacionais especiais, a Sala de Recursos deve propiciar um ambiente estimulador e desafiador, para que o aluno superdotado se sinta motivado a buscar novos conhecimentos através da pesquisa, da leitura, de discussões e, sobretudo, do conhecimento. O número de salas para esse tipo de atendimento deve ser proporcional ao número de inscritos no programa, podendo-se atender de seis a oito alunos por turno em cada sala, dependendo tanto do nível de escolaridade quanto da faixa etária.

O espaço pode ser simples e com alguns recursos, nada de muita sofisticação. É necessário que o superdotado conviva com a possibilidade de aprender a buscar, no meio em que vive, a informação e conhecimentos necessários ao seu desenvolvimento.

Se houver recursos para equipar a sala com tecnologia moderna, enciclopédias, revistas, jornais diários, laboratórios, seria desejável e recomendado, porém, pode-se buscar recursos alternativos. Convênios e parcerias podem auxiliar os sistemas de ensino quanto aos materiais necessários para o atendimento pedagógico.

Se uma sala de recursos não tiver elementos básicos como estes como o aluno vai encontrar esses conhecimentos necessários?

Talvez com crianças bem pequenas passa se utilizar sucatas, mas torna-se inviável trabalhar sem recursos em uma sala de Recursos para alunos do ensino médio e superior.

Pode-se relacionar como principais objetivos de freqüência à Sala de Recursos:

- Desenvolver as capacidades, habilidades e potencialidades do aluno;
- Favorecer o enriquecimento e aprofundamento curriculares, assim como a ampliação dos interesses;
- Fortalecer o autoconceito positivo;
- Ampliar e diversificar as experiências dos alunos;
- Possibilitar ao aluno maior desenvolvimento da sua capacidade criativa, dos hábitos de trabalho e de estudo;
- Oportunizar o desenvolvimento dos valores éticos e do convívio social;
- Propor atividades que atendam ao ritmo individual de crescimento e de aprendizagem.

Para que o aluno freqüente a Sala de Recursos, ele deve antes se submeter a uma avaliação / identificação (a ser realizada conforme os critérios estabelecidos em cada sistema de ensino) e ser encaminhado para um Programa de Atendimento.

O candidato ao atendimento é encaminhado ao professor da Sala de Recursos, que, ao recebê-lo, faz um levantamento de suas habilidades e aptidões. O professor procura adquirir a confiança do aluno e incentivá-lo a manifestar seus interesses, curiosidades para, a partir daí, começar a realizar seus trabalhos. Inicialmente são comuns as manifestações de insegurança ou a vontade de fazer tudo de uma só vez (projetos, pesquisas, experimentos, passeios, debates, entrevistas e outros...)

O aluno inicialmente costuma propor trabalhos a partir de temas muito genéricos, difíceis de ser operacionalizados, como também sente vontade de desistir do que está fazendo, quando encontra a primeira dificuldade.

Cabe ao facilitador orientar para a delimitação dos temas, colaborar para a aquisição dos recursos necessários, tanto humanos quanto materiais, e manter-se discreto e atento para sanar as dúvidas mais significativas. Deve controlar-se para não dar respostas prontas e sim levar o aluno a buscar seu conhecimento e formar seus conceitos, a partir da observação, da pesquisa bibliográfica e científica e das fontes que se fizerem necessárias.

A frequência a essa sala deverá ocorrer em horário contrário às aulas do ensino regular, no mínimo duas vezes por semana, podendo exceder a este número conforme as normas estabelecidas em cada município, devendo esses encontros serem controlados pelo professor em fichas de registros.

Nesse horário, o trabalho difere das aulas comuns e não se destina à recuperação dos conteúdos curriculares em que o aluno apresenta rendimento inferior ou a realização de deveres de casa. É o momento da realização de trabalhos diversificados, em que cada criança se dedica às áreas de seu interesse e/ou aptidões, bem como de desenvolvimento de grupos de estudos e discussões de temas de interesse.

Todos os resultados do desempenho e do desenvolvimento do aluno deverão ser registrados em fichas específicas, os quais deverão, acompanhar seu histórico escolar, para o estudo do desenvolvimento de seu potencial e de sua vida estudantil.

O professor-facilitador responsável por essa sala deve incentivar seu grupo a desenvolver trabalhos que tenham significados relevantes, tanto para aqueles que os realizam, quanto para o bem comum, e salientar a necessidade do “novo”, do “diferente”, e do “pessoal”.

A continuidade do grupo, a qualidade dos trabalhos realizados e a coragem de criar vão depender da capacidade desse profissional de orientar cada aluno a ser ousado, a buscar novas perspectivas e criar “a sua linguagem”. Primeiro por meio da imaginação e depois pela realização de trabalhos inéditos e com características próprias. Esse profissional tem de ter a humildade de reconhecer que, muitas vezes, o aluno sabe mais em determinado assunto, é mais bem informado em outros e que tem grande facilidade para aprender.

O aluno superdotado e talentoso, ao ser inserido em um programa de atendimento, chega à Sala de Recursos inseguro, sem saber porque está ali e o que fará naquele ambiente diferente do que ele conhece; porém, chega com grandes expectativas, muitas vezes, acreditando que resolverá os seus problemas, desafios e expectativas. À medida que passa a confiar no professor, ele troca quase todas as atividades que se lhe apresentam para ali permanecer mais tempo, dando continuidade a seu projeto de estudo individual, ou de grupo.

Em geral, os alunos vão buscar autonomia, independência e se sentem seguros ao verem suas idéias valorizadas, sobretudo, pelo fato de poder executar tarefas que ele mesmo propôs.

O professor não vai receber alunos preparados para escolher e planejar seus trabalhos desde o primeiro dia de atendimento. Eles vêm do Ensino Regular e estão acostumados a fazer o que a escola propõe. De modo geral, nunca tiveram oportunidade de elaborar um programa de estudos e precisam ser desafiados para empreenderem o planejamento de suas atividades.

Quando estas são valorizadas pelo professor e pelos colegas, o aluno passa a querer realizar mais e mais trabalhos, tanto na escola, quanto fora dela. Essa escola passa a ser considerada local de apoio, de motivações, de estímulo ao crescimento, de desenvolvimento e busca do saber.

Na Sala de Recursos cada aluno desenvolve atividades diferentes, conforme suas aptidões e necessidades pessoais. Cabe ao professor acompanhar, encorajar e fornecer subsídios a cada um na execução de sua tarefa e não, ao aluno fazer o que o professor propuser. Pode acontecer que em um mesmo momento, haver quatro, seis ou mais atividades diferentes em uma mesma sala, desenvolvidas por alunos de várias séries.

A forma e a riqueza de apresentação das atividades é benéfica ao crescimento e a abertura de novos horizontes ao grupo todo. Após o desenvolvimento de cada projeto de interesse pessoal, faz parte do papel do professor propor uma auto-avaliação ao aluno e realizar uma avaliação geral do que foi realizado, bem como sugerir formas de apresentação com atuação individual ou de equipes, lembrando sempre de enfatizar os pontos mais relevantes e a contribuição que o trabalho possa ter para a sala de recursos, comunidade escolar e a sociedade. É comum equipes de trabalho formados por alunos de diferentes séries e tamanhos, devido à afinidade adquirida e aos interesses comuns. Os alunos menores sentem um verdadeiro fascínio pela companhia e coleguismo dos maiores, e estes costumam aceitar normalmente os mais novos, desde que sejam maduros e tenham sugestões inteligentes.

O trabalho em Sala Recursos costuma ser uma das experiências mais significativas da vida de profissionais em educação. As solicitações, as cobranças, os desafios, as novidades constantes, a necessidade de se estar sempre atualizado, o convívio com jovens que buscam o diferente e a alegria deles ao encerrar e apresentar um trabalho elaborado por eles, torna o dia a dia mais instigante e a busca por novidades uma constante.

Os alunos têm necessidades de estímulo, de perceber o orgulho do professor por seus desempenhos, a alegria por suas conquistas e a cumplicidade por seus anseios. Desta forma, professor e aluno sentir-se-ão realizados e impulsionados a colaborar para a construção social de suas aprendizagens, fomentando e

enriquecendo o elo que os torna parceiros na caminhada e na descoberta e estímulo dos talentos de ambos, professores e alunos.

2. Trabalho em trios (45 min.)

Após a leitura individual, os participantes deverão se agrupar em trios, para a realização de atividade prática: construção de um painel de recortes, que apresente os materiais, equipamentos e represente o clima motivacional que melhor caracteriza, sob a ótica do grupo, uma sala de recursos.

3. Apresentação dos painéis, em plenária (30 min.)

Após a elaboração dos painéis o formador convida os membros de cada grupo para apresentarem seus painéis e discutirem entre si quais as melhores alternativas e contribuições para a promoção de um ambiente motivador e viável em salas de recursos na área da superdotação.

4. Leitura de texto (45 min.)

Os participantes deverão, então, retornar à configuração de pequenos grupos, para a leitura e discussão sobre o texto abaixo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BRASIL. Ministério da Educação / Secretaria de Educação Especial. *Programa de capacitação de recursos humanos do ensino fundamental: superdotação e talento - Vol. II.* Brasília: Ministério da Educação / Secretaria de Educação Especial. 1999.

BRASIL. Ministério da Educação/ Secretaria de Educação Especial. *Subsídios para Organização e Funcionamento de Serviços de Educação Especial.* MEC/ SEESP / UNESCO. Vol. 9 - Brasília, 1995.

DELOU, Cristina M. C. *Questões sociais e emocionais na superdotação/ Dificuldades e ajustamento escolar/ Família e Escola: Perspectivas na educação de Alunos superdotados.* Rio de Janeiro, 2002.

PEREIRA. Vera Lúcia Palmeira. *Dinâmica da Sala de Recursos.* Brasília, 2002.

QUESTÕES SOCIAIS E EMOCIONAIS NA SUPERDOTAÇÃO / DIFICULDADES E AJUSTAMENTO ESCOLAR / FAMÍLIA E ESCOLA: PERSPECTIVAS NA EDUCAÇÃO DE ALUNOS SUPERDOTADOS

Cristina Maria Carvalho Delou

Embora questões sociais e emocionais traduzidas na forma de dificuldades de ajustamento escolar dos alunos superdotados com potencial intelectual superior estejam presentes em todas as discussões que se pretenda abordar a temática da educação dos superdotados, estes temas ainda têm sido tratados de forma insuficiente pelos profissionais da educação, o que contribui para a perpetuação de mitos e estereótipos construídos em torno destes alunos.

Quando, na realidade, alunos superdotados chegam a apresentar estas dificuldades, regra geral, pode-se deduzir que são alunos que passam por situações escolares em que não se sentem compreendidos e não se encontram em ambiente adequado ao desenvolvimento de suas habilidades e potencial superior.

O que é uma contradição, pois a escola é o lugar da construção de conhecimento por excelência e deveria sê-lo para a excelência escolar. Todavia, não é isto que vem ocorrendo. Alunos há que, embora capazes e muitas vezes reconhecidos como de desempenho intelectual superior pela própria escola, não conseguem se sentir à vontade no contexto de aprendizagem escolar. São alunos que se sentem pouco apoiados pela escola, desacreditados por seus professores que desvalorizam as práticas escolares de aprendizagem por estes alunos praticados e solitários em relação aos seus pares, que no caso das escolas públicas, vivem uma longa crise de predominante fracasso escolar.

Na medida em que forças sociais estabelecem padrões de desempenho escolar de conformação e enquadramento aos baixos resultados escolares, sem o apoio da escola, os alunos superdotados conseguem inibir o alto desempenho escolar apresentado inicialmente, passando a render conforme a regra escolar estabelece como mínimo permitido, mostrando um empobrecimento radical de sua produtividade escolar, acompanhado de um sentimento de inadequação pessoal, alimentando mitos, estereótipos e representações sociais irreais e transitórias, mas que podem comprometer a auto-imagem de cada um (Delou, 2001).

Estes, também foram resultados encontrados por Cropley (1993, p.96), quando destaca que “Um número substancial de crianças superdotadas

iniciam a escola com altas expectativas e grande entusiasmo (como é o caso da maior parte das crianças), mas logo se tornam frustradas e entediadas. Muitas entram em uma espiral de desapontamento, passando a rejeitar a instituição escola e/ou a duvidar de suas próprias habilidades e mesmo seu valor como pessoa. Muitas lidam com esta questão através do isolamento, hostilidade ou agressividade, mas podem também aprender em uma idade precoce que tais problemas podem ser evitados adotando deliberadamente a tática de ‘faking bad’. Este é um problema especialmente freqüente entre meninas e membros de grupos minoritários, dada a forte pressão para se conformar aos valores antagônicos à alta realização na escola”. (apud. Alencar e Virgolim, 1999 , p.93).

Sem dúvida, a desarmonia entre o desenvolvimento cognitivo e o emocional favorece a criação de tensões e a origem de desajustamentos sociais e escolares e o aluno superdotado passa a se comportar como se fora um atleta de longa distância que se destaca de outras crianças intelectualmente ou em áreas específicas. (apud. Landau, 1990)

Segundo Mitjans (1999), esta diferença, ou a área de desenvolvimento potencial, foi descoberta por Vygotsky, ao analisar “o fato fundamental e incontestável de que existe uma relação entre determinado nível de desenvolvimento e a capacidade potencial de aprendizagem.” (Vygotsky, 1994, p. 111). “A distância entre o nível de desenvolvimento real, que se costuma determinar através da solução independente de problemas, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da solução de problemas sob a orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes”. (Vygotsky, 1998, p. 112; Wertsch, 1995, p. 84)

Piaget também se pronunciou sobre a questão desta defasagem ao descrever a formação do conhecimento ou a psicogênese na forma de estágios seqüenciais do desenvolvimento cognitivo, a partir do nascimento. Para a caracterização dos estágios seriam necessárias a satisfação de três condições básicas, dentre elas, a primeira, que diz: “seja constante a sucessão dos comportamentos, independentemente das acelerações ou retardamento que podem modificar as idades cronológicas médias em função da experiência adquirida e do meio social (como das aptidões individuais).” (Piaget, 1996, p. 27-28)

Resolver questões sociais, emocionais e de ajustamento escolar de alunos superdotados, de potencial intelectual superior, envolve decisões e ações nos âmbitos da família e da escola de forma integrada e inclusiva. Integrada porque a família deve encontrar na escola o lugar de construção, de enriquecimento, de aprofundamento e, quem sabe de aceleração de saberes

e fazeres ao nível do desenvolvimento real do aluno, e inclusiva porque estas alternativas devem estar previstas no projeto pedagógico da escola, disponível para todos os alunos, apoiados num projeto coletivo de formação continuada que irá gradativamente preparando o professor para trabalhar com uma pedagogia diferenciada.

Uma pedagogia que possibilitará ao professor compreender “a singularidade de cada percurso, interessando-se pela história de formação das pessoas, pelos processos de desenvolvimento e de aprendizagem por meio dos quais se constroem e transformam-se saberes, representações, atitudes, valores, habitus, imagem própria e identidade, em suma, tudo aquilo que faz único cada ser.” (Perrenoud, 2000, p. 87)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALENCAR, E.M.L.S. & VIRGOLIM, A.M.R. Dificuldades emocionais e sociais do superdotado. In: NUNES, F.P.& CUNHA, A.C.B, 1999: *Dos problemas disciplinares aos distúrbios de conduta: práticas e reflexões*. Rio de Janeiro: Qualitymark Ed., 1999.

DELOU, C.M.C. *Sucesso e fracasso escolar de alunos considerados superdotados: um estudo sobre a trajetória escolar de alunos que receberam atendimento em salas de recursos de escolas da rede pública de ensino*. Tese de Doutorado. São Paulo: Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: História e Filosofia da Educação. PUC/SP, 2001.

LANDAU, E. A coragem de ser superdotado. São Paulo: CERED, 1990.

MITJÁNS, A. M. *Parecer sobre relatório de atividade programada*. São Paulo: EHPS-PUC/SP, nº 3. Texto não publicado, 1999.

PERRENOUD, P. *Pedagogia diferenciada: das intenções à ação*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

PIAGET, J. *Biologia e conhecimento*. Petrópolis: Vozes, 1996.

VYGOTSKY, L.S., Luria, A.R. & Leontiev, A.N. *Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem*. 5ª ed. São Paulo: Ícone, Editora da Universidade de São Paulo, 1988.

VYGOTSKY, L.S. *A formação social da mente*. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1994.

WERTSH, J.V. *Vygotsky y la formación social de la mente*. Barcelona: Editorial Paidós, 1995.

5. Produção de texto (1 h)

Tendo como referências os textos lidos e discutidos neste encontro, os participantes deverão responder às questões abaixo relacionadas, registrando seus argumentos em folhas de papel pardo.

Para tanto, deverão ser distribuídas, a cada grupo, três folhas de papel pardo e pincéis atômicos.

Questões:

1. As atividades a serem desenvolvidas no ambiente de sala comum podem ser as mesmas das desenvolvidas na sala de recursos? Comente e justifique sua resposta.
2. Que estratégias podem ser utilizadas, na classe comum, que estimulem a participação do aluno com superdotação sem favorecê-lo ou destacá-lo perante o grupo de alunos de sua sala regular?
3. Que posturas educacionais podem dinamizar as expressões do aluno superdotado, bem como podem minimizar suas possíveis dificuldades de ajustamento escolar?

6. Apresentação para a plenária (1h 15 min.)

Após terminada a confecção dos painéis, os participantes deverão retornar à configuração de plenária, onde deverão apresentar sua produção.

Sugere-se ao formador que solicite aos participantes que apresentem as respostas à questão 1, depois as referentes à questão 2, e finalmente, as que se referem à questão 3.

Os últimos quinze minutos da plenária devem ser utilizados para se fechar uma síntese sobre o conteúdo produzido pelos participantes.

II. METODOLOGIAS E ESTRATÉGIAS DE ATENDIMENTO PEDAGÓGICO NA ÁREA DA SUPERDOTAÇÃO - I



TEMPO PREVISTO

4 horas



FINALIDADE DO ENCONTRO

Oferecer ao professor oportunidades para que se familiarize com algumas estratégias e alternativas metodológicas comumente utilizadas no atendimento pedagógico ao superdotado.



EXPECTATIVAS DE APRENDIZAGEM

Ao final deste encontro, o professor deverá ser capaz de descrever diferentes alternativas e estratégias de atendimento pedagógico ao superdotado;



CONTEÚDO

- Plano de trabalho



MATERIAL

- Estojos de lápis de cera e canetas hidrocor;
- Folhas de papel pardo;
- Fita adesiva;
- Pincéis atômicos.

Texto:

Pereira, V. L. P. *Planos de Trabalho*. Brasília, 2002.

SEQÜÊNCIA DE ATIVIDADES

1. Técnica : O desenho criativo. (1 h)

O formador deverá, primeiramente, agrupar os participantes em subgrupos, de até seis pessoas. Em seguida, deverá distribuir o material necessário para a realização da atividade.

Como tarefa, cada grupo deverá registrar em uma folha de papel pardo, desenhos que, de forma original e criativa, indiquem estratégias pedagógicas, ou representem o clima de aprendizagem que favoreçam o processo educativo.

O grupo tem total liberdade de registrar sua(s) proposta(s) usando exclusivamente desenhos.

2. Plenária (30min.)

Ao final da atividade, cada grupo deverá apresentar seus desenhos, permitindo aos demais grupos que formulem hipóteses acerca do que está sendo apresentado.

Após a discussão, cada grupo deverá compartilhar, com a plenária, as idéias que direcionaram sua produção representativa.

3. Leitura e discussão sobre o texto (30 min.)

Os participantes, divididos em subgrupos de até quatro pessoas deverão ler os textos abaixo apresentados, discutindo sobre as idéias de cada participante acerca de seu conteúdo.

PLANOS DE TRABALHO

Vera Lucia Palmeira Pereira

As atividades desenvolvidas para superdotados são várias, e um cuidado especial é importante, de forma a organizá-las e estruturá-las para atender as necessidades individuais dos alunos. O plano de trabalho é uma estratégia que favorece ao professor conhecer as expectativas e razões pelas quais deve ser prestada uma determinada orientação. É importante que o plano de trabalho se constitua de atividades que melhor atendam aos interesses e necessidades do aluno.

O plano de trabalho individual se baseia no pressuposto de que cada necessidade é única e particular, e como tal, o atendimento aos talentos e habilidades identificados em cada aluno exigirá um direcionamento individualizado.

Observa-se com frequência que há alunos com campos de interesses e habilidades semelhantes, porém com a expressão e produção bem diferentes.

O respeito às particularidades do aluno manifesta-se quando suas necessidades e seus interesses são atendidos. Portanto, ao planejar atividades, o professor deve prever aquelas que tragam ganhos no processo de atendimento, que produzam prazer e que motivem o envolvimento do aluno.

A partir da leitura do perfil do aluno realizada pela equipe avaliativa e por meio de entrevistas com ele e sua família, o professor elabora uma ficha de definição do programa a ser desenvolvido pelo aluno. Essa ficha deve conter dados relativos a seus interesses, aptidões, necessidades a serem atendidas, por um determinado período (um semestre, um bimestre ou um ano escolar).

De posse desse plano individual, o professor organiza suas turmas e atividades de modo a oferecer propostas de trabalho que contemplem o grupo e os alunos, distintamente, durante o período em que se encontrem em atendimento.

O plano individual possibilita ao aluno o exercício da autonomia, o amadurecimento na elaboração de metas e compromissos, a organização do tempo e a clarificação de ações e justificativas para a sua presença no grupo.

Esse plano deve ser aplicado em alunos superdotados, de acordo com a faixa etária, fazendo-se as adequações necessárias para os alunos de fase inicial do ensino fundamental.

Os planos de trabalho em grupo podem ser utilizados quando dois ou mais alunos manifestarem interesse pela mesma atividade e quando socialmente se comprometerem a congregar esforços para o crescimento mútuo. A organização e o planejamento estratégico devem ser acompanhados de perto, pelo professor, de forma a permitir ganhos para todos os elementos do grupo.

4. Elaboração de um plano de trabalho (1 h)

Após a leitura do texto, os participantes, ainda subdivididos em grupos, deverão elaborar um plano de trabalho que contenha os seguintes elementos:

- Interesses;
- Aptidões;
- Dificuldades a superar;
- Necessidades a serem atendidas;
- Período previsto (um semestre; um bimestre ou um ano escolar);

- Objetivos pedagógicos; e
- Atividades.

A forma de estruturar o plano e sua apresentação final deve ser de livre criação do grupo de participantes, de modo a estimular diferentes oportunidades de organização das informações. Além disso, os participantes poderão exercitar a reflexão sobre as necessidades e habilidades de seus alunos, bem como elaborar um plano de trabalho.

5. Apresentação dos Planos de Trabalho (1 h)

Após a conclusão da atividade em pequenos grupos, o coordenador organizará a exposição dos trabalhos, que devem ser analisados, em plenária, segundo critérios de estética, de simplicidade, de objetividade e de precisão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. *Programa de capacitação de recursos humanos do ensino fundamental. Superdotação e talento. Vol. I. Série Atualidades Pedagógicas.* Brasília: MEC/SEESP, 1999.

GÜENTHER, Zenita Cunha. *Desenvolver capacidades e talentos, um conceito de inclusão.* Petrópolis: Ed. Vozes, 2000.

12. METODOLOGIAS E ESTRATÉGIAS DE ATENDIMENTO PEDAGÓGICO NA ÁREA DA SUPERDOTAÇÃO - II



TEMPO PREVISTO

4 horas



FINALIDADE DO ENCONTRO

- Possibilitar ao professor se familiarizar com estratégias e alternativas metodológicas comumente utilizadas no atendimento pedagógico ao superdotado.



EXPECTATIVAS DE APRENDIZAGEM

Ao final deste período, o professor deverá ser capaz de:

- Sugerir alternativas metodológicas de intervenção pedagógica para responder, com qualidade, a alunos com altas habilidades/superdotação;
- Desenvolver alternativas didáticas de apoio e estímulo ao aluno superdotado.



CONTEÚDO

- O Trabalho de Pesquisa;
- Trabalhos Individuais, em grupo e Diversificados.



MATERIAL

- Estojos de lápis de cera e canetas hidrocor;
- Folhas de papel pardo;
- Folhas de papel ofício;
- Pincel atômico nas cores: azul, verde, vermelho, preto;
- Fita adesiva.

Textos:

PEREIRA. V. L. P. *A Pesquisa como instrumento multidisciplinar no atendimento ao superdotado.* Texto não publicado. Brasília, 2002.

WEIL, P. *A Criança, o lar e a escola. Guia prático de relações humanas e psicologia para pais e professores.* Petrópolis: Editora Vozes, 1999.

SEQÜÊNCIA DE ATIVIDADES**1. Reflexão em plenária (1 h)**

Os participantes são convidados a refletir e a discutir sobre o desenvolvimento de pesquisas, na escola, tendo como parâmetros as questões abaixo apresentadas.

**Questões norteadoras da discussão**

1. Qual tem sido o motivo ou justificativa para a elaboração de pesquisas em sua sala de aula?
2. Qual foi a última pesquisa desenvolvida por seus alunos?
3. Enumere alguns aspectos positivos e desafiadores da pesquisa no processo educacional.
4. Quais são os aspectos dificultadores que contribuem para que a pesquisa escolar seja uma estratégia pouco explorada em algumas escolas?
5. Como tem sido realizada a orientação dos alunos pelos professores para a elaboração de pesquisas? O educador planeja e orienta seus alunos para a realização do trabalho?

2. Leitura de texto (30 min.)

Após a discussão, o formador deverá solicitar aos participantes que se reúnam em pequenos grupos para a leitura do texto a seguir:

**A PESQUISA COMO INSTRUMENTO MULTIDISCIPLINAR
NO ATENDIMENTO AO SUPERDOTADO**

Vera Lucia Palmeira Pereira

Uma das estratégias utilizadas para o enriquecimento de alunos com superdotação/altas habilidades diz respeito a desenvolver habilidades de encontrar respostas, em áreas diversas, através de estudo e análise de vários assuntos. A pesquisa tem sido muito utilizada no ambiente de trabalho com alunos que apresentam superdotação/altas habilidades, porque lhes permite direcionar seu próprio interesse, estudar em ritmo próprio e favorecer a

autonomia intelectual. Há várias alternativas para se estimular a realização de pesquisas. A teorização de um determinado assunto, o registro de um conhecimento particularmente interessante, a exploração de um tema novo, o aprofundamento de um tema já conhecido, a busca em checar algumas hipóteses relacionadas a uma experiência, a elaboração de uma teoria, a sistematização de um assunto de interesse particular, ou ainda, o registro de um tema particularmente interessante, são algumas destas alternativas.

É uma estratégia que pode ser aplicada em estudos individuais, grupais e coletivos, dependendo do objetivo pedagógico visado e da motivação do aluno. Alguns alunos superdotados aprendem rapidamente os métodos de pesquisa, tornando particularmente interessante o crescimento pessoal independente.

A pesquisa pode ser desenvolvida através de quatro etapas básicas:

a. Escolha de uma área de estudo

A princípio, o aluno precisará de ajuda para encontrar sua área de interesse. O professor pode motivá-lo através de conversas informais, levantamento de interesses pessoais, registro de temas ou assuntos de sua curiosidade, discussão de um tema polêmico da semana ou de uma descoberta científica ou ainda, solicitando que ele apresente um tema que gostaria de conhecer melhor.

b. Redução da área geral a um problema específico

Na maioria das vezes, os alunos precisam de ajuda para reduzir a área de estudo a uma temática pesquisável, de dimensão razoável. Algumas das razões de desmotivação vivenciadas pelos alunos no desenvolvimento de pesquisas surgem pela escolha de temas genéricos e de difícil abrangência. Ao invés de pesquisar sobre ciências naturais, o aluno pode começar por “Algumas Características Básicas das Plantas Terrestres”.

c. Coleta de dados

Nesta etapa, o aluno deverá ter a orientação necessária para buscar as informações pretendidas, em várias e diferentes fontes. O professor, nesse caso, será um facilitador da aprendizagem e terá como papel orientar a busca de informações nos mais variados contextos. Esta etapa inclui a leitura, interpretação e compreensão de várias fontes de informação, entrevistas com especialistas, investigações de campo, realização de experiências, entre outras. O aluno deve ser orientado a registrar os aspectos interessantes desta busca de informações.

d. Organização de dados.

Após a etapa anterior, é chegada a hora da síntese das informações encontradas, seguidas de um relatório pessoal. Os alunos precisam aprender que pesquisar não é copiar textos, mas sim, registrar criticamente as informações que coletou sobre a temática escolhida. O relatório final deve conter uma pequena apresentação das expectativas, seções e atividades desenvolvidas, o relato das questões pesquisadas e as conclusões a que se chegou com o estudo. As formas de apresentação desses registros podem ser as mais variadas possíveis: através de textos, história em quadrinhos, cartazes, gráficos, entre outros.

e. Apresentação de resultados.

Um momento particularmente interessante e rico pode ser desenvolvido na conclusão dos trabalhos. A realização de um pequeno seminário para a apresentação dos registros de pesquisas realizadas é altamente estimulante para a discussão e a socialização dos trabalhos concluídos. Ouvir os trabalhos desenvolvidos por colegas favorece ao aluno uma via de compartilhamento de informações.

Aprender a ouvir é particularmente necessário quando se participa de grupos. Aprender a ouvir os trabalhos desenvolvidos por colegas é motivador para novas propostas de trabalho, um ótimo momento para aprender sobre assuntos diversos, um estímulo para análise de um assunto sob perspectivas diferentes, um interessante meio para desenvolver a crítica construtiva e o respeito ao trabalho do colega, e ainda se torna um ótimo exercício para a formulação de questões e a promoção de discussão sobre vários assuntos.

3. Discussão em plenária (1h 15 min.)

A seguir, o formador solicitará aos participantes que apresentem exemplos de experiências, bem sucedidas, de realização de pesquisa, pelos alunos. À medida que os participantes forem relatando sua experiência, os demais deverão fazer perguntas e o coordenador deverá registrar, no quadro, a listagem de estratégias que forem sendo apresentadas.

Além da socialização das experiências, portanto, faz-se importante o levantamento de estratégias alternativas para o desenvolvimento de pesquisas, por alunos superdotados, e sua contribuição para o desenvolvimento de suas diferentes vias de expressão.

O formador deverá, em seguida, solicitar, da plenária, que compartilhe suas idéias acerca do que os participantes consideram ser os objetivos dos trabalhos individuais, grupais e diversificados, no Ensino Fundamental.

À medida que os participantes forem compartilhando suas idéias, o coordenador deverá registrar, no quadro de giz ou em cartazes, os objetivos elencados pelos professores. Deverá, também, coordenar a discussão sobre as contribuições do grupo.

4. Atividade individual (45 min.)

Fundamentados no conteúdo da discussão, cada professor deve responder individualmente às seguintes questões:

1. Como a diversidade de estratégias pode favorecer o desenvolvimento de habilidades dos alunos com superdotação e seus pares?
2. Diferencie os trabalhos individuais, grupais e diversificados no contexto escolar, exemplificando cada um.
3. Comente o parágrafo abaixo:

“... comparações feitas entre grupos de alunos, uns submetidos ao ensino tradicional e verbal, outros submetidos a processos de educação ativa, demonstram sempre superioridade de rendimento do segundo grupo sobre o primeiro. Nestes métodos ativos utiliza-se a pesquisa pessoal, o exercício prático, a discussão em grupo, excursões, visitas e trabalhos práticos”... Pierre Weil 1999.

5. Conclusão (30 min.)

Ao final dos trabalhos individuais, o formador deverá solicitar aos participantes que se organizem em círculo para realizar a análise, em plenária, das respostas pessoais dos participantes. Os trabalhos individuais devem ser entregues para o coordenador ao encerramento do encontro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

PEREIRA. Vera Lúcia P. *A Pesquisa como instrumento multidisciplinar no atendimento ao superdotado.* Brasília, 2002.

WEIL. Pierre. *A Criança, o lar e a escola. Guia prático de relações humanas e psicologia para pais e professores:* Editora Vozes, Petrópolis. 1999.

13. METODOLOGIAS E ESTRATÉGIAS DE ATENDIMENTO PEDAGÓGICO NA ÁREA DA SUPERDOTAÇÃO - III



TEMPO PREVISTO

3 horas



FINALIDADE DO ENCONTRO

Possibilitar, ao professor, se familiarizar com estratégias e alternativas metodológicas utilizadas no atendimento pedagógico ao superdotado.



EXPECTATIVAS DE APRENDIZAGEM

Ao final deste encontro, o professor deverá ser capaz de:

- Sugerir alternativas metodológicas de intervenção pedagógica para responder, com qualidade, às necessidades de alunos com altas habilidades / superdotação;
- Desenvolver alternativas didáticas de apoio e estímulo ao aluno superdotado.



CONTEÚDO

- Superdotados diferentes, diferentes estratégias;
- Criatividade.



MATERIAL

- Estojos de lápis de cera e canetas hidrocor;
- Folhas de papel pardo;
- Folhas de papel ofício;
- Pincel atômico nas cores: azul, verde, vermelho, preto;
- Fita adesiva.

SEQÜÊNCIA DE ATIVIDADES

1. Filme: **Mentes que brilham. (Com Jodie Foster, 2 h)**

O formador deverá reunir os participantes para assistir ao filme, em VT, disponível para locação. Para melhor aproveitamento, deverá recomendar aos participantes que atentem especialmente para alguns aspectos do material, anotando o que entender ser interessante: características da aprendizagem dos alunos, bem como situações que envolvem o ambiente familiar e escolar do protagonista, nos vários contextos abordados no filme.



2. Discussão em Plenária (1 h)

Após a apresentação do filme, o grupo se organiza em círculo para a discussão e comentários a respeito dos fatos observados e registrados, durante a exibição do filme.

Sugere-se, a seguir, questões que podem servir de elementos norteadores para a análise e discussão sobre o filme.

1. Qual é o entendimento que a mãe do protagonista tem a respeito de suas características particulares no início do filme?
2. Quais são as divergências observadas pelo grupo entre as aptidões do protagonista e suas condutas na escola?
3. Qual é o conceito ou entendimento que a especialista apresenta no filme sobre os comportamentos e condutas do protagonista?
4. O grupo acredita que a conduta adotada pela especialista corresponde à real necessidade do protagonista? Justifique seu pensamento, seja a resposta positiva, ou negativa.
5. Quais alternativas viáveis podem ser implementadas pela escola, pelo especialista e pela família, no atendimento às necessidades educacionais especiais de alunos com superdotação?

14. METODOLOGIAS E ESTRATÉGIAS DE ATENDIMENTO PEDAGÓGICO NA ÁREA DA SUPERDOTAÇÃO - IV



TEMPO PREVISTO

4 horas



FINALIDADE DO ENCONTRO

Possibilitar ao professor se familiarizar com estratégias e alternativas metodológicas comumente utilizadas no atendimento pedagógico ao superdotado.



EXPECTATIVAS DE APRENDIZAGEM

- Ao final deste período, o professor deverá ser capaz de:
- Sugerir alternativas metodológicas de intervenção pedagógica para responder, com qualidade, às necessidades de alunos com altas habilidades / superdotação.
- Desenvolver alternativas didáticas de apoio e estímulo ao aluno superdotado/talentoso.



CONTEÚDO

- Criatividade



MATERIAL

- Estojos de lápis de cera e canetas hidrocor;
- Folhas de papel pardo;
- Folhas de papel ofício;
- Pincel atômico nas cores: azul, verde, vermelho, preto;
- Fita adesiva.

Textos:

GUENTHER, Z. *Criatividade e Inteligência em Educação de bem dotados.*

Texto não publicado. Lavras: 2002.

ALENCAR, E. M. L. S.de. & FLEITH, D.S. *Criatividade: múltiplas perspectivas.* Brasília: EdUnB, 2003.

ALENCAR, E. M. L. S. de. *Como desenvolver o potencial criador.* Rio de Janeiro: Petrópolis, Vozes, 1991.

1. Para começo de conversa... (1 h)

O formador deverá iniciar o encontro, convidando os participantes a trabalhar o tema da criatividade, em dois momentos.

No primeiro momento, brincando com as idéias por meio de alguns exercícios para desenvolver o pensamento criador.

No segundo momento, trabalhando com textos e técnicas de grupo.

Para tanto, primeiramente, distribui aos participantes papel branco, para que possam anotar as idéias, individualmente. Em seguida, informa que o pensamento criativo se caracteriza pela produção de idéias, muitas idéias, várias idéias novas, originais, diferentes, inusitadas, realistas, engraçadas e com outras características, dependendo da motivação, potencial e habilidade de cada um.

Esclarece também que é interessante a busca de várias idéias, sem se preocupar, a princípio, com explicar muito detalhadamente a primeira idéia que veio à cabeça de cada um. Portanto, que o grupo não se contente com a primeira idéia, ou com poucas respostas; que evite procurar saber qual(is) a(s) idéia(s) de seu vizinho, bem como evite ser muito crítico, com relação a seus pensamentos ou respostas.

Exercitando o pensamento criador: Responda, rapidamente, às questões seguintes. Tente ver usos diferentes e inusitados, para cada objeto citado nas questões que lhe serão propostas, pelo coordenador.

Para que serve um giz?

Para que serve uma tampa de garrafa?

Para que serve um grampo de cabelo?

Para que serve uma folha de cheque rasurada?

Para que serve uma chave?

Para que serve um cascalho?
Para que serve um caixote?
Para que serve uma lixa de unha?
Para que serve uma moldura?
Para que serve um galho de árvore?
Para que serve um pão velho?
Para que serve uma lata velha?
Para que serve um tubo de ensaio?
Para que serve uma mecha de cabelo?
Para que serve um vidro de geléia, vazio?

O formador pode estipular um máximo de dois minutos para que os participantes anotem suas respostas para cada questão.

Ao final do exercício, o coordenador deve solicitar aos participantes que compartilhem suas respostas com o grupo.

Importante que o coordenador destaque as características do pensamento criativo trabalhados neste exercício: fluência, flexibilidade e originalidade.

2. Trabalhando conceitos (1 h)

Para esta atividade, o coordenador deverá dividir os participantes em 4 subgrupos, distribuindo, a cada um, uma das temáticas abaixo:

Grupo 1: Criatividade : sentido conceitual.

Grupo 2: Criatividade como processo.

Grupo 3: Identificação de tipos de pensamentos diferentes.

Grupo 4: O pensar e se emocionar.

Cada subgrupo deverá ler o texto que lhe coube, na distribuição, discutir os aspectos que entende relevantes, e formular uma rápida apresentação do tema para os outros colegas.

Os grupos devem utilizar as estratégias que preferirem, para a apresentação do tema dos participantes. Seria conveniente que preparassem um texto, ou uma síntese dos pontos mais importantes, para distribuir aos colegas.

CRIATIVIDADE E INTELIGÊNCIA

Zenita Güenther

Tradicionalmente, o conceito de criatividade é associado à área das artes e produção artística. Embora algumas vezes seja apontada a relação entre criatividade e produção científica, a Educação não tem conseguido

operacionalizar essa idéia. É necessário rever essa posição, especificamente no trabalho com crianças bem dotadas. O aluno tem a oportunidade de lidar com dados científicos, trabalhar o conhecimento existente, reconfigurando-o e modificando-o, ou seja, tem a oportunidade de trabalhar criativamente dentro da área das ciências.

O ATO DE CRIAR

Criar, inventar, descobrir, é trabalho mental da mais alta qualidade. Vem a ser, em essência, enxergar nova configuração e nova forma, em uma situação onde outra forma já é conhecida. O incentivo à imaginação e pensamento criador está, não em buscar resposta, sejam elas convergentes ou divergentes, mas em originar perguntas, pois é a partir de uma pergunta estimulante e provocativa que a configuração conhecida pode ser trabalhada e reconfigurada.

Realmente, as grandes descobertas e grandes invenções emergiram a partir de momentos em que houve uma sensação de perplexidade, de dúvida, levantando uma pergunta original. Alguns perguntam “Por quê?” e se põem a investigar para compreender os fenômenos existentes. Outros perguntam “Por que não?” e se põem a imaginar, divagar, sonhar com o que não existe. Apesar da ciência haver se ocupado mais em explorar questões do tipo “por quê?”, a criatividade é melhor estimulada por perguntas “por que não?”. Perguntas “Por quê?” levam a grandes descobertas, e as perguntas “Por que não?” originam grandes invenções. A pergunta “por que a maçã cai?” levou à descoberta da força da gravidade, e ao perguntar “por que o homem não voa?” inventou-se o avião. O que caracteriza o pensamento criativo é a abertura de mente para pensar sem obedecer direcionamentos previamente estabelecidos. Sem dúvida, o exercício de levantar perguntas, visualizar questões, reconhecer situações de perplexidade é a alavanca mais potente para acionar o pensamento criador.

PENSAMENTO INTUITIVO E PENSAMENTO ANALÍTICO

Quando se coloca a criatividade sob esse ponto de vista, há que se considerar a questão do pensamento intuitivo versus pensamento analítico. A Ciência tem privilegiado o trabalho mental referenciado em princípios de **pensamento analítico**, enfatizando análise objetiva de dados, busca organizada de explicação para fatos registrados e controlados, método disciplinado conduzindo a organização e explicação para fatos registrados e controlados, método disciplinado conduzindo a respostas apropriadas, nas direções previamente hipotetizadas segundo o conhecimento existente.

O pensamento intuitivo, por outro lado, trabalha a partir de uma postura subjetiva para captar o que está acontecendo. Por isso implica em pensar com dados, mas não necessariamente sobre eles, gerando configurações, idéias, conhecimentos e construções mentais novas, não derivados dos dados presentes, embora, em sentido amplo, tenham a ver com o assunto estudado. Jerome Bruner investigou a questão do pensamento intuitivo nas ciências matemáticas, mostrando a dificuldade de aceitação desse tipo de trabalho mental, embora ele seja marcante nas áreas mais férteis de pesquisa, precisamente nas ciências exatas. Somente para alguns cientistas, considerados autoridades na área, é que se permite exercitar a intuição e embrenhar por avenidas subjetivas de pesquisa. São também essas as pessoas que, de modo geral, fazem contribuições mais relevantes à Ciência.

O que caracteriza o pensamento intuitivo é uma sensação íntima, subjetiva, de que se está compreendendo melhor a situação, a impressão de estar captando um tipo de saber que, embora relacionado aos dados disponíveis para estudo, parece alcançar além deles. No momento em que a pessoa é capaz de compreender e expressar de maneira lógica essa “sensação”, passa a analisá-la, e a partir daí, trabalha em termos de pensamento analítico. Mas é naquele momento de sensação e impressão interna, subjetiva, não descritível, que o ato de criar acontece.

A intuição pode proceder, acontecer junto ou mesmo independente do conhecimento sobre o assunto. Pensar que o conhecimento tem que ser esgotado antes que a criatividade possa ser acionada, é uma atitude que pode inibir o pensamento criativo e transformar crianças e jovens bem dotados e curiosos, em “absorventes de conhecimento” ou analisadores de dados, incapazes de se permitirem pensar além deles, cheios de temor do novo, do medo de “não saber”, de “não acertar”, de se arriscar por caminhos mentais desconhecidos.

Porém, pensar intuitivamente, processo mental que está à base da criatividade, inventividade e imaginação, é uma maneira tão profícua e legítima de lidar com as situações da vida e do mundo quanto pensar analítica e criticamente. Em algumas situações esse modo de pensar poderá ser mais apropriado e mais útil, levando a idéias novas e configurações inesperadas.

É nesse aspecto que a educação para bem dotados encontra um lugar realmente especial. Por suas características, modo próprio de ser, responder e agir, o aluno bem dotado adquire a instrumentação mais rápida e prontamente que os outros, portanto sobra-lhe uma boa parcela do tempo escolar, e tende a simplificar a instrumentação, o que abre maior espaço de ação.

Mas aí também está um grande desafio para os educadores: visualizar vias para estimular o pensamento, cultivar a intuição, libertar e exercitar a imaginação criadora, prover tempo, espaço e meios apropriados para que o aluno talentoso possa efetivamente pensar! Pensar nos seus próprios termos, da maneira mais produtiva e satisfatória para ele, sobre aspectos de seu mundo físico, psicológico e social que lhe captaram o interesse e estimularam a curiosidade. O pensar criativo envolve promover interação pessoal e profunda entre dados existentes na situação e dados de natureza subjetiva, interna, tais como impressões, sensações e significados, para captar o que está acontecendo. Dessa maneira compreende-se a inteligência como uma dimensão da criatividade, e a criatividade como uma dimensão da inteligência, ou seja, todo ato criativo é um ato inteligente, porque envolve trabalho mental abstrato, lidando com percepções, símbolos e estabelecimento de relações, porém, permeado de sentimentos, sensações e significados pessoais subjetivos. Tanto inteligência como criatividade integram modos de examinar e lidar com o mundo, em dimensões de uma característica própria do ser humano, a capacidade de pensar.

PENSAMENTO E EMOÇÃO

Certamente “pensar é o trabalho da inteligência humana sobre a experiência percebida”, como define De Bono. O conhecimento acumulado, em termos do que esse conhecimento significa para a pessoa, é uma fonte de dados que pode completar e esclarecer, mas não substituir a experiência a ser trabalhada pelo pensar. Assim sendo, é dentro do campo de significados próprio e pessoal de cada um, que se localizam as indicações mais relevantes para exercitar o pensamento intuitivo e estimular a criatividade, isto é, para encontrar as maneiras de ajudar a pessoa a aprender a pensar acima e além dos dados concretos e conhecimento disponível.

Quando falamos em sensações e sentimentos, não estamos nos referindo propriamente à “emotividade”, mas àquela sensação interna, aquela certeza de que se está caminhando, que algo está acontecendo numa direção certa, embora não se “saiba” exatamente qual é essa direção. Também não se deve fechar os sentimentos à inteligência, e vice-versa, pois se a percepção e compreensão do mundo acontece em termos pessoais, sentimentos e emoções têm papel relevante.

É possível acumular conhecimentos fragmentados sobre um assunto, mas para se “pensar” há que haver uma âncora de significados, sensações, impressões e percepções subjetivas, que somente emergem na vivência real, no intercâmbio continuado entre as pessoas e o mundo, no borbulhar ininterrupto de fatos, ações, reações, e sensações que constituem o recheio da vida de cada dia.

É a volta ao eterno princípio de basear o trabalho educativo na vida real, no mundo do educando, definido da maneira mais ampla e abrangente possível, sem perder, no processo, a sua âncora de realidade. A ausência de “vida real” dificulta o pensamento intuitivo, pois se a intuição trabalha à base de impressões e sensações, mais do que com símbolos e dados, seria difícil acioná-la a partir da leitura de um texto, ou de ouvir uma exposição, por exemplo.

Para nós esse é o desafio: visualizar uma nova configuração pedagógica, de modo que essas e outras idéias entrem no contexto do trabalho educacional, como maneiras de liberar a mente, a pessoa, a alma, os sentimentos, a imaginação, a percepção, a inteligência... enfim, todo o ser, para buscar, em totalidade integrada e harmoniosa, o objetivo maior da Educação, que é aprimorar o ser humano e aperfeiçoar a qualidade da sua vida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Allyn and Bacon, Boston Getzels, J. *Problem finding and the Nature and Nurture of Giftedness*. Gifted Children, New York: Trillium Press, p. 1-20, 1982.

Bruner, J. *O Processo da Educação*. São Paulo: Ed.Nacional, Cap. 5, 1968.

Combs, A. *Um novo conceito de inteligência: Inteligência do ponto de vista perceptual*. Tradução de artigo. *Journal of Abnormal and Social Psychology*, 41, p. 662-673, 1952.

Gallagher, J. e Gallagher, S. *Teaching the Gifted Child*. 1994.

Guenther, Z. *Inventividade, Criatividade, Inteligência e Educação de Bem Dotados*. *Educação em Debate*. Fortaleza: Ano 9, No. 12, p. 59-68, 1986.

Guenther, Z. *Educando o Ser Humano - uma abordagem da Psicologia Humanista*. Campinas: Mercado das Letras, 1997.

3. Continuando nossa conversa...Técnica do pensamento criador (1h)

O coordenador deverá solicitar aos participantes que se alinhem em círculos (podem reorganizar as mesas, ou somente as cadeiras; ou ainda, sentar-se no chão, ou no pátio embaixo de uma árvore).

Em seguida, deverá entregar, a cada participante, uma folha de papel, na qual deverão ser registradas as respostas para cada item apresentado.

Serão concedidos **dois minutos** para que os participantes se expressem, em cada item proposto.

Ao término do exercício, o coordenador deverá solicitar que as respostas sejam lidas e discutidas pelo grande grupo, quanto à diversidade de conteúdo e às particularidades de cada resposta.

MÓVEIS FALANTES:

IMAGINE O QUE ACONTECERIA SE OS OBJETOS FALASSEM.

O QUE ELES TERIAM A DIZER A VOCÊ? ¹

- Sua escova de dentes?
- O espelho de seu banheiro?
- Seu livro predileto?
- Seus sapatos?
- Seu cobertor?
- Sua mesa de trabalho?
- Sua caneta?
- Seu relógio?
- Seu disquete?
- Seu chinelo de dormir?
- Sua agenda?
- Sua impressora?
- Seu prato do almoço?
- Seu aparelho de som?
- Seu armário do banheiro?
- Sua gaveta de meias?
- Sua pia de cozinha?
- Suas plantas?

4. Para finalizar nossa conversa...Técnica de pensamento criador (1 h)

O formador deverá, agora, solicitar aos participantes que se re-agrupem em subgrupos de até quatro pessoas, entregando, a cada um, uma folha de papel, na qual deverão ser registradas as respostas para cada item proposto.

¹ Atividade baseada no exercício “Móveis Falantes”, página 82, do livro Toc Toc... Plim Plim! Lidando com as Emoções, Brincando com o Pensamento através da Criatividade. VIRGOLIM, A. M. R., FLEITH, D. S. & NEVES-PEREIRA, M. Campinas, SP: Ed. Papirus, 1999. 1ª Edição.

Serão concedidos **dois minutos** para que os participantes se expressem, em cada item proposto.

Ao término do exercício, o coordenador deverá solicitar que as respostas sejam lidas e discutidas pelo grande grupo, quanto à diversidade de conteúdo e às particularidades de cada resposta.

DANDO RECEITAS: QUAL SERIA A RECEITA DO GRUPO PARA:

Interesse em matemática

4 copos de...
_ litro de...
2 colheres de sopa de...
1 xícara de chá de...
1 pitada de...
Talento para artes
2 copos de...
_ de litro de...
3 colheres (de sopa) de...
_ xícara (de chá) de...
1 pitada de...

Habilidade para esportes

1 copo de...
1 litro de...
_ colher de...
1 xícara (de chá) de...
1 pitada de...

Habilidade criativa

3 copos de...
_ litro de...
5 colheres (de sopa) de...
3 xícaras (de chá) de...
1 pitada de...

Exercício “ Dando Receitas”, mesma referência bibliográfica citada na nota de rodapé da página anterior (Toc Toc... Plim...Plim).

15. METODOLOGIAS E ESTRATÉGIAS DE ATENDIMENTO PEDAGÓGICO NA ÁREA DA SUPERDOTAÇÃO - V



TEMPO PREVISTO

08 horas



FINALIDADE DO ENCONTRO

Promover condições para que cada participante se familiarize com estratégias e alternativas metodológicas mais utilizadas no atendimento pedagógico ao superdotado.



SEQÜÊNCIA DE ATIVIDADES

Este encontro deverá se constituir de diferentes momentos de interação, objetivando a construção do conhecimento sobre os principais aspectos que constituem a superdotação.

PERÍODO DA MANHÃ



TEMPO PREVISTO

04 horas



EXPECTATIVAS DE APRENDIZAGEM

Ao final deste período, o professor deverá ser capaz de:

- Identificar diferentes alternativas e estratégias de atendimento pedagógico ao superdotado;
- Estruturar planejamentos e atividades de estímulo de potenciais aos diferentes tipos de superdotação;
- Desenvolver alternativas didáticas de apoio e estímulo ao aluno superdotado.

CONTEÚDO

- Planos de trabalhos;
- O trabalho de pesquisa;
- Trabalhos individuais, grupais e diversificados;
- Superdotados diferentes, diferentes estratégias;
- Criatividade.

MATERIAL

- Estojos de lápis de cera e canetas hidrocor;
- Folhas de papel pardo;
- Folhas de papel ofício;
- Pincel atômico nas cores: azul, verde, vermelho, preto;
- Fita adesiva.

Texto:

Pereira, V.L.P. Alternativas de estímulo à diversidade na escola. Brasília: 2002.

1. Leitura e discussão sobre o texto (2 h)

Os professores deverão se organizar em trios, para fazer a leitura, a análise e a reflexão sobre o texto abaixo apresentado.

ALTERNATIVAS DE ESTÍMULO À DIVERSIDADE NA ESCOLA

Vera Lucia Palmeira Pereira

Produção de textos e leitura;

Desafios na Matemática;

Conhecer o mundo e o universo;

As ciências e a pesquisa;

Contextos históricos e sua compreensão;

A expressão artística na escola;

O corpo e suas expressões.

Sabe-se que a superdotação não se manifesta da mesma forma em todos os indivíduos. Existem tipos diferenciados de talentos e suas expressões se caracterizam por um conjunto de fatores e traços pessoais. Dificilmente o trabalho a ser desenvolvido com um grupo de alunos será similar ao desenvolvido, nas mesmas condições, com outro grupo, por terem esses aspectos diferenciais.

Durante o período da ação pedagógica, o professor deverá levar em conta os vários aspectos de seus alunos superdotados, (mencionados anteriormente na elaboração do plano de trabalho). Deverá também perceber o aluno como aprendiz e verificar qual a natureza de sua produção. Sem esse cuidado, o trabalho pedagógico poderá se tornar uma ação pouco efetiva, com aspirações de difícil operacionalização.

Perguntas que o professor se deve fazer sobre cada aluno:

- Quais as suas expectativas com relação ao trabalho a desenvolver?
- Qual a forma de organização de seu pensamento?
- Qual o aspecto de maior desempenho: área de execução ou área verbal / pensamento?
- De que forma prefere aprender?
- Apresenta alguma dificuldade para demonstrar o que sabe ou o que aprende?
- Quais formas pessoais são estimulantes para o registro de suas descobertas?

Diante de tais reflexões, será possível estabelecer algumas sugestões de atividades nas várias áreas de expressões do aluno com superdotação, observando suas características pessoais, sociais e afetivas.

PERFIL ACADÊMICO

O aluno de perfil acadêmico apresenta uma certa disposição para executar, com facilidade, atividades nas áreas acadêmicas e extra-curricular e que exijam conhecimento específico, interesses, desempenho, informações e atividades variadas para registrar o conhecimento.

O aluno com perfil acadêmico pode destacar-se em uma área específica ou em um conjunto de áreas. Um aluno pode ter grande facilidade para matemática, desempenho regular em ciências físicas e biológicas, dificuldades em português. Outro aluno pode ter destaque no conjunto de todas as matérias.

Seguem algumas sugestões de atividades que causaram grande prazer para alunos de ensino fundamental, desenvolvidas em experiências pedagógicas de salas de recursos do Distrito Federal.

PERFIL MATEMÁTICO

Além dos projetos de pesquisa de interesse do aluno, algumas alternativas são eficazes para o estímulo do raciocínio lógico-matemático:

- Elaboração e resolução de problemas;
- Montagem de tabelas matemáticas, projetos e outros;
- Construção de jogos, passatempos e números cruzados;
- Elaboração de cartazes e murais;
- Elaboração de charadas matemáticas;
- Construção de gráficos e sólidos geométricos;
- Confeção de maquetes com diferentes materiais;
- Resolução de desafios matemáticos;
- Reflexão crítica de situações matemáticas;
- Exploração (da matemática) de situações práticas e de vida diária;
- Análise de possibilidades matemáticas em jogos de xadrez, senha, tangram, damas, Torre de Hanói, Lego e jogos coletivos como: futebol, vôlei, basquete, bolinhas de gude, entre outros.
- Execução de exercícios lógicos e quantitativos;
- Visitas e passeios a locais de pesquisa em matemática;
- Encontros de discussões na área da matemática com profissionais de diversas áreas: estatística, física, matemática, engenharia, mecânica, construção, psicologia, educação, entre outros.

Outras atividades que permitam o crescimento do aluno podem ser desenvolvidas, tendo como base o processo exploratório e lúdico da matemática. Alguns personagens da história aliaram suas descobertas a momentos e grande prazer e envolvimento às áreas que tinham interesse especial e descobriram novos caminhos e conceitos.

Observe o pensamento de Isaac Newton:

“Não sei como o mundo me julga, mas a mim próprio, parece-me que tenho sido uma criança que brinca na praia e que se diverte quando encontra uma pedra mais lisa do que outra, ou uma concha mais bonita do que as comuns, enquanto o imenso oceano de verdade jazia perante mim como uma incógnita....” (Isaac Newton apud Strother 1981).

PERFIL SOCIAL: HISTÓRIA / GEOGRAFIA

Além dos projetos de pesquisa de interesse do aluno, algumas alternativas são eficazes para o estímulo do conhecimento sócio-histórico:

- Estudos e elaboração de maquetes e mapas;

- Estudo, resumo e ilustrações bibliográficas de personalidades históricas e suas contribuições;
- Dramatização de fatos sócio-históricos e culturais;
- Leitura e interpretação de mapas, globo e maquetes;
- Construção de linhas de tempo;
- Leituras e interpretação de textos com temas sóciohistóricos, descobertas científicas, entre outros;
- Preparação de material audiovisual;
- Elaboração de esquemas;
- Realização de passeios, excursões e visitas socioculturais;
- Organização de murais, exposições e feiras culturais;
- Confecção de quebra-cabeças, palavra cruzadas, passatempos, jogos de conhecimento informativo;
- Elaboração de álbuns;
- Atividades experimentais de observação social;
- Levantamento de dados e acompanhamento e discussões de campanhas sociais promovidas por órgãos públicos e privados (combate à violência, campanhas de trânsito, combate às drogas, combate ao trabalho infantil, comemorações culturais entre outros);
- Visitas a museus, bibliotecas e espaços culturais;
- Entrevistas com historiadores, escritores, arqueólogos, sociólogos, responsáveis por acervos históricos, antigos moradores locais e personagens de fatos históricos.

PERFIL CIENTÍFICO: CIÊNCIAS

Além dos projetos de pesquisa de interesse do aluno, algumas alternativas são eficazes para o estímulo do raciocínio científico:

- Elaboração de fichas de informações científicas;
- Contatos e acompanhamentos de trabalhos com especialistas da área;
- Organização de álbuns, murais e revistas científicas;
- Realização de experimentos;
- Elaboração de cartazes e ilustrações;
- Elaboração de desenho e álbuns de recortes relativos a experiências realizadas;
- Observação e análise de fenômenos naturais e induzidos;
- Realização de excursões de estudos e visitas a laboratórios de pesquisa em ciências;
- Confecção de jogos, brinquedos e inventos;
- Construção e montagem de aparelhos e instrumentos gerais;
- Preparação de material em transparências, produção de textos e outros;

- Leituras informativas com exercício de formulação de hipóteses;
- Elaboração de esquemas, roteiros e estratégias;
- Criação de histórias em quadrinhos, folder de informações e documentos de registro;
- Elaboração de comentários de programas de rádio, TV, cinema relativos à área de ciências;
- Participação em feiras de ciências e tecnologia;
- Estudo do perfil e contribuições de vários pesquisadores e cientistas da área.

PERFIL COMUNICATIVO: COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO

Dentre as várias atividades que podem ser exploradas no campo da comunicação e expressão, o prazer e a competência na produção devem ser elementos motivadores do processo de atendimento. Alguns alunos se destacam na expressão verbal, outros na expressão escrita e ainda outros na expressão gestual. Cabe ao professor estimular, ao máximo, as várias formas de comunicação e oportunizar ao aluno um crescimento abrangente de suas expressões.

O enriquecimento ou aprofundamento das atividades deve ampliar a oferta comum das escolas regulares, trazendo novas experiências, diversificando os usos comuns da linguagem e aprofundando os domínios lingüísticos.

Segundo Freinet:

“O aluno deve sentir o valor, o sentido, a necessidade, o alcance individual e social da escrita-expressão”.

Além de projetos de pesquisa de interesse do aluno, algumas alternativas são eficazes para o estímulo da comunicação e da expressão:

- Produção de textos livres e dirigidos;
- Elaboração de relatórios escritos e orais de: leituras, observações, excursões e experiências;
- Discussão, elaboração e publicação do jornal da turma ou da escola;
- Preparação de esquemas de discussão;
- Leitura comentada de jornais, revistas e livros;
- Elaboração de resenhas literárias;
- Resumo de obras ou artigos literários;
- Criação e elaboração de histórias;

- Produção de textos variados;
- Criação e produção de histórias em quadrinhos;
- Elaboração de textos poéticos, narrativos, descritivos, fictícios e românticos;
- Criação de textos publicitários e slogans;
- Dramatização e criação de peças teatrais;
- Confecção de diários;
- Elaboração e ilustração de cartazes, painéis, quadro de avisos e murais;
- Elaboração e resolução de palavras cruzadas e passatempos;
- Desenvolvimento de roteiros de entrevistas;
- Elaboração de meios alternativos de comunicação;
- Relato e discussões de filmes e noticiário de jornais;
- Estudo e análise dos padrões usuais da língua e suas variantes culturais.

PERFIL INTELECTUAL

Os alunos com características de capacidade intelectual geral, geralmente gostam de enfrentar desafios de pensamentos que envolvem resolução de problemas, rapidez, perspicácia, análise de possibilidades, memória, habilidade de generalizar e criar princípios. Alternativas interessantes podem advir do trabalho com:

- Ferramentas para pensar (Modelo de Edward de Bono);
- Desafios do raciocínio lógico;
- Análise de fatos e fenômenos da vida cotidiana;
- Desafios de compreensão e significados de fórmulas matemáticas, leis da física, entre outros;
- Análise de questões essenciais e idéias genéricas;
- Análise de situações metacognitivas;
- Observação;
- Comparação;
- Classificação;
- Coleta e organização de dados;
- Busca de suposições;
- Formulação de hipóteses;
- Aplicação de princípios em novas situações;
- Exercício de Crítica;
- Estímulo ao processo decisório;
- Interpretação de dados;
- Enigmas, entre outras atividades.

PERFIL DE LIDERANÇA

Os trabalhos ou atividades em que podem ser aproveitados ou aperfeiçoados os talentos na área da liderança são vários, freqüentemente, envolvendo atividades com grupos e situações em que esse aspecto se torne mais evidente. Entre as possibilidades, serão listadas algumas em que o aluno, com superdotação, pode se beneficiar e experimentar estratégias de otimização social:

- Desenvolvimento de trabalhos em monitoria;
- Estímulo de trabalhos em tutoria de grupos;
- Organização de campanhas;
- Elaboração de atividades sociais, recreativas e pedagógicas;
- Estudo de técnicas de apresentação em público;
- Participação em trabalhos em grupos;
- Estudo da história de líderes das civilizações;
- Entrevistas e contatos com pessoas empreendedoras e de reconhecida liderança no contexto social, político, empresarial, artístico e científico.

PERFIL ARTÍSTICO: ARTES CÊNICAS, MUSICAIS, VISUAIS E DANÇA

São várias as expressões a seres estimuladas na área do talento. O professor pode enriquecer as áreas específicas de talento propondo a combinação de outras a fim de estimular ou enriquecer as habilidades de seus alunos.

Música

- Atividades de estímulo da linguagem sonora;
- Exercícios de percepção sonora;
- Criação de estruturas sonoras com estilo próprio;
- Reprodução de distintas estruturas e parâmetros sonoros;
- Atividades de interpretação de diferentes estilos musicais;
- Práticas de abstração sonora;
- Atividades de pesquisa dos diferentes ritmos sonoros;
- Trabalhos de desafios visuais e auditivos com parâmetros musicais;
- Análise e estudo de diferentes estilos musicais;
- Execução e interpretação de obras musicais de vários estilos e origens;
- Criação de jingles;
- Atividades de improvisação sonora e vocalização;
- Criação de partituras musicais originais;
- Estudo dos diferentes períodos históricos musicais e análise de seu contexto social;

- Estudo dos diferentes instrumentos musicais e suas amplitudes sonoras;
- Estudos dos compositores de interesse do aluno e suas contribuições na área musical.

Artes visuais

- Atividades de composição plástica utilizando materiais diversos;
- Estudo das possibilidades do agrupamento e equilíbrio de imagens;
- Trabalhos plásticos que envolvem a pesquisa de linhas, cores, texturas, contrastes, volumes, ritmos, formas, espaços, espessuras, dimensões, perspectivas entre outras possibilidades;
- Estudo e exploração de temáticas folclóricas;
- Pesquisa de materiais alternativos e estímulo à aplicação e práticas originais;
- Visitas e passeios de estudo a museus, exposições e mostras de artes;
- Estudo dos diferentes períodos históricos plásticos e análise de seu contexto social;
- Estudo dos diferentes períodos da história da arte e suas expressões;
- Estudos dos artistas plásticos de interesse do aluno e suas contribuições no contexto plástico mundial, brasileiro ou regional.
- Elaboração de pesquisas na área plástica;
- Estruturar exposições e mostras de trabalhos desenvolvidos;
- Análise das principais características da arte nos diferentes períodos históricos;
- Realização de trabalhos artísticos diversos.

Artes Cênicas (teatro)

- Elaboração de textos dramáticos;
- Exercícios de estímulo de composição de personagens diversos;
- Estudo de uso da voz e interpretação;
- Exercícios de expressão facial, gestual e corporal;
- Contato com artistas, visitas a eventos teatrais, estudo dos movimentos teatrais de sua comunidade;
- Elaboração de pesquisa cênica.

Dança

- Flexibilidade corporal para vivenciar experiências rítmicas;
- Sensibilidade para reconhecer e participar de manifestações artísticas;
- Desenvolver gosto para liberdade de expressão corporal.

PERFIL PSICOMOTOR

O aluno que apresenta uma habilidade especial na área psicomotora, geralmente tem como característica marcante uma grande atividade

corpóreo-cinestésica. Pode ser expressa em atividades desportivas, precisão em manipular instrumentos e ferramentas e ainda revelar grande talento para montar e desmontar equipamentos e jogos de blocos para montagem.

O aluno pode ser encaminhado a várias possibilidades de atendimento incluindo práticas desportivas, oficinas de mecânica, elétrica e montagem de aparelhos, bem como acompanhamentos perceptivo-motores. Entre as várias possibilidades, destacam-se algumas atividades estimulantes:

- Exercícios de precisão motora;
- Desenvolvimento de projetos que envolvam áreas mecânicas, motoras e destrezas motrizes;
- Atividades práticas de campo que envolva velocidade precisão, força, resistência, controle e coordenação motora;
- Confecção e resolução de saídas em labirintos;
- Consertos de objetos, brinquedos, objetos, ferramentas, aparelhos elétricos e eletrônicos;
- Atividades de jogos físicos recreativos e competitivos;
- Exercícios de velocidade e precisão perceptivas;
- Atividades de destreza dígito-manual;
- Estudo de modalidades esportivas e técnicas de uso corporal.

Perfil Criativo-Produtivo

Por ter o aluno uma grande imaginação, pensamento fluente e inúmeras possibilidades de ações no pensamento e aperfeiçoamento de suas habilidades, as atividades na área da criatividade são muito flexíveis e bem aceitas. Podem ser destacados exercícios de pensamento criativo envolvendo:

- Tempestade de idéias;
- Estruturação de idéias através de diagramas, esquemas e mapas;
- Exercícios de imaginação;
- Resolução de problemas;
- Elaboração de estratégias em situações improváveis;
- Adivinhação através de pistas ou mapas informativos;
- Habilidades de questionamento de informações diversas: visuais, verbais, cinestésicas e auditivas;
- Criação de slogans, textos e legendas com originalidade;
- Exploração de textos: (criação de títulos, desenvolvimento para um texto ou conclusão de uma história);
- Análise de características ou qualidades de objetos (atributos);
- Exercícios de associação, fluência, originalidade, elaboração de idéias;
- Atividades de melhoramento de produtos e idéias;
- Atividades propondo analogias, metáforas e paradoxos.

À medida que professor e aluno buscam juntos desenvolver competências,

habilidades e talentos, benefícios serão observados, em todas as áreas. O respeito às necessidades dos alunos e o conhecimento de métodos e estratégias a serem implementados pelo professor, tornam-se o diferencial no atendimento ao aluno superdotado. O objetivo é viabilizar o sucesso do aluno e dos seus professores, tornando-os companheiros de descobertas e aprendizagens significativas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALENCAR, E. S. de.** *O Processo da criatividade*. São Paulo: Makron Books, 2000.
- ANTUNES, C.** *Manual de técnicas de dinâmica de grupo de sensibilização de ludopedagogia*. Petrópolis: Vozes, 1993.
- Brasil.** *Programa de capacitação de recursos humanos do ensino fundamental. Superdotação e talento*. Série Atualidades Pedagógicas, Vol. 1. Brasília: MEC/SEESP, 1999.
- FREEMAN, J. e Guenther, Z.C.** *Educando os mais capazes; idéias e ações comprovadas*. São Paulo: EPU, 2000.
- KIRK, S.A. e Gallagher, J.J.** *A Educação da criança excepcional*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- NOVAES. M. H.** *Desenvolvimento Psicológico do Superdotado*. São Paulo: Atlas, 1979.
- WECHSLER, S.M.** *Criatividade, descobrindo e encorajando*. São Paulo: Psy, 1998.

2. Apresentação e síntese das respostas, em plenária (1 h)

As respostas produzidas pelos participantes deverão ser apresentadas à plenária. Após a discussão, o formador deverá viabilizar a elaboração de uma síntese que represente o fundamental no pensar dos participantes.

3. Produção de texto, em pequenos grupos (45 min.)

Baseando-se no conteúdo abordado nos encontros anteriores, cada grupo deverá comentar as diferentes alternativas de atividades pedagógicas apresentadas e (tendo como parâmetro as diferentes características de

expressão da superdotação) produzir um texto que deverá ser entregue ao coordenador, após apresentação em plenária.

1. A mãe de uma criança, com características de superdotação, informou à escola (em que estava matriculando seu filho) os aspectos e talentos que caracterizavam as habilidades criativas e talentosas da criança. A direção orientou-a a procurar atividades extras que pudesse atender seu filho, pois eles não estavam aptos a acompanhar crianças com superdotação nesta área.

O que você pensa sobre isso? Justifique sua opinião, quanto:

- À decisão da família de informar a escola sobre as características de seu filho.
 - Ao condicionamento da matrícula da criança a atividades extras.
 - Ao desconhecimento da escola a respeito de ofertas pedagógicas na área da superdotação.
2. Que capacidades são esperadas para o desenvolvimento de alunos com superdotação na escola?

4. Leitura do texto à plenária (15 min.)

Para finalizar as atividades do período, cada grupo deverá fazer a leitura do texto produzido, para os demais participantes, entregando-o, então, ao coordenador.

PERÍODO DA TARDE

TEMPO PREVISTO

04 horas



EXPECTATIVAS DE APRENDIZAGEM

Ao final deste período, o professor deverá ser capaz de:

- Identificar características comuns ao aluno com altas habilidades/superdotação;
- Discutir sobre possíveis problemas decorrentes do não atendimento educacional adequado a tais características.



CONTEÚDO

- Características comuns em alunos com altas habilidades/superdotação;



- Problemas freqüentes em alunos com altas habilidades/superdotação, quando inadequadamente atendidos em suas necessidades educacionais especiais.



MATERIAL

- Estojos de lápis de cera e canetas hidrocor;
- Folhas de papel pardo;
- Folhas de papel ofício;
- Pincel atômico nas cores: azul, verde, vermelho, preto;
- Fita adesiva.

- **Texto:**

Brasil. *Programa de Capacitação de Recursos Humanos do Ensino Fundamental/Superdotação e Talento*. Série Atualidades Pedagógicas. Volume 1. Brasília: MEC/SEF/SEESP, 1999.



SEQÜÊNCIA DE ATIVIDADES

1. Leitura e discussão sobre o texto (40 min.)

Iniciando as atividades deste encontro, o formador deverá solicitar aos participantes que se subdividam em pequenos grupos, de até quatro pessoas, para leitura do texto abaixo apresentado. Sugere-se que, na discussão, os subgrupos procurem enfatizar a discussão sobre as situações que já encontraram, nas quais se manifestam as dificuldades de adaptação do aluno superdotado, no contexto da sala de aula regular.

CARACTERÍSTICAS E PROBLEMAS DE APRENDIZAGEM DOS SUPERDOTADOS

Entre as várias contribuições relacionadas a aspectos das pessoas superdotadas, May W. Segoe correlacionou as seguintes características da superdotação, e os problemas possíveis de serem encontrados em situações de aprendizagem. Esta abordagem é de grande importância, visto ser em situação escolar que muitas das características enunciadas se fazem destacar:

Características	Problemas Concomitantes
1. Poder agudo de observação; receptividade natural; senso do significativo; prontidão para examinar o diferente.	1. Rejeição social; inovação do sistema de valores.
2. Poder de abstração, conceituação e de síntese, interesse na aprendizagem indutiva e resolução de problemas; prazer na atividade intelectual.	2. Resistência ocasional à direção; rejeição ou omissão de detalhes.
3. Interesse nas relações causa efeito, habilidade para perceber relações; interesse na aplicação de conceitos; amor à verdade.	3. Dificuldade em aceitar o ilógico.
4. Gosto pela estrutura e ordem; gosto pela consistência, seja no sistema de valores, de números ou calendários.	4. Invenção dos próprios sistemas, por vezes, em conflito.
5. Capacidade de retenção.	5. Desinteresse pela rotina; necessidade de precoce domínio das habilidades fundamentais.
6. Em alguns casos: proficiência verbal; amplo vocabulário; facilidade de expressão; interesse na leitura; extensão na informação das diversas áreas.	6. Necessidade precoce de especialização nas áreas de seu interesse; incompreensão e resistência dos pais, fuga no verbalismo.
7. Atitude de indagação, curiosidade intelectual, espírito inquisidor; motivação intrínseca.	7. Falta de estimulação familiar e escolar, desde cedo.
8. Poder de pensamento crítico; ceticismo, avaliação e auto-afirmação.	8. Atitude crítica para com os outros; desencorajamento da autocrítica.
9. Criatividade inventiva; inclinação para novas maneiras de ver as coisas; interesse em criar, na livre expressão de gerar idéias.	9. Rejeição do já conhecido; necessidade de inventar para si mesmo.

Características	Problemas Concomitantes
10. Poder de concentração e prolongamento de atenção, desde que seja no campo e exclusivo de seu interesse.	10. Resistência à interrupção.
11. Comportamento persistente e dirigido para metas.	11. Obstinação.
12. Sensibilidade, intuição, empatia para com os outros; necessidade de suporte emocional e atitude simpática, envolvimento do ego.	12. Necessidade de sucesso e reconhecimento; sensibilidade à crítica; vulnerabilidade à rejeição dos colegas.
13. Muita energia, vivacidade, agilidade, períodos de intenso e voluntário esforço precedentes aos da invenção.	13. Frustração com a inatividade e ausência de progresso.
14. Independência no trabalho e estudo; preferência pelo trabalho individualizado; autoconfiança; necessidade de liberdade de movimento e de ação; necessidade de viver em solidão.	14. Não conformismo com as pressões dos pais e grupos de colegas; problemas de rejeição e de rebeldia.
5. Versatilidade e virtuosidade; diversidade de interesse e habilidades; muitos passatempos, competência em diversas modalidades de arte, como música ou desenho.	15. Falta de homogeneidade no trabalho de grupo; necessidade e flexibilidade e individualização; necessidade de ajuda para explorar e desenvolver interesses; necessidade de adquirir competências básicas nos interesses prevaletentes.
16. Companheirismo e afabilidade.	16. Necessidade de relações sociais em diversos tipos de grupos; Problemas no desenvolvimento da liderança social.

É importante ressaltar que não há um padrão único de comportamento para esses alunos, nem todas as características enumeradas anteriormente podem ser observadas na mesma pessoa. Em geral, os alunos apresentam-se traços, facilmente percebidos quando o professor está sensível para uma observação mais acurada, ou quando ele tem conhecimento da existência das características e consegue perceber o grau de intensidade em que elas se manifestam em determinadas pessoas.

O quadro apresentado retrata algumas das dificuldades de adaptação escolar mais freqüentes em alunos com superdotação. São elementos de grande importância, uma vez observam-se os aspectos dificultadores do processo de aprendizagem, que podem estar presentes em alguns casos.

Os professores podem observar os comportamentos de seus alunos, sob uma nova ótica. A partir das dificuldades observadas, identificar as características do aluno e buscar alternativas para a superação de suas dificuldades. Em alguns casos, pequenas mudanças são suficientes para que o processo de ensino e aprendizagem ocorra de forma mais agradável e produtiva para o aluno, para o grupo, ou para o professor.

2. Atividade prática, em pequenos grupos (1 h)

Terminada a leitura e a discussão sobre o texto acima, os participantes deverão escolher uma, ou duas características, e criar uma dramatização sobre o fenômeno.

Esta representação deverá contar com os **atores** e um **locutor**, que deverá historiar e contextualizar, **em dois atos**, as questões abordadas durante a dramatização.

Para o primeiro ato, o grupo deverá **criar um personagem, contextualizá-lo historicamente**, tanto no que se refere a sua **biografia** e às **características que apresenta**, como ao **processo de desenvolvimento do(s) problema(s)** por ele apresentado.

Para o segundo ato, o grupo deverá mostrar a escola, em interação com esse aluno-personagem, por meio de estratégias pedagógicas que lhe permitam o aproveitamento de suas características de forma construtiva e cooperativa.

3. Apresentação das dramatizações para a plenária (1 h)

Cada grupo deverá, então, apresentar sua dramatização para os participantes, os quais devem ser orientados, pelo coordenador, a anotar os comentários, críticas, opiniões e sugestões, para posterior discussão.

4. Discussão em Plenária (1 h)

Após o término das apresentações, o formador deverá organizar a discussão dos participantes sobre os conteúdos apresentados, nas diferentes dramatizações, sobre as estratégias criadas para a professor saber lidar com o aluno superdotado, e os efeitos dessas intervenções, no enriquecimento educacional e social do referido aluno.

5. Avaliação (20 min.)

Comentário pessoal sobre a trajetória de desenvolvimento do participante ao longo do processo de aprendizagem do curso, pontuando as expectativas e crescimento pessoal e profissional, no que se refere à área da superdotação.

